

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO**

Liciane Rossetto Ferreira

COMPETÊNCIAS PARA ENSINAR TURISMO

Dissertação de Mestrado

Florianópolis, 2002

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em
Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis, 2002

Ficha Catalográfica

FERREIRA, Liciane Rossetto. **Competências para ensinar turismo**. 2002. 155f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

Liciane Rossetto Ferreira

COMPETÊNCIAS PARA ENSINAR TURISMO

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 16 de dezembro de 2002.

Prof. Edson Paladini PhD
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.
Orientador

Prof. Francisco Pereira da Silva, Dr.

Prof^a. Elaine Ferreira, Dra.

À Deus toda honra, toda glória
e todo o louvor para sempre.
Ao meu marido e a nossa família.
Ao Quesa (*in memoriam*).

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina.
Ao orientador Prof. Dr. Francisco A. P. Fialho,
pelo acompanhamento pontual e competente.

Ao amigo e irmão Francisco Pereira,

À minha família

e a Igreja de Cristo,

Aos professores do Curso de Pós-Graduação

A Dra Margarita Barretto pelas sugestões

...

...

A todos os que direta ou indiretamente

contribuíram para a realização

dessa pesquisa

a autora agradece o apoio

recebido na elaboração

do trabalho.

“Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda;
ensina ao justo, e ele crescerá em prudência”.

Provérbios 9:9

Resumo

FERREIRA, Liciane Rossetto. **Competências para ensinar turismo**. 2002. 155f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

O desenvolvimento do setor de viagens e turismo tem chamado a atenção de investidores, governos e pessoas em busca de inserção ou re-inserção profissional, por se caracterizar fundamentalmente no setor de serviços, há múltiplas possibilidades de empregos e negócios. Estes fatores atraíram também o interesse de Instituições de Ensino Superior quanto à oportunidade de oferta de cursos de graduação em turismo, que teve uma forte expansão nos últimos cinco anos. O crescimento da oferta acarretou na demanda por docentes qualificados para o ensino no turismo.

A educação tem sido alvo permanente de estudos, pesquisas e novas teorias, o contexto do mundo contemporâneo apela ao desenvolvimento de indivíduos conscientes e autônomos, o que trouxe a pauta uma das propostas atuais em destaque que é a de construir competências, e nesse sentido o papel do educador passa necessariamente por uma revisão.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em turismo estão claramente fundamentadas na construção de competências e no desenvolvimento de habilidades, deixando para traz o repasse de informações o desafio está em possibilitar ao egresso uma inserção profissional e social pró-ativa.

O objetivo geral desse trabalho é identificar as competências do docente em turismo. O pressuposto central é que para desenvolver bacharéis em turismo competentes é preciso que os educadores desenvolvam suas competências para ensinar. Caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, buscando conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos, com uma abordagem qualitativa, e de objetivo exploratório. Os procedimentos técnicos foram de pesquisa bibliográfica. No que se refere à metodologia científica a base lógica foi principalmente do método indutivo, por considerar o conhecimento fundamentado na experiência.

Palavras-chave: turismo, competências, formação de educadores.

Abstract

FERREIRA, Liciane Rossetto. **Competências para ensinar turismo**. 2002. 155f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

The development of the travel and tourism sector has called the attention of investors, governments and people who seeking for new job opportunities. Due to the fact that is a sector that deals fundamentally with services, there are a myriad of opportunities in terms of jobs and businesses. These factors have also appealed to colleges and universities in what refers to offering undergraduate courses in tourism, wich have grown substantially in the last five years. The growth of the offer afore mentioned resulted in the demand for qualified faculty for teaching of tourism.

Education has been a recurrent subject of studies, researches, and new theories; the contemporary world in which we live claims for the development of conscientious and autonomous individuals; that drew attention to one of current prominent proposals which advocates the constructions of competences. In this context, the role of educator has to go through of process of revision.

The National Curricular Guidelines for graduate courses in tourism are clearly built on the consctruction of competences and development of abilities, leaving behind the mere conveying of information. The chalenge is to find conditions to assist those who graduated to find pro-active professional and social position.

The general goal of this research is to identify the competences of the faculty from the tourism courses. The central assumption is that in order to create competent professionals holding a B. A. in tourism it is paramount that the faculty members develop their teaching competence. This is an applied research, which seeks results for the solution of specific problems, using a qualitative approach and having an explanatory gol. The procedures involved bibliographic revision. In terms of methodology, the logical basis was principally the inductive method, once it holds that knowledge is based on experience.

Key-words: *tourism, competences, formation of educators.*

Sumário

Lista de Figuras.	p. 14
Lista de Quadros	p. 15
Lista de Tabelas.	p. 16
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos	p. 17
1. INTRODUÇÃO.	p. 18
2. TURISMO: ORIGENS, CONCEITOS, CONTEXTO ATUAL E TENDÊNCIAS. .p. 24	
2.1 Dos deslocamentos humanos ao turismo: algumas características das viagens.	p. 24
2.1.2 O início do turismo moderno.	p. 28
2.1.3 Após a Segunda Guerra Mundial o Turismo Contemporâneo.	p. 30
2.2 Aspectos Conceituais	p. 30
2.3 Contexto atual da atividade e tendências	p. 34
2.3.1 Duas fortes tendências: ética e sustentabilidade.	p. 38
2.3.1.1 Código de ética mundial para o turismo	p. 38
2.3.1.2 Os 10 Princípios e desafios para um desenvolvimento sustentável do turismo no século 21.	p. 43
3 A EDUCAÇÃO NO TURISMO	p. 46
3.1 A educação como variável estratégica no desenvolvimento do turismo	p.52
3.2 Competências para o turismo e a hospitalidade	p. 55
3.3 Novas tendências em educação turística	p. 61
4 O ENSINO E O PAPEL DO EDUCADOR	p.65
4.1 Algumas Bases da Nova Educação	p 73
4.2 Papel do educador: despertando águias	p. 75
4.2.1 Auxiliar a águia a deixar de ser galinha	p. 77
4.2.2 Quebrar barreiras nos professores para libertar também os alunos	p. 80

4.3 Educadores competentes	p. 82
5 COMPETÊNCIAS PARA ENSINAR TURISMO	p. 91
5.1 O elenco de competências para ensinar turismo	p. 95
5.2 A construção do educador competente	p. 101
CONCLUSÃO	p. 106
...	
...	
REFERÊNCIAS	p.111
APÊNDICE.	p.117
APÊNDICE A – Demonstrativo de Instituições de Ensino	p.118
APÊNDICE B – Perfil dos Docentes em Turismo do IPA	p.137
APÊNDICE C – Perfil dos Docentes em Turismo da ASSESC.	p.143
APÊNDICE D – Considerações sobre os Cursos Analisados.	p.149

Lista de figuras

Figura 1: Logomarca do Ministério de turismo de Israel	p. 25
Figura 2: Ecosofia	p. 78
Figura 3: Quatro Elementos Naturais no Comportamento Humano	p. 84
Figura 4: Cognição e Aprendizagem Docente	p. 102

Lista de quadros

Quadro 1: Chegada de Turistas Internacionais 1950-2000	p. 31
Quadro 2: Cursos de Turismo por Região do Brasil até 1996.	p. 46
Quadro 3: Cursos de Turismo Conforme Década de Início	p.47
Quadro 4: Cursos Autorizados ou Reconhecidos no período de 1995-2000	p. 47
Quadro 5: Cursos de turismo na Região Sul do Brasil	p. 48
Quadro 6: Nível de Escolaridade dos Profissionais do turismo em 1998	p. 52
Quadro 7: Docentes com Formação em Turismo	p. 92
Quadro 8: Bacharéis em Turismo com Titulação ou em Capacitação	p. 91

Lista de tabelas

Tabela 1: Importância Econômica do Turismo no Mundo	p. 35
Tabela 2: Código de Ética Mundial para o Turismo e Turismo: Princípios para Rio + 10	p. 44
Tabela 4: Saberes de Perrenoud e as Diretrizes Curriculares Nacionais	p.58
Tabela 5: Desafios da Educação	p. 67
Tabela 6: Pensadores e Pensamentos	p. 74
Tabela 7: 10 Novas Competências para Ensinar	p. 85
Tabela 8: As Competências e os Saberes	p. 86
Tabela 9: Competências e Ação Pedagógica	p. 97
Tabela 10: Competências para Ensinar e Diretrizes Curriculares Nacionais	p. 99

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

ABBTUR	Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo
ABDETH	Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria
CES	Câmara de Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
DANTE	Rede para o Desenvolvimento de Turismo Sustentável
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
IATA	Associação Internacional de Transporte Aéreo
IES	Instituições de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
OMT	Organização Mundial do Turismo
WTO	World Tourism Organization
WTTC	World Travel & Tourism Consil

1 INTRODUÇÃO

O principal setor produtivo do mundo desenvolvido se concentra hoje em dia no setor de serviços, sejam eles bancários, de comunicação, de vigilância, de transportes de assessoria ou consultorias e especialmente de lazer. Há estimativas que revelam que o setor de serviços constituirá nos próximos anos cerca de 70% das atividades econômicas mundiais.

Talvez um dos maiores desafios governamentais de hoje seja a geração de empregos, ou absorção de recursos humanos marginalizados pelo desemprego industrial. A possibilidade de realocação desses trabalhadores pelo setor de serviços, na geração de empregos através da atividade turística, anima as análises quanto às oportunidades, em especial, para países de terceiro mundo, como é o caso do Brasil.

Uma das características marcantes do turismo, enquanto atividade econômica, é seu efeito multiplicador de renda, onde todo e qualquer investimento realizado no setor retorna de diferentes maneiras, desde o aquecimento da economia local de forma direta em empreendimentos específicos à geração de empregos para a comunidade, trazendo um aumento do poder aquisitivo da população que passa a consumir outros itens da economia local, promovendo a desconcentração de renda e ainda a melhoria da qualidade de vida da população. Além do que, este incremento de consumo gera um aumento na arrecadação de taxas e impostos que retorna de forma indireta, com a captação de divisas.

Há uma acelerada evolução para a chamada “sociedade do lazer”, com especial referência aos países desenvolvidos ou chamados de primeiro mundo, onde o ser humano demanda cada vez mais de serviços ligados ao lazer para desfrutar do seu tempo livre. De acordo com Charles Handy, em sua obra *The Age of Unreason*, na década de trinta a esperança de vida era de 60 anos, equivalendo a 525.000 horas, contra o ano 2.000 onde a esperança de vida de 75 anos resulta em 657.000 horas. Também há o fato de que a semana de trabalho está diminuindo, assim como o número de horas por semana – atualmente na França a semana de trabalho é de trinta e seis horas -, o que acarretará em um aumento do tempo

disponível dessas pessoas para utilização em atividades de lazer, em viagens, nos esportes, etc.

O incremento do setor das viagens e turismo tem atraído atenção como segmento econômico em ascensão, a estimativa do WTTC – *World Travel & Tourism Council* – era de que no ano de 2001 a economia do setor de viagens e turismo gerasse 12.680.000 empregos, ou seja 8,5% do total dos empregos em nível global, com um em cada 11,8 trabalhadores. O número de brasileiros envolvidos no setor é cerca de dez milhões de pessoas, atuando em uma variedade de postos de trabalhos que se aproxima de cem profissões. Em pesquisa realizada pela Organização Mundial do Turismo (OMT) para o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) foram identificados cinquenta e dois itens da economia nacional incrementados pela atividade turística. Portanto, os profissionais que atuam no turismo trabalham em um setor dinâmico e com ótimas perspectivas do mercado futuro da atividade econômica mundial. As possibilidades de emprego, de desenvolvimento profissional e pessoal são, neste setor, muito promissoras, em uma profissão que consiste em fazer feliz os demais, atendendo e ocupando-se de pessoas. Isto representa uma oportunidade de desenvolver todo o potencial individual do ser humano, obtendo satisfação com o trabalho.

Por sua diversidade cultural e biodiversidade natural, distintamente distribuída por todo o território nacional, é quase que desnecessário ressaltar que o Brasil possui excelentes atrativos para o desenvolvimento da atividade turística, mas de nada serve um grande potencial sem que haja o devido aproveitamento. Além do que, o Brasil enfrenta a competição de outros destinos turísticos, que também oferecem ao mercado importantes atrativos e bons serviços. Hoje em dia, há mais de 400 zonas turísticas no mundo onde se podem encontrar ótimas localidades para o turismo, como no mar do Caribe, Mediterrâneo, Austrália e em muitos outros lugares do mundo onde está surgindo uma forte competição de mercado. Neste sentido, o principal objetivo já não é mais o de somente captar mais turistas, mas principalmente o de garantir que os atuais regressem, que sejam clientes fiéis e tragam seus amigos. Paralelamente, é notável a mudança no perfil dos turistas, especialmente no que diz respeito às motivações que determinam a escolha do destino, onde os viajantes estão cada vez mais exigentes.

A evidência de oportunidades para empreender em carreiras e negócios através do setor de viagens e turismo fez com que a procura pelos cursos de

formação específica, obtivesse um grande crescimento acompanhado de um considerável aumento da oferta, em especial na graduação em turismo¹. A formação profissional para o turismo está dividida em dois grandes segmentos um em nível técnico, que inclui funções básicas, e outro em nível superior. No entanto a oferta de cursos não acompanha a formação de profissionais para o ensino, e os cursos de turismo carecem de docentes preparados para atuação nas disciplinas profissionalizantes.

O crescimento da oferta dos cursos superiores de turismo trouxe à tona a discussão acerca da absorção desses profissionais pelo mercado, ao mesmo tempo em que se identifica a carência de pessoas qualificadas para docência em cursos de nível técnico e superior, além de toda gama de treinamentos exigida pela abertura de novos empreendimentos no setor. Tal percepção tem motivado as primeiras experiências no sentido de preparar educadores para o turismo.

Devido ao caráter multidisciplinar e interdisciplinar do turismo seria difícil propor um modelo padronizado de ensino, todavia é possível refletir sobre algumas variáveis que possam configurar em objeto de estudo e análise para a formação do profissional especializado na área. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura, o objetivo geral do bacharelado em turismo é formar um profissional apto a atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação, cujas opções possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente das sociedades onde são desenvolvidas, ou seja, a função principal da formação em turismo é de preparar o estudante para o planejamento e a gestão da atividade, neste sentido é preciso estruturar o programa curricular do curso de maneira que seja possível não somente assimilar rotinas de trabalho, mas principalmente, as relações humanas, sociais, econômicas e até mesmo as relações políticas, envolvidas entre aqueles que viajam e aqueles que recebem, além da interação com o meio ambiente.

A característica multidisciplinar da atividade já aponta o quanto é preciso que distintas áreas do conhecimento sejam abordadas, generalizando o estudo do turismo, assim como este estudo deve ser interdisciplinar, e aqui está o maior desafio - interligar, de forma harmônica, as disciplinas que formam o universo do

¹ Em 1996, de acordo com publicação da EMBRATUR - Instituto Brasileiro de Turismo - o número de cursos superiores de turismo no Brasil era de 34 reconhecidos, já em abril de 2001 a relação do Ministério da Educação exibia mais 122 cursos entre os autorizados e reconhecidos.

turismo. Cada disciplina geral deve, em seu desenvolvimento informar a cerca de assuntos pertinentes, mas sem perder de vista que seu objetivo será de aplicação no turismo e não de formação específica, assim como às disciplinas específicas cabe o papel de promover a interligação dos conhecimentos, buscando os elementos das demais áreas para aplicação prática, uma vez que cabe a instituição de ensino superior oferecer aos alunos oportunidades de exercer e aperfeiçoar seus conhecimentos na busca de métodos e técnicas para o melhor atendimento aos clientes, e promover o eficiente desenvolvimento de produtos, a operação e gestão responsáveis no mercado e o planejamento integrado de atividades de lazer e turismo.

Considerando que a atividade turística desponta como um forte segmento econômico e promissor para absorção de recursos humanos, é preciso que haja uma visão mais ampla de seu significado. O conjunto de relações provenientes do deslocamento humano contém as relações econômicas e comerciais, mas sobretudo as relações humanas, uma vez que esta atividade se fundamenta na prestação de serviços.

A proposta de realizar os estudos avançados no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção deu-se pelo fato de que essa é caracterizada pela abordagem interdisciplinar, que dá suporte para a construção cognitiva, objetivando o estudo, o projeto e a gerência dos sistemas integrados de pessoas, procurando melhorar a produtividade do trabalho e a qualidade do produto. A área de concentração em ergonomia cognitiva foi escolhida por sua abordagem na investigação de como os indivíduos obtêm e utilizam o conhecimento para guiar suas decisões e realizar ações eficazes.

Neste sentido, o estudo aqui proposto, busca propor uma análise da realidade do ensino do turismo, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC, visando destacar os aspectos que merecem maior atenção por parte das instituições de ensino e educadores, enfatizando a andragogia e a construção de competências, com a indicação das competências para a formação de educadores para o turismo.

A motivação deste trabalho é a descoberta das competências docentes para ensinar o turismo e a hospitalidade, uma motivação que nasceu no amor ao gratificante trabalho desenvolvido na educação e no profundo respeito ao ser humano em sua plena realização pessoal, seja como sujeito do turismo ou como profissional responsável pelas múltiplas relações provenientes da viagem humana.

O objetivo geral deste trabalho é identificar as competências do docente em turismo. Especificamente o que se pretende é apresentar a abordagem educacional das competências para formação profissional no turismo, com especial atenção as que se referem ao perfil do egresso da graduação, propondo alternativas que promovam um ensino mais próximo da realidade demandada pelo mercado e anseios dos estudantes. Também iniciar uma reflexão de qual seria a formação do educador competente em turismo.

O desenvolvimento deste trabalho teve início com canais informais de comunicação que forneceram as informações, motivando a busca por canais formais que comprovassem ou não as informações obtidas e proporcionassem a construção do conhecimento. A troca de idéias, a discussão e o *feedback* de algumas experiências ocorreu muitas vezes em um espaço onde o clima refletia muito mais um ambiente social do que uma rede científica, esse foi o espaço da sala dos professores. Esse espaço foi o ambiente onde as entrevistas não-estruturadas, os “desabafos”, a observação assistemática das relações foi realizada com mais intensidade ao longo do período em que eram cumpridos os créditos das disciplinas do mestrado. A riqueza dos relatos e das observações impulsionou a busca pela revisão bibliográfica e o aprofundamento teórico-científico das questões levantadas. O convívio da sala dos professores proporcionou a reflexão sobre a ação pedagógica e sobre sua relação com as teorias apreendidas.

Quanto à metodologia, esse trabalho foi concebido e realizado como uma pesquisa aplicada, buscando conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos, com uma abordagem qualitativa por considerar uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, e de objetivo exploratório, visando proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito. Os procedimentos técnicos foram de pesquisa bibliográfica. No que se refere à metodologia científica a base lógica foi principalmente do método indutivo, por considerar o conhecimento fundamentado na experiência.

A estrutura apresenta a seguinte forma: o primeiro capítulo contextualiza o turismo, sua base conceitual, sua evolução histórica até realidade atual com destaque para as tendências que se fortaleceram após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, em especial no que se refere aos princípios éticos, no respeito às questões ambientais e a justiça social. O objetivo é

dar a visão geral do turismo, seu desenvolvimento e contexto atual embasando o objeto de estudo do capítulo seguinte sobre a educação no turismo.

O segundo capítulo é dedicado a apresentar a educação no turismo, com um breve relato histórico dos cursos superiores de turismo no Brasil, a importância da formação em turismo, áreas de formação e novas tendências. Para confrontar as teorias estudadas, foi realizado um levantamento das instituições de ensino com curso superior de turismo, enfatizando a região sul do país, e a análise de dois cursos, um em Florianópolis, Santa Catarina, e um em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, visando exemplificar algumas afirmações.

O ensino e o papel do educador são as questões centrais do terceiro capítulo, onde são levantadas algumas teorias educacionais mais contemporâneas com especial ênfase as competências e ao trabalho realizado por Phillippe Perrenoud, é feito uso da analogia e de uma certa linguagem metafórica para apresentar o papel do educador até se chegar à identificação das competências dos docentes.

A parte final deste trabalho apresentará uma reflexão acerca das competências do docente em turismo, levantando algumas proposições para a formação destas competências para ensinar.

2 TURISMO: ORIGENS, CONCEITOS, CONTEXTO ATUAL E TENDÊNCIAS

Para a efetiva compreensão do significado da atividade turística, muito mais do que a apresentação de números e estatísticas que quantifiquem a rentabilidade econômica do setor é preciso “viajar” pela história, identificar alguns marcos que fundamentaram o desenvolvimento turístico, que deram sentido a palavra turismo e as características deste dinâmico setor. Dos registros apresentados pelos principais autores responsáveis pela produção científica do turismo no Brasil às publicações das entidades representativas do *trade* turístico, o objetivo aqui é de contextualizar a atividade turística para que a seguir sejam apresentadas questões relativas a educação em turismo.

2.1 Dos deslocamentos humanos ao turismo: algumas características das viagens

Os deslocamentos humanos sobre a face da Terra são tão remotos quanto à gênese do próprio ser humano. A etimologia da palavra turismo aceita mais de uma origem, e é ela quem aponta a diferença fundamental entre os tipos de deslocamentos, ajudando a compreender que o turismo sempre envolve uma viagem, mas que nem toda viagem é turismo. Uma possível origem aceita é a da palavra *tour* do francês que vem do latim vulgar *tornare*, que quer dizer giro, volta. O mesmo vocábulo *tour* foi incorporado ao inglês, por ocasião da dominação dos normandos, onde tem seu equivalente no *turn*, também com o sentido de volta. O *tour* era empregado para designar as viagens da aristocracia inglesa, em especial à Europa continental, a partir do século XVII (BARRETTO, 1995:43).

Há ainda outra hipótese para a origem da palavra turismo, levantada pelo pesquisador suíço Arthur Haulot (*apud* BARRETTO, 1995), que remete ao hebraico na palavra *tur*, significando viagens de reconhecimento. O primeiro aparecimento da palavra *tur* na Bíblia está no capítulo 13 do livro de Números, quando Moisés estava acampado no deserto de Parã, na península do Sinai, com o povo israelita recém saído do Egito, aproximadamente no ano 1445 a.C. Calcula-se que a população ultrapassava um milhão de pessoas, já que o recenseamento era feito somente com

os homens de idade superior aos vinte anos e totalizava seiscentos mil: “Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar mulheres e crianças”. Êxodo 12:37.

O assentamento era organizado em doze tribos segundo os doze patriarcas filhos de Jacó, de Parã Moisés envia um representante de cada tribo para “espiar” a terra de Canaã, próximo à atual Gaza.

“Enviou-os, pois, Moisés a espiar a terra de Canaã; e disse-lhes: Subi ao Neguebe e penetrai nas montanhas. Vede a terra, que tal é, e o povo que nela habita, se é forte ou fraco, se poucos ou muitos. E qual é a terra em que habita, se boa ou má; e que tais são as cidades em que habita, se em arraiais, se em fortalezas. Também qual é a terra, se fértil ou estéril, se nela há matas ou não. Tende ânimo e trazei do fruto da terra. Eram aqueles dias os dias das primícias das uvas”. Gn 13:17-20

Na seqüência a história conta que essa viagem teve duração de quarenta dias, ao fim deles retornaram os espias ao local de partida trazendo os frutos da terra, entre eles um cacho de uva carregado por dois homens, Josué e Calebe, em uma vara. Atualmente o Ministério de Turismo de Israel usa como seu ícone a figura de dois homens carregando uma vara com um cacho de uvas:



Figura 1: Logomarca do Ministério de Turismo de Israel
Fonte: www.goisrael.com

Em qualquer das hipóteses sobre o surgimento ou a origem da palavra turismo, o que se pode observar é que a idéia do retorno ao local de partida é comum nas possíveis origens da palavra turismo, e basicamente essa idéia de retorno norteará a diferença da viagem turística para os demais deslocamentos humanos, em especial a idéia de retorno é o que diferencia o turismo de qualquer outra viagem como os fluxos nômades ou migratórios realizados desde os tempos mais remotos em busca de alimentos e melhores condições de vida.

Basicamente o turismo é isso: o conjunto das relações provenientes do deslocamento temporário do ser humano com retorno ao local de partida. Se no início os deslocamentos foram motivados pela necessidade de manutenção da vida

através da busca de alimentos, ainda hoje um grande volume de viagens é motivado pelo trabalho, hoje caracterizado principalmente por negócios. Somando as necessidades de trabalho, viagens são empreendidas, nos momentos de “não-trabalho”, na busca de satisfação dos desejos do ser humano de satisfazer sua curiosidade, de recrear-se, de buscar a felicidade fora do entorno de residência habitual. “O desejo de sentir é anterior a sensação em si. Não somos seres passivos, expostos a situações do mundo. Buscamos pelas situações em que esperamos encontrar respostas às nossas ansiedades” Fialho (2001).

Para efetiva compreensão das múltiplas relações provenientes da atividade turística cabe revisar um pouco de sua origem e desenvolvimento, oriundas dos deslocamentos humanos temporários, antecedentes históricos do turismo. Ainda que a viagem turística seja decorrente da sociedade industrial, de acordo com Barretto (1995) a ‘proto-história’ do turismo pode ser situada na antiga Grécia, Roma e entre os fenícios. A colaboração fenícia para as viagens destaca-se pela navegação, o comércio e a moeda.

Um grande marco para a história do turismo situa-se na Grécia, por volta do ano 776 a.C., onde as pessoas viajavam, a cada quatro anos, para assistir ou participar dos Jogos Olímpicos, assim como eram realizadas peregrinações para as festas de caráter religioso em Atenas, Corinto e Delfos. Surgem também na Grécia as estâncias hidrominerais que promovem a criação de estruturas para receptivo de visitantes. Como o clima interno nem sempre foi o mais amistoso, surge o mito grego da hospitalidade, existia uma crença de que o deus Zeus se disfarçava como forasteiro e assim todos os peregrinos deveriam ser bem acolhidos, pois entre eles um poderia ser Zeus (CASTELLI, 1975. p.9).

Também na antiguidade a hospitalidade era uma ordem para os israelitas fazendo parte da lei mosaica: “Não afligirás o forasteiro, nem o oprimirás; pois forasteiros fostes na terra do Egito” Êxodo 22:21. E para os cristãos segundo orientação do Apóstolo Paulo em carta aos romanos: “compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade”. Rm 12:13.

Com a ascensão do Império Romano foi desenvolvida uma malha de estradas que chegava a oitenta mil quilômetros pelo Império (CASTELLI, 1986), o que configurava em um fator determinante para viabilização das viagens dos contingentes de cidadãos que saíam de Roma para o mar, o campo, as águas termais, os templos e festivais (BARRETTO, 1995). De acordo com Castelli (1986)

para dar suporte aos viajantes os romanos criaram uma estrutura nas estradas que possibilitava entre outras coisas a troca de montaria para continuidade da viagem.

Ainda que na antiguidade muitas viagens fossem com objetivos políticos ou comerciais, foram desenvolvidos centros para acomodar aos viajantes nos principais caminhos e cidades, a exemplo de Pompéia construída como um verdadeiro centro de lazer. Castelli (1986) ressalta entre as estruturas direcionadas ao lazer que os circos romanos merecem destaque como é o caso do Circo Máximo, com capacidade para 40 mil pessoas. O trabalho em função das viagens, nesse período da história, era realizado em sua maior parte por escravos.

Após a queda do Império Romano, por toda a Idade Média e Renascença os motivos de viagem se resumiram as peregrinações religiosas e aos motivos político-econômicos (comércio). As principais rotas de peregrinações eram os caminhos europeus: Caminho de Jerusalém, abandonado após a queda do Império romano até as Cruzadas; o Caminho de Roma, que dá origem ao termo “romeiros” para designar viajantes religiosos; e o Caminho de Santiago de Compostela, a partir do século IX d.C.

Nesse período a hospedagem dos peregrinos era feita por caridade nos mosteiros, em algumas localidades da Espanha ainda é possível observar a estrutura criada para atendimento aos viajantes como os hospitais. Com a difusão do islamismo, Meca passa a ser outro roteiro de peregrinação religiosa.

2.1.2 O início do turismo moderno

Sempre que uma nova tecnologia, ligada em especial aos transportes, progride afeta diretamente o turismo. O desenvolvimento tecnológico do século XIX, com destaque para o advento dos motores a propulsão com base no vapor de água e sua utilização nos meios de transporte, somado a utilização do ferro e aço, registra o início de uma era turística denominada por Barretto (1995) como turismo moderno.

Os meios de transporte passam por um considerável incremento uma vez que as embarcações à vela dão lugar aos navios e as carruagens sedem espaço aos trens. O salto qualitativo da velocidade dos transportes pode ser exemplificado na diferença entre o barco à vela que desenvolvia uma velocidade máxima, com vento em popa, de 10 nós – cerca de 18 Km/h – ou uma média de 05 nós – cerca de 09 Km/h – para a velocidade de um navio a vapor como o Titanic com seus 21 nós –

cerca de 38 Km/h. É nesse momento histórico que iniciam as viagens organizadas e também um novo conceito de excelência no atendimento hoteleiro.

O marco fundamental das viagens organizadas está na visão empreendedora de um jovem inglês que aos trinta e dois anos experimenta a organização de uma viagem, a qual o lançaria a fundar a primeira agência de turismo. Em 1841, Thomas Cook, um pastor da Igreja Batista preocupado com os altos índices de alcoolismo de sua comunidade em Loughborough, um vilarejo a vinte quilômetros de Leicester, teve a idéia de negociar a locação de um trem para uma viagem exclusiva a preço reduzido. Aproveitando uma oportunidade única, pois esse era o primeiro trem do lugarejo, foi possível reunir cerca de mil pessoas, e Cook aproveita o evento para um sermão contra o álcool.

A partir do sucesso desse empreendimento Thomas Cook passa a se dedicar à promoção de excursões semelhantes na Inglaterra. Acompanhando pessoalmente os grupos e imprimindo um atendimento simpático, gentil e eficiente, Cook torna-se além de agente de viagem um guia de turismo juntamente com sua esposa Marianne. Registrando detalhes sobre os lugares turísticos ele decide publicar suas anotações e edita um guia turístico com informações geográficas, étnicas, históricas, usos e costumes das localidades dos roteiros por ele operados.

Com o passar dos anos Thomas Cook inova seus roteiros acrescentando Europa continental, Estados Unidos, Egito e Terra Santa, até que em 1872 ele empreende uma “volta ao mundo”, viajando durante oito meses. Aos 84 anos Thomas Cook morre, mas deixa como herança às futuras gerações o turismo organizado, o agenciamento e a operação de viagens, uma das mais ricas atividades econômicas de todos os tempos.

Após a Revolução Francesa, terminam as regalias dos palácios e surge a necessidade dos hotéis públicos para hospedagem. A burguesia ascendente almejava ser como a realeza e observando esse desejo o suíço César Ritz desenvolve um novo conceito para a hotelaria. Primando pela excelência nos serviços e requinte nas instalações Ritz inaugura seu hotel em Paris no ano de 1898 destacando-se especialmente pelo atendimento impecável, sempre prevalecendo o cliente. Algumas das inovações promovidas por César Ritz como o banheiro privativo e a ficha pessoal dos hóspedes transformaram a hotelaria moderna, ainda hoje o Ritz é referência em hospedagem e gastronomia. Atualmente o nome César Ritz é também de uma escola internacional de hospitalidade.

Trigo (1998) aponta que o crescimento do turismo na Europa foi interrompido pela Primeira Guerra Mundial para ser retomado em 1919, nesse período surgem novas tecnologias nos meios de transporte e a Primeira Guerra vem consolidar a importância do automóvel. Ainda que abalado por crises financeiras e guerras, o turismo registra crescentes números e eventos de considerável relevância até a Segunda Guerra Mundial, como a adoção do passaporte pelo governo inglês em 1915 e instalação do primeiro *Free Shop* no aeroporto de Amsterdã em 1929 (BARRETTO, 1995).

As conquistas dos trabalhadores por seus direitos como ao de férias remuneradas passam a oportunizar uma democratização das viagens ao surgirem acampamentos com atividades programadas denominados de *Holiday Camps*. Esses acampamentos acabam formando a base para o turismo social, subsidiado pelo governo, implantado na Itália e Alemanha.

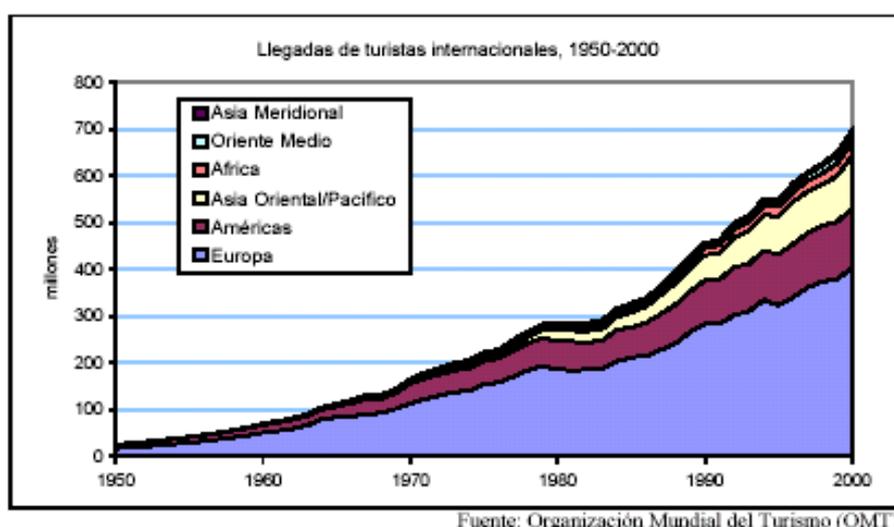
2.1.3 Após a Segunda Guerra Mundial o Turismo Contemporâneo

A popularização do automóvel, entre as décadas de 20 e 40, fez com que fossem incrementadas as viagens realizadas em veículos particulares em detrimento do transporte ferroviário. Em países com grande extensão territorial, como nos Estados Unidos, certos deslocamentos exigiam um maior tempo de viagem fazendo com que muitas pessoas buscassem nos destinos intermediários um meio de hospedagem mais econômico e próximo às rodovias, diferente dos hotéis nos centros das cidades (BARRETTO, 1995). Os *Motor Hotels* imprimem novas características ao setor de hospedagem, como o pagamento por frações e não diárias.

Enquanto a Primeira Guerra Mundial consolidou a utilização do automóvel, a Segunda Grande Guerra veio promover a consolidação do avião. Em 1944, a Conferência de Chicago decidiu substituir a *International Air Traffic Association* (Associação Internacional de Tráfego Aéreo) de 1919, pela *International Air of Transport Association* (Associação Internacional de Transporte Aéreo) – IATA - criada em 1945 visando à regulamentação do direito aéreo. A IATA agrupa 236 companhias aéreas, cerca de 80% das linhas mundiais e tem como missão zelar pelo bom funcionamento do tráfego aéreo.

Oliveira (1998) relata que quando o avião passou a ser utilizado como transporte turístico os DC-3, dotados de duas hélices, desenvolviam uma velocidade de 180 quilômetros por hora. Essa evolução de velocidade com relação aos cruzeiros abriu uma forte concorrência entre estes dois meios de transporte, segundo Barretto (1995) em 1957 o tempo de deslocamento somado as tarifas econômicas fez com que os cruzeiros fossem preteridos às aeronaves.

Percebendo o potencial dos fluxos de viagem algumas companhias aéreas decidiram investir da segmentação comprando cadeias de hotéis, como a Pan Am que comprou a Intercontinental (BARRETTO, 1995). Esses meios de hospedagem trazem a marca da padronização e conseqüente impessoalidade. Resumidamente as marcas desse período do turismo foram o consumo de massa, a padronização e a impessoalidade.



Quadro 1: Chegada de Turistas Internacionais 1950-2000
Fonte: Organização Mundial do turismo 2001

2.2 Aspectos Conceituais

A conceituação de turismo tem evoluído à medida que essa atividade se desenvolve, mas a base conceitual em qualquer que seja a definição é a mesma, a de um conjunto de relações provenientes do deslocamento temporário de seres humanos. De acordo com a WTO (2001:38): “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios e outras”.

Assim como nas origens históricas do turismo, os primeiros deslocamentos tinham como aspecto primordial o comércio, os conceitos tendem a demonstrar em primeiro plano a caracterização do turismo como uma atividade econômica, colocando o aspecto humano a um segundo plano, mas em função desta atividade. É importante observar nessa concepção do turismo enquanto atividade econômica, sua diferença na relação produto e serviço, onde o produto é elaborado com máquinas em contrapartida os serviços são prestados por pessoas.

Durante a prestação de serviços é estabelecida uma relação pessoal entre o cliente e o prestador do serviço, que constitui o componente mais valorizado no serviço, onde a grande maioria das reclamações dos clientes procede de uma má relação pessoal. Além do que os serviços são produzidos na presença dos clientes, e por esta necessidade presencial do cliente ele muitas vezes atua como co-produtor do serviço.

De la Torre (1992) amplia o conceito de turismo ao propor que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (*apud* BARRETTO, 1995).

Até três décadas atrás, muito se falava com esperança na 'Indústria sem Chaminés', um chavão que foi perdendo espaço à medida que iniciaram os estudos da atividade e ela passou a ser vista como altamente poluente em todos os sentidos, não somente no que tange ao meio ambiente natural, mas também ao ambiente social e cultural. À medida que núcleos receptores foram crescendo e os fluxos turísticos aumentando, houve uma onda exploratória e especulatória com relação à atividade, onde interesses econômicos imediatistas passaram a desrespeitar as características naturais e culturais, devorando paisagens, cansando e enfastiando os nativos de tais núcleos.

À parte da teorização conceitual, na prática o turismo é realizado por pessoas e para pessoas, e de ambos os lados - tanto de quem viaja quanto de quem recebe - as necessidades humanas devem ser atendidas e respeitadas, assim como deve ser resguardado o patrimônio natural e cultural envolvido. É neste enfoque que deve estar a pedra fundamental do planejamento e organização das atividades turísticas.

As pessoas viajam no seu momento mais precioso, principalmente se for considerado na divisão do tempo mecânico do homem em idade produtiva como o momento do lazer, das férias. Trabalha-se onze meses para que se tenha um mês de férias, talvez por esta proporção de onze para um, esse tempo seja tão precioso.

Existe uma forte discussão quanto à existência ou não de um turismo de negócios, uma vez que para muitos teóricos que estudam o turismo a atividade deveria ser motivada por razões alheias ao trabalho, contrapondo a realidade de que muitos investimentos são realizados nas viagens de negócio e que são essas as principais responsáveis pela ocupação dos bens e serviços turísticos, superando a própria atividade turística.

É possível identificar que o segmento de viagens e turismo, que por sua ligação direta inclui a hospitalidade, o lazer e a gastronomia, apresenta-se para um futuro promissor e precisa de urgente atenção, uma vez que há uma acelerada evolução para a chamada sociedade do lazer, em especial nos países desenvolvidos principais emissores de turistas, onde as pessoas demandam cada vez mais de serviços ligados ao lazer para desfrutar do seu tempo livre.

2.3 Contexto atual da atividade e tendências

Fayos (1994) propõem que começa a existir uma Nova Era do Turismo e aponta tendências dentro de três variáveis principais, a exógena, da oferta e relativas ao consumidor.

As variáveis exógenas se referem às diferenças que incidirão em fatores como as tendências sociais e no dinheiro disponível. As variáveis da oferta se referem à adaptação as novas tecnologias, qualificação dos recursos humanos, formação de redes na organização empresarial ou os novos sistemas empresariais, respeito ao meio ambiente, legislação aplicada, inovações em transportes. Quanto as variáveis relativas ao consumidor, o autor destaca autenticidade, qualidade na experiência turística e valor agregado ao produto turístico.

Um dos maiores desafios governamentais de hoje é a geração de empregos, ou absorção de recursos humanos marginalizados pelo desemprego industrial. A possibilidade de realocação desses trabalhadores pelo setor de serviços, na geração

de empregos através da atividade turística, anima as análises quanto às oportunidades para países de terceiro mundo, como é o caso do Brasil.

A partir da configuração do mundo contemporâneo, um conjunto de fatores molda a dinâmica das viagens, como as tecnologias que têm fomentado facilidades nos meios de transportes “encurtando distâncias” uma vez que a velocidade otimiza em tempo percorrido entre dois pontos, nas comunicações pela maior disseminação de informações acerca dos mais diversos destinos mundiais e a aproximação virtual que motiva o desejo da visita real.

Nesse contexto, o incremento do setor de viagens e turismo tem atraído atenção como segmento econômico em ascensão, a estimativa do *WTTC – World Travel & Tourism Council* – apontava que no ano de 2001 a economia do setor de viagens e turismo gerasse 12.680.000 empregos, ou seja, 8,5% do total dos empregos em nível global, com um em cada 11,8 trabalhadores.

A atividade turística tem se constituído como um importante setor econômico, dados da OMT (Organização Mundial do Turismo), como é chamada no Brasil a WTO - *World Tourism Organization* - demonstram que no ano de 1998 o turismo encabeçava os ingressos mundiais por exportação juntamente com o setor automotivo, mobilizando cerca de US\$ 550 bilhões. O movimento turístico internacional teve um incremento de 7,3% entre os anos de 1999/2000, saltando de 650,2 milhões para 697,8 milhões de viagens, isso gerou um acréscimo de 5% no ingresso turístico internacional passando de US\$ 455,1 bilhões em 1999 para US\$ 477,9 bilhões em 2000. As Américas cotizaram cerca de 18% do mercado turístico mundial em 2000, o Brasil ocupa a quarta colocação no ranking americano, mas com apenas 3,9% deste fluxo, ficando atrás dos Estados Unidos, México e Canadá, que ficam com 84% do fluxo.

Projeções da Organização Mundial do Turismo (OMT), apontavam que a partir do ano 2.000, os serviços turísticos teriam se convertido na primeira atividade econômica mundial, superando as indústrias de petróleo, automóveis e a eletrônica. De fato o que foi constatado é o seguinte:

.	Importância Econômica do Turismo no Mundo	US\$ billion	%
.	Total de bens e serviços na exportação mundial	6,738	100.0
1-	Turismo	532	7.9
.	Turistas Internacionais Recebidos	441	6.5
.	Taxas Internacionais Recebidas	91	1.3

2-	Produtos Automotivos	525	7.8
3-	Produtos Químicos	503	7.5
4-	Alimentos	443	6.6
5-	Computadores e Equipamentos de Escritório	399	5.9
6-	Combustíveis	344	5.1
7-	Tecidos e Equipamentos de Escritório	331	4.9
8-	Equipamentos de Telecomunicações	283	4.2
9-	Produtos Minerais não Combustíveis	158	2.3
10-	Ferro e Aço	141	2.1

Fonte: WTO - World Tourism Organization (Organização do Turismo Mundial). Organização do Comércio Mundial, Fundo Monetário Internacional. <http://www.abav.com.br/beta2/index.asp> em 12/05/2001

Tabela 1: Importância Econômica do Turismo no Mundo

Os impactos dos atentados terroristas, contra o *World Trade Center* e Pentágono nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001 provocaram mudanças nos hábitos de viagem, gerando uma instabilidade na demanda turística. Entre as mudanças é possível destacar a preferência por viagens nacionais em detrimento das internacionais, viagens de curta distância a locais conhecidos, considerados mais seguros, e ainda a preferência por automóvel e trem sobre o transporte aéreo.

O ano de 2001 foi atípico e o movimento turístico internacional sofreu uma queda de 1,3% em relação ao ano anterior, registrando 689 milhões de viagens, conforme dados da WTO. As chegadas internacionais nas Américas caíram 7% no ano de 2001, sendo que em consequência dos atentados terroristas sofreram o golpe principalmente os Estados Unidos e Caribe, enquanto que, segundo a WTO, a queda registrada no cone sul foi causada pela instabilidade econômica provocando um decréscimo de 8% no Brasil, 9% na Argentina e 4% no turismo uruguaio.

Nesse contexto é possível perceber alguns efeitos do 11 de setembro, como os destinos ligados ao conflito ou aqueles que dependem de longas distâncias e do tráfego aéreo norte americano. Os negócios de maior porte como companhias aéreas, agentes e operadores de viagens, e organizadores de feiras sentem o impacto negativo, enquanto que pequenos operadores especializados em viagens de curta duração, juntamente com as companhias aéreas econômicas encontraram oportunidades.

Considerando os paradigmas do momento atual pode-se destacar que o mercado turístico passou por uma forte ruptura com o modelo dos pacotes para um público de massa, característico da explosão dos fluxos turísticos da década de 80, e que cada vez mais os turistas desejam personalização no atendimento e na montagem do programa de viagem, o que é chamado de *forfait*, programa montado com exclusividade para o atendimento das necessidades e desejos do cliente.

É também acentuada a segmentação do mercado turístico, onde os segmentos são definidos ora por características similares das pessoas que compõem os grupos, ora pelo motivo ou expectativa de viagem. Tudo isso, somado aos eventos de 11 de setembro, motivou a aceleração de algumas tendências que estavam em andamento (PATRUCCO, 2001), entre elas destacam-se: uma maior preocupação com o preço, crescimento das reservas via internet, motivações por férias mais interativas, viagens mais frequentes com menor tempo de duração.

Por suas características como a diversidade cultural e a biodiversidade natural, distintamente distribuídas por todo o território brasileiro, seria praticamente desnecessário ressaltar que o país possui excelente potencial para o desenvolvimento das atividades turísticas, mas de nada serve um grande atrativo sem que haja o devido aproveitamento. Além do que, o Brasil enfrenta a competição de outros destinos turísticos, que também oferecem ao mercado importante atratividade e bons serviços.

Existem mais de 400 zonas turísticas no mundo onde é possível encontrar ótimas localidades para o turismo, o que promove uma forte competição de mercado. Neste sentido, o principal objetivo já não é mais o de somente captar mais turistas, mas principalmente o de garantir que os atuais regressem, que sejam clientes fiéis e tragam seus amigos. Paralelamente, é notável a mudança no perfil dos turistas, especialmente no que diz respeito às motivações que determinam a escolha do destino, onde os viajantes estão cada vez mais exigentes.

Os profissionais do turismo trabalham no setor mais dinâmico e com melhores perspectivas do mercado futuro da atividade econômica mundial. As possibilidades de emprego, de desenvolvimento profissional e pessoal, são neste setor, muito superiores aos da maioria de outros setores, em uma profissão que consiste em fazer feliz os demais, atendendo e ocupando-se de pessoas. Isto representa uma oportunidade de desenvolver todo o potencial individual do ser humano, obtendo satisfação com o trabalho (ROSSETTO, 1997).

Para que a atividade turística confirme essas tendências promissoras é necessário que todos os agentes envolvidos assumam compromisso com princípios éticos, como o respeito ao meio ambiente natural e a justiça social.

2.3.1 Duas fortes tendências: ética e sustentabilidade

2.3.1.1 Código de ética mundial para o turismo

O Código de Ética Mundial para o Turismo foi criado em 1999 e aprovado em outubro do mesmo ano durante reunião da Assembléia Geral da WTO em Santiago do Chile, é composto por dez artigos sendo que nove sinalizam postura esperada por todos envolvidos no turismo e o décimo artigo fornece mecanismos para aplicação para a solução de litígios. A seguir há uma síntese das idéias principais do Código:

Artigo 1º: Contribuição do turismo para o entendimento e respeito mútuo entre homens e sociedades

1. A compreensão e a promoção dos valores éticos comuns da humanidade, tolerância e respeito à diversidade. Prestar atenção às tradições e práticas sociais e culturais, e reconhecer suas riquezas.
2. Organização harmônica com peculiaridades e tradições, respeitando leis e costumes.
3. Conhecer e respeitar os turistas. Educação e formação dos profissionais.
4. Proteção dos turistas e visitantes.
5. Turistas e visitantes deverão evitar qualquer ato criminal.
6. Turistas e visitantes deverão informar-se sobre o destino.

Artigo 2º: Turismo, instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo

1. Conceber e praticar o turismo como um meio privilegiado de desenvolvimento individual e coletivo, auto-educação, tolerância mútua e aprendizagem da diversidade.
2. Respeitar igualdade entre homens e mulheres, prover os direitos humanos dos grupos de populações mais vulneráveis.
3. A exploração sexual fere os objetivos fundamentais do turismo, deverá ser combatida e penalizada.
4. Deslocamento por motivo de religião, saúde, educação e intercâmbio cultural merecem promoção.

5. Intercâmbio de estudos turísticos mostrando seus benefícios e seus riscos.

Artigo 3º: O turismo, fator de desenvolvimento sustentável

1. Dever de proteger o ambiente e os recursos naturais, e satisfazer as necessidades e aspirações das gerações atuais e futuras.
2. Favorecer e incentivar as modalidades de desenvolvimento turístico que permitam preservar os recursos e evitem produção de resíduos.
3. Distribuir no tempo e no espaço o movimento de turistas e visitantes, para equilibrar e reduzir a pressão no meio ambiente e aumentar os efeitos benéficos.
4. Conceder a infra-estrutura e programar atividades que protejam os ecossistemas e a diversidade biológica. Admitir que se imponham limites as atividades exercidas dentro de espaços vulneráveis.
5. Reconhecer o ecoturismo como enriquecedor sempre que respeite a natureza e população local e se ajuste a capacidade de carga do lugar turístico.

Artigo 4º: O turismo, fator de aproveitamento e enriquecimento do patrimônio cultural da humanidade

1. Recursos turísticos pertencem ao patrimônio comum da humanidade, as comunidades tem direitos e obrigações particulares com eles.
2. O patrimônio artístico, cultural e arqueológico deverá ser protegido e transmitido as gerações futuras, a recuperação dessas áreas e sua abertura para visitação turística será estimulada, respeitando proprietários e cultos religiosos.
3. Parte dos recursos provenientes das visitas serão designados para manutenção, proteção, melhoria e enriquecimento do patrimônio.
4. Permitir a sobrevivência e o progresso da produção cultural, do artesanato tradicional e do folclore.

Artigo 5º: O turismo, atividade benéfica para os países e as comunidades de destino

1. As populações locais terão participação equitativa nos benefícios e criação de empregos.

2. Contribuir com a melhora do nível de vida e necessidades das populações visitadas, integração no contexto econômico e social, e priorizar a contratação de pessoal do local.
3. Particular atenção aos problemas específicos de zonas frágeis com poucas oportunidades de desenvolvimento diante do declínio de atividades tradicionais.
4. Executar estudos de impacto no entorno e meio natural, informar sobre programas futuros e conseqüências previsíveis com as populações interessadas.

Artigo 6º: Obrigações dos agentes do desenvolvimento turístico

1. Facilitar aos turistas informações objetivas e autênticas sobre lugares de destino e condições de viagem. Manter transparência nas cláusulas dos contratos.
2. Ater com a segurança, prevenção de acidentes, condições sanitárias e da higiene de alimentos. Assumir compromisso de prestar contas e para indenização eqüitativa ao descumprimento contratual.
3. Contribuir para o desenvolvimento cultural e espiritual dos turistas em suas prática religiosas durante os deslocamentos.
4. Coordenar com os atores envolvidos mecanismos necessários a repatriação dos turistas no caso de descumprimento de contratos.
5. Informar aos cidadãos das condições difíceis e de perigo, sem prejudicar de forma injustificada os países receptores e operadores de turismo.
6. Discutir conteúdo das eventuais advertências, atenuando ou anulando quando se permita a volta da normalidade.
7. Difundir uma informação verdadeira e equilibrada através da imprensa sobre acontecimentos que possam influir na freqüência turística.

Artigo 7º: Direito ao turismo

1. Possibilitar acesso direto e pessoal ao descobrimento das riquezas do mundo.
2. Entender o direito ao turismo para todos como conseqüência do direito ao descanso e ao lazer.
3. Desenvolver um turismo social que permita o acesso a maior parte dos cidadãos ao lazer e as férias.

4. Fomentar e facilitar o turismo das famílias, dos jovens, dos estudantes, das pessoas de maior idade e dos portadores de necessidades especiais.

Artigo 8º: Liberdade de deslocamento turístico

1. Beneficiar ao turista da liberdade de circular de um país a outro.
2. Reconhecer aos turistas a permissão de utilizar todos os meios de comunicação disponíveis
3. Garantir a confidencialidade dos dados pessoais dos turistas;
4. Harmonizar e simplificar os procedimentos administrativos para ultrapassar as fronteiras, para facilitar ao máximo a liberdade das viagens e o acesso da maioria das pessoas ao turismo internacional;
5. Dispor das concessões de divisas convertidas que os viajantes precisem para seu deslocamento.

Artigo 9º: Direito dos trabalhadores e dos empresários do setor turístico

1. Garantir os direitos fundamentais dos trabalhadores assalariados e autônomos do setor turístico, considerando a limitação vinculada à sazonalidade;
2. Adquirir uma formação inicial e contínua adequada.
3. Reconhecer a toda pessoa qualificada o direito a exercer uma atividade profissional no âmbito do turismo, de acordo com a legislação vigente;
4. Facilitar as trocas de experiências;
5. Evitar o abuso das empresas multinacionais como modelo imposto artificialmente às comunidades receptoras;
6. Colaborar e estabelecer relações equilibradas entre empresas e países.

Artigo 10º: Aplicação dos princípios do Código Ético Mundial para o Turismo

1. Agentes públicos e privados deverão cooperar na aplicação e controlar a prática;
2. Reconhecer o papel das organizações internacionais e não governamentais na promoção e desenvolvimento do turismo;
3. Os agentes deverão submeter os litígios relativos à aplicação ou a interpretação do Código ao Comitê de Ética do Turismo.

O Código de Ética Mundial para o Turismo sintetiza o contexto atual e as tendências mais fortes na condução do turismo, os artigos nele apresentados são

mais que uma proposta, talvez ações imprescindíveis para a manutenção adequada da atividade de hoje em diante.

No ano de 1992 foi realizado o Rio *Earth Summit* que gerou uma série de promessas não cumpridas, provocando a evidente reflexão acerca do turismo como fator de um desenvolvimento sustentável, uma vez que ao longo de dez anos a atividade emergiu e empregou, mas trouxe altos custos ao ambiente local. Para a *Earth Summit* de 2002 em Johannesburgo, a Rio + 10, foi preparado um documento contendo dez desafios, princípios para o desenvolvimento sustentável do turismo. Esse documento foi apresentado por Krippendorf em Porto Alegre, no mês de janeiro de 2002 por ocasião do II Fórum Social Mundial com o tema “Um outro mundo é possível?”.

2.3.1.1 Os 10 Princípios e desafios para um desenvolvimento sustentável do turismo no século 21

1. Pobreza e desenvolvimento

O turismo deve ajudar a superar a pobreza, a justiça sócio-ambiental e a participação da comunidade local devem ser bases para isso.

2. Clima: a viagem e a energia

Fugir dos engarrafamentos e buscar uma mobilidade sustentável.

3. Terra: solo e segurança alimentar

Acesso livre a terra para as pessoas do local. Dar atenção para o encontro entre as pessoas, estar em linha com os alvos sustentáveis.

4. Biodiversidade

O turismo alimenta a diversidade natural e cultural do planeta e deve contribuir para sobrevivência.

5. Água

O acesso à água é um direito de vida.

6. Dignidade humana – igualdade de gêneros

Mulheres e crianças precisam de proteção e aprender a usar sua própria força para que sejam assegurados direitos iguais.

7. Participação da sociedade civil

Os agentes sociais devem ter o direito de decidir sobre o desenvolvimento do turismo.

8. Consumo e estilo de vida

O comportamento de consumo e as atividades de lazer devem ser justos para pessoas e o meio ambiente. Educação para a viagem.

9. Economia internacional e política comercial

Comércio justo também no turismo. A economia e o turismo deveriam servir as pessoas.

10. Política coerente

O engajamento político para a proteção dos direitos humanos e criação de políticas integradas: o ambiente, a economia e o social.

Essas dez propostas apresentadas por Krippendorf (2002) foram desenvolvidas por pela Rede para Desenvolvimento de Turismo Sustentável DANTE (*Die Arbeitsgemeinschaft für eine Nachhaltige Tourismus Entwicklung*) que envolve dezessete organizações não governamentais da Alemanha, Áustria e Suíça, e trabalha questões sobre turismo e desenvolvimento.

É possível comparar e buscar uma equivalência entre os princípios do Código de Ética Mundial para o Turismo e os 10 Princípios para um Desenvolvimento Sustentável do Turismo no Século 21, no sentido um referencial que aponta a necessidade de assumir responsabilidades com o meio ambiente natural e com a justiça social:

Código de Ética Mundial	Turismo: princípios para Rio + 10
Artigo 1º: Contribuição do turismo para o entendimento e respeito mútuo entre homens e sociedades	Participação da sociedade civil
Artigo 2º: O turismo, instrumento de desenvolvimento pessoal e coletivo	Política coerente
Artigo 3º: O turismo, fator de desenvolvimento sustentável	Biodiversidade
Artigo 4º: O turismo, fator de aproveitamento e enriquecimento do patrimônio cultural da humanidade	Consumo e estilo de vida
Artigo 5º: O turismo, atividade benéfica para os países e comunidades de destino	Água

Artigo 6º: Obrigações dos agentes do desenvolvimento turístico	Pobreza e desenvolvimento
Artigo 7º: Direito ao turismo	Terra: solo e segurança alimentar
Artigo 8: Liberdade de deslocamento turístico	Clima: a viagem e a energia
Artigo 9: Direito dos trabalhadores e dos empresários do setor turístico	Dignidade humana – igualdade de gêneros
Artigo 10: Aplicação dos princípios do Código de Ética Mundial para o turismo	Economia internacional e política comercial

Tabela 2: Código de Ética Mundial para o Turismo e Turismo: princípios para Rio + 10

Nas palavras de Margarita Barretto ao encerrar sua palestra durante o IV Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades: “O turismo reflete e reproduz problemas da sociedade. Um outro turismo é possível se um outro modelo de sociedade é possível”.

3 A EDUCAÇÃO NO TURISMO

De maneira geral a educação no turismo se desenvolveu de forma não planejada em muitos países, apresentando um crescimento acadêmico contínuo, mas fragmentado emergindo em departamentos nas universidades. Cooper (2001) destaca três abordagens acadêmicas do turismo comumente encontradas:

- a) Vocacional ou setorial: cursos específicos;
- b) Aplicação aos negócios: enriquecendo os estudos de administração;
- c) Dentro de outras disciplinas: estudado do ponto de vista da geografia, ou sociologia, etc.

A educação formal no turismo brasileiro é relativamente recente, datando de 1971 o primeiro curso superior de Turismo, conforme o Parecer nº. 35/71, do Ministério da Educação e Cultura – MEC – aprovado em 28/01/71. A pioneira Faculdade do Morumbi identificou que haveria um público para um curso superior ao pesquisar o interesse por um curso técnico (MATIAS, 2002:4).

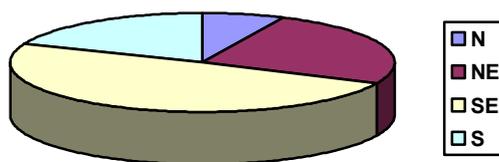
A partir da instalação do primeiro Curso Superior de Turismo no Brasil, a fase de improvisação, adaptação e repentinidade começa a ser seriamente ameaçada. O turismo improvidente, desgovernado, começa a ser criticamente analisado. São muitos os que hoje se preocupam com sua problemática, mantendo-se em permanente atividade de reflexão e vigília. [...] O turismo no Brasil deixou de ter somente uma posição política, administrativa, empresarial e passou a constituir-se também, agora, em assunto de ordem técnica e científica, e como tal deve ser encarado. BENI, 1975 (*apud* REJOWSKI, 1996).

Ansarah (2002), destaca as fases vivenciadas pelos Cursos Superiores de Turismo o Brasil em cada década de sua existência, analisando sua evolução:

- a) Primeira fase nos anos 70: criação;
- b) Segunda fase nos anos 80: estagnação;
- c) Terceira fase nos anos 90: valorização;
- d) Quarta fase, atualmente: aumento quantitativo.

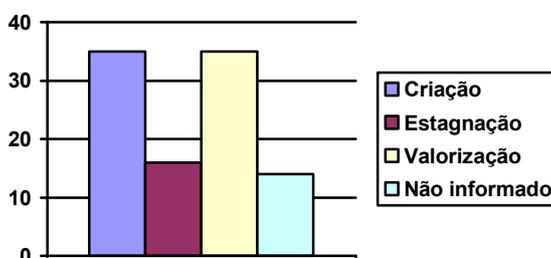
Na primeira fase dezenove instituições de ensino credenciaram cursos de turismo, e ao menos um de hotelaria, evidenciando a criação de um modelo brasileiro para o ensino do turismo. A década de 80 registra nove cursos, incluindo o curso de hotelaria e o de tecnologia em hotelaria² (MATIAS, 2002:8).

Utilizando o documento da EMBRATUR (1996) “A Indústria do Turismo no Brasil: perfil e tendências” e somando às informações de Rejowski (1996), é possível observar pelo pequeno número de cursos ofertados a carência na oferta de educação para o turismo até o ano de 1996, e destaca uma concentração dos cursos na região sudeste com aproximadamente 49% da oferta, seguida da região nordeste com cerca de 25%, a região sul com quase 19% e a região norte com aproximadamente 7% dos cursos de graduação. Na região centro oeste o documento da EMBRATUR não registra nenhum curso de graduação.



Quadro 2: Cursos de turismo por região do Brasil até 1996, conforme informações da EMBRATUR e Rejowski (1996).

Considerando o período de início dos cursos e as fases vivenciadas (ANSARAH, 2002), o estudo apresenta aproximadamente 35% dos cursos com início na fase de criação, 16% na fase de estagnação e 35 % na fase de valorização. Cerca de 14% não informam o ano de início.

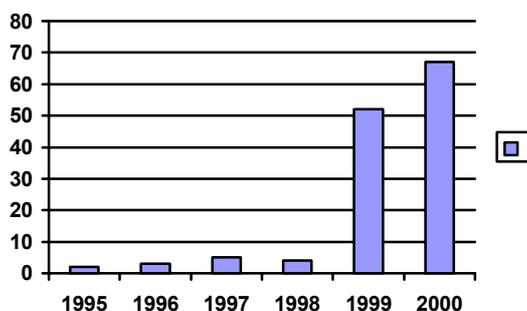


Quadro 3: Cursos de Turismo no Brasil conforme a década de início

² O Apêndice traz um Demonstrativo das Instituições de Ensino

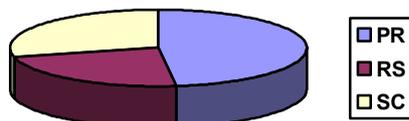
Com a notável expansão do setor terciário na década de 90, e o enxugamento quantitativo de trabalhadores nos demais setores, o turismo despontou como um dos segmentos de maior prosperidade, entre as futuras tendências de cursos divulgadas massivamente nos meios de comunicação, o que atraiu a atenção de estudantes, empresários e instituições de ensino.

Utilizando as informações disponíveis no *site* do Ministério da Educação e Cultura, www.mec.gov.br, consultado em 04/04/2002. Quanto à data de autorização ou reconhecimento foram encontrados dois cursos no ano de 1995, três em 1996, cinco em 1997, quatro em 1998, cinquenta e dois em 1999 e sessenta e sete cursos no ano 2000. O total de cento e trinta e três cursos superiores de turismo e hotelaria registrados em cinco anos fornece uma média de 26,6 novos cursos por ano.



Quadro 4: Cursos autorizados ou reconhecidos no período de 1995-2000

Conforme a planilha do MEC a Região Sul possui vinte e dois cursos sendo onze no Paraná, quatro no Rio Grande do Sul e sete em Santa Catarina. No levantamento realizado foram encontrados registros de cinquenta e dois cursos, vinte e cinco no Paraná, doze no Rio Grande do Sul e quinze em Santa Catarina.



Quadro 4: Cursos de Turismo na Região Sul do País

Toda essa euforia com relação às oportunidades no setor turístico motivou a explosão quantitativa na oferta de cursos de graduação. Ruschmann (2002) destaca que no início do ano de 2002 quase 300 instituições, públicas e privadas, ofereciam

cursos superiores de Turismo, um volume de difícil precisão quantitativa, em termos de atualização, uma vez que a cada semestre novos pedidos de autorização são encaminhados ao MEC.

Entre as principais dificuldades apontadas por Matias (2002) que os cursos superiores de Turismo encontraram em sua fase de criação é possível destacar:

- a) A inexistência de professores especializados;
- b) a falta de entendimento do aluno quanto ao objetivo e formação oferecida pelo curso;
- c) O currículo com uma grande carga horária de disciplinas básicas e complementares em detrimento de disciplinas profissionalizantes;
- d) a inadequação das disciplinas;
- e) Carência de bibliografia;
- f) Falta de padronização dos cursos.

Atualmente, por se encontrar em um estágio inicial de evolução a educação em turismo proporciona oportunidades, mas também problemas (COOPER, 2001). Comparando essas dificuldades com a realidade vivenciada atualmente - nessa fase de evolução para Cooper ou de aumento quantitativo para Ansarah - pelos cursos é possível afirmar que em mais de três décadas pouco mudou.

A carência de professores adequados ao ideal para a formação profissional em turismo ainda é uma das maiores dificuldades encontradas pelas Instituições de Ensino. Se por um lado há um grupo de professores que trabalham as disciplinas de caráter básico e complementar, que normalmente apresentam excelente titulação, não raramente são docentes sem o conhecimento desejável acerca do turismo para que estabeleçam o efetivo relacionamento de sua disciplina com os aspectos pertinentes ao estudo do turismo.

Já o grupo de professores responsável pelas disciplinas de formação profissional, na grande maioria dos casos, ou é composto por profissionais com destaque em suas carreiras e que por esse motivo não continuaram seus estudos avançados e não apresentam titulação, além da dificuldade em conciliar o horário, ou é composto por profissionais que se dedicam à carreira docente e aos estudos, mas que para isso deixaram de atuar no mercado, o que traz um distanciamento entre o conteúdo teórico das aulas e a realidade prática das empresas turísticas.

Com relação aos alunos, ainda hoje há uma nítida confusão quanto à idéia de “fazer turismo”, não é raro que ao optar por esta área de formação o estudante esteja com a impressão, e intenção, de fazer turismo no sentido de viajar, de ser sujeito da viagem turística, ser um “turista profissional”. Ou como que muitas vezes acontece, há o desconhecimento quanto à atuação profissional, freqüentemente confundida com a do guia de turismo.

A heterogeneidade das turmas muitas vezes é constatada como um dos pontos sensíveis e de conflito na gestão do grupo pelo professor. Há pelo menos quatro grupos de alunos onde é possível destacar: os jovens que imaginam fazer turismo na condição de turistas; os jovens, mais conscientes da profissão, que desejam a inserção profissional em uma carreira promissora; os adultos que por falta de oportunidade de estudar quando eram jovens retornam aos bancos escolares; os adultos que em sua gestão de carreira buscam uma re-inserção profissional, muitos oriundos do setor público ou de instituições que passaram por enxugamento do quadro de profissionais.

No que se refere aos currículos o Ministério da Educação tem orientado através das Diretrizes Curriculares Nacionais três eixos de formação: conteúdos básicos, que são aqueles que formam as sociedades e suas culturas; conteúdos específicos estabelecendo relações diretas com o turismo; e conteúdos teórico-práticos, caracterizados fundamentalmente por atividades complementares nos espaços turísticos. Essa flexibilidade curricular é uma característica recente, do PARECER CES/CNE 0146/2002 de abril de 2002, o que significa dizer que possivelmente a grande maioria dos cursos existente no Brasil, ainda esteja em conformidade com as propostas de currículo mínimo vigente desde o Parecer nº 35/71.

No aspecto bibliografia, a produção de livros apresentou nos últimos cinco anos um crescimento considerável, somente no XXIII Congresso Brasileiro de Turismo, realizado em Foz do Iguaçu em maio de 2002, foram lançados sessenta títulos. Algumas editoras buscaram os direitos para traduzir publicações internacionais o que tem facilitado o acesso aos “clássicos” internacionais, em especial do México (Editora *Trillas*) e da Espanha (Editora *Sintesis*), assim como materiais produzidos pela Organização Mundial do Turismo.

Ainda que seja notável em pontos específicos, como flexibilidade curricular e aumento da bibliografia disponível, a realidade das principais dificuldades

encontradas pelos primeiros cursos superiores em turismo não está tão distante das dificuldades atualmente enfrentadas pelas IES.

Cooper (2001) acredita que a educação no turismo tem passado por uma “transição de foco e importância” nas últimas décadas. Nesse sentido é que Ansarah (2002:80) propõem que:

Há a necessidade de se fazer uma ampla reflexão na educação em turismo com todos os ‘agentes’ envolvidos: docentes, coordenação, técnicos de laboratórios, supervisores de estágios, empresários, não esquecendo da direção das instituições, para que haja um planejamento integrado, com a finalidade de estabelecer a relação existente entre o sistema educativo para se atingir o padrão de qualidade do setor turístico.

3.1 A educação como variável estratégica no desenvolvimento do turismo

A dinâmica do mundo contemporâneo tem provocado um sensível aumento nas discussões acerca do papel da educação. Em virtude do aumento do desemprego industrial, passou-se a buscar alternativas para a crise do emprego e o segmento do turismo e da hospitalidade ganhou espaço de reflexão, por despontar como alternativa na geração de postos de trabalho. Características atuais decorrentes de fatores como as facilidades de transportes e comunicações promovidas pelo desenvolvimento tecnológico, somadas a diminuição do número de horas na jornada de trabalho, são alguns motivadores do aumento do volume das viagens, bem como a percepção do potencial de desenvolvimento econômico alavancado pelo turismo nos mais diversos destinos em nível global.

Jafari e Ritchie (*apud* COOPER, 2001:31) propõem que o estudo do turismo deriva de 16 áreas do conhecimento, descendendo de disciplinas das quais provêm suas características, seriam elas: educação; sociologia, economia, psicologia, antropologia, ciência política, geografia, ecologia, agricultura, parques e recreação, planejamento urbano e regional, marketing, legislação, negócios, transportes, administração hoteleira e gastronômica.

Por tratar-se de um segmento que entra em grande evidência e requer habilidades específicas na formação profissional, em especial no que se refere às relações humanas, o tema turismo e hospitalidade desperta interesse para o aprofundamento do estudo, para a compreensão acerca das variáveis que intervêm nessa atividade humana.

Barretto (1995) destaca os diferentes níveis e as respectivas funções, para propor um modelo que permita visualizar as diferentes necessidades de formação educacional para o turismo:

Áreas/Níveis	Superior	Médio	Básico
Planejamento geral	Planejadores integrais, Cientistas e <i>experts</i> em aspectos sócio culturais, políticos, econômicos e de meio ambiente	Chefias médias em escritórios, chefias gerais e de departamentos. Gerentes	Trabalhos gerais, desenhistas, auxiliares
Recursos e atrativos turísticos	Planejadores físicos e urbanos, <i>experts</i> em recursos, direção de transportes, direção de parques e de lazer	Inspetores de recursos naturais/culturais, chefes de departamentos	Pessoal de serviços, guias, operários, serventes
Facilidades: oferta alimentar, alojamento e transportes	Administradores de empresas turísticas, <i>experts</i> em arquitetura, engenharia, urbanismo, etc.	Gerentes, chefias, supervisores	Auxiliares, recepcionistas, manutenção, serviços gerais e outras funções específicas
Organização gerencial e gestão administrativa	Administradores de empresas turísticas, Gerentes	Guias	Auxiliares, serviços gerais
Recursos para o desenvolvimento	Especialistas em economia, planejamento, docência, etc.	Pessoal administrativo	Auxiliares de administração, pessoal de serviços gerais
Âmbito legislativo	<i>Experts</i> em legislação turística (o pertinente)	Inspetores, fiscais	Auxiliares, arquivistas
Medidas políticas e incentivos	Especialistas em Marketing, promoção, publicidade e finanças	Pessoal administrativo	Serviços gerais
Estudos e pesquisas	<i>Experts</i> em pesquisa, estatística	Pesquisadores	Auxiliares, pessoal de serviços gerais
Instituições educativas formadoras	Universidades, Cursos Superiores, Centros de Excelência	Politécnicos, escolas técnicas	Institutos de capacitação

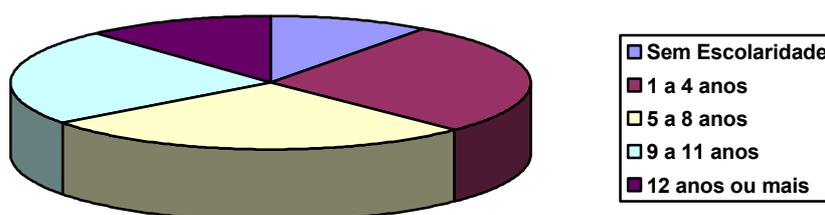
Adaptado de Mélez 1988, (apud BARRETTO, 1995, p. 149)

É pertinente então observar a delimitação terminológica, uma vez que os conceitos educacionais eventualmente são confundidos como sinônimos. Para o nível básico, o tipo de atividade educacional tem um caráter de treinamento, onde a ênfase é o fazer, destacando a aquisição de habilidades para execução de tarefas. Para os níveis médio e superior, os termos mais apropriados seriam educação, a formação e o desenvolvimento profissional.

A educação ruma no sentido de transferir valores que permitam dar sentido ao trabalho e trazer à luz as possibilidades do indivíduo. O desenvolvimento profissional tem uma conotação de evolução e continuidade. A formação destaca os aspectos técnicos de destreza e conhecimentos, incide em atitudes (OMT, 1995).

Na área de hospitalidade Garcia (1996), destaca que a rede hoteleira absorve recursos humanos com baixo padrão de qualificação específica, sendo que 70% com escolaridade até o 1º Grau. Os setores de Recepção e de Governança são responsáveis pela maior parte das ocupações, sendo que os índices mais inferiores de escolaridade e salários são justamente do setor de Governança.

Arbache (2001) em pesquisa realizada acerca do “Mercado de Trabalho na Atividade Econômica do Turismo no Brasil”, investigou o nível de escolaridade dos profissionais ocupados no turismo e identificou que no ano de 1998, 10% dos trabalhadores não tinham escolaridade, 27,20% de 1 a 4 anos de estudos; 27,24% de 5 a 8 anos; 23,40% de 9 a 11 anos, e apenas 11,62% tinham 12 anos ou mais.



Quadro 6: Nível de Escolaridade dos Profissionais do Turismo em 1998.

O autor destaca que no perfil do mercado, “o nível médio de qualificação, de renda e de formalização, (...) mais elevados que a média da economia”, e considera este fato o resultado de um “baixo nível de qualificação e renda do trabalhador mediano brasileiro”.

3.2 Competências para o turismo e a hospitalidade

Considerando-se as características globais quanto à hospitalidade, percebe-se que o estilo de atendimento, padronizado e impessoal, que regeu o setor dá espaço a novas expectativas por parte do público consumidor, uma vez que a tendência de ruptura com a massificação, que norteou o mercado na década de 90, confirmou a preferência da clientela pela personalização, entre outros apelos emergentes. Nesse contexto é preciso que o profissional do turismo e da hospitalidade tenha uma formação básica que contenha aspectos teóricos, práticos e éticos, visando desenvolver competências.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61 estabelecia a incumbência de fixar currículos mínimos para os cursos de graduação pelo Conselho Federal de Educação, visando estabelecer um patamar uniforme entre as diferentes Instituições de Ensino Superior. A Lei 9.131, de 24/11/95, delegou à Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação a competência de elaborar o projeto de Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN, para orientação dos cursos de graduação, sob dois enfoques:

- a) Diretrizes Comuns
- b) Diretrizes Específicas

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC no enfoque específico, o objetivo geral do bacharelado em turismo é formar:

Um profissional apto a atuar em um mercado altamente competitivo e em constante transformação, cujas opções possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente, exigindo uma formação ao mesmo tempo generalista, no sentido tanto do conhecimento geral, das ciências humanas, sociais, políticas e econômicas, como também de uma formação especializada.

Conforme as Diretrizes Específicas, são destacadas as seguintes habilidades e competências na formação do profissional de turismo:

- compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
- utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
- domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
- domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;
- adequada aplicação da legislação pertinente;
- planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e de outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;
- domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;
- domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
- comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;
- utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;

- domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;
- habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;
- integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares interagindo criativamente nos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;
- profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas para o êxito de qualquer evento turístico;
- conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

É perceptível em toda essa lista de características que talvez uma das atitudes mais importantes tenha sido colocada à parte, uma vez que no ensino da hospitalidade, e conseqüentemente do turismo, o grande apelo está no “aprender a sentir”, pois hospitalidade significa amizade, pois deve prover além do conforto físico também o conforto psicológico, no sentido de uma interação onde prime a acolhida, a cortesia, o comportamento generoso (COOPER, 2001).

Para Fialho (2001:57) as “emoções são fundadoras de comportamentos individuais e grupais, como evidenciados dentro das diferentes culturas”. O autor identifica que em nossa cultura a emoção fundadora tem sido o medo, quando deveria ser o amor.

Na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando – ou incapacitando – o próprio pensamento. Do mesmo modo, o cérebro pensante desempenha uma função de administrador de nossas emoções – a não ser naqueles momentos em que elas lhe escapam ao controle e o cérebro emocional corre solto. As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. Goleman, 1995.

Paulo Freire afirma “que ensinar é uma forma de intervenção no mundo”, esse é o sentido primordial da educação como instrumento de transformação. Frente aos desafios do mundo contemporâneo, emerge a necessidade de desenvolver indivíduos autônomos e atuantes na sociedade através da educação, uma vez que educar é facilitar o processo de aprendizagem. Ser autônomo é ter consciência de si mesmo, e essa condição é base fundamental para o exercício da cidadania, para o ser no mundo e com o mundo.

De acordo com Perrenoud, competência “é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”.

As Diretrizes Específicas das DCN também determinam que os cursos de graduação em turismo deverão apresentar uma organização curricular com os conteúdos interligados em três eixos de formação de acordo com o seguinte:

I – Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos Sociológicos, Antropológicos, Históricos, Filosóficos, Geográficos, Culturais e Artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;

II – Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do Turismo com a Administração, o Direito, a Economia, a Estatística e a Contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira;

III – Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios.

Comparando as oito categorias principais de competências destacadas por Perrenoud, com a identificação do perfil esperado do egresso das faculdades de turismo das DCN, propõe-se o seguinte relacionamento:

Perrenoud	Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Turismo
Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social; ▪ habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos; ▪ domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida; ▪ conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética;
Saber gerenciar e superar conflitos;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares interagindo criativamente nos diferentes contextos organizacionais e sociais; ▪ profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas para o êxito de qualquer evento turístico;
Saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados; ▪ classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e de outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão; ▪ compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;
Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo – lidar com relacionamentos;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
Saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;</i> ▪ <i>domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;</i> ▪ <i>domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;</i>
Saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo; ▪ adequada aplicação da legislação pertinente;
Saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais; ▪ <i>domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos.</i>

Tabela 4: Saberes de Perrenoud e as Diretrizes Curriculares Nacionais

Considerando o processo de mudança da visão do ensino tradicional para o enfoque no desenvolvimento de competências, surge além da perspectiva de transformação dos alunos, o desafio para os educadores como agentes motivadores desse processo.

O desafio é formar profissionais capazes de entender o processo e intervir nele criativamente, e que, ao mesmo tempo, tenham conhecimento aprofundado de algum dos aspectos da atividade turística, de acordo com a demanda por especialistas, característica da pós-modernidade. Barretto (1995:146).

Em Ruschmann et al (1996) são apontados, entre outros, os seguintes aspectos acerca da adequação do ensino do turismo com a realidade do mercado de trabalho, ou seja, com a inserção dos profissionais egressos da graduação em turismo:

- ❑ O ensino e a consultoria são áreas emergentes;
- ❑ entre os principais problemas dos cursos está a incompatibilidade com as necessidades do mercado de trabalho;

Quanto às recomendações, as autoras sugerem:

- ❑ Conscientização do “trade” turístico para a formação e capacitação de profissionais;
- ❑ controle de novos cursos regulares em nível superior;
- ❑ fomento aos cursos técnicos regulares e cursos livres;
- ❑ estímulo à preparação dos docentes e sensibilização das agências de financiamento para oferta de bolsas de estudo;
- ❑ avaliação periódica dos cursos e professores.

Precisa-se de pessoas com conhecimentos gerais, que sejam capazes de interpretar os problemas da sociedade atual e que saibam aprender a aprender para reciclar-se continuamente,

executando suas tarefas, da mais simples até a mais complexa, com real eficiência; mas, fundamentalmente, precisa-se segmentar o turismo para ver quantos tipos de profissionais de turismo serão necessários para atender efetivamente o sistema. (Barretto, 1995:147)

3.3 Novas tendências em educação turística

Todas essa mudança na visão quanto ao potencial do turismo e o papel do profissional vem acompanhada de novas tendências no perfil do mercado turístico. É inseparável a relação entre as tendências ou preferências do mercado consumidor em geral e a demanda turística, e por isso se evidenciam novas características – aqui destacadas de forma genérica - que marcam profundamente o setor:

- ❑ Competição global dos destinos;
- ❑ segmentação de mercados e personalização nos serviços;
- ❑ clientes mais informados e mais exigentes;
- ❑ trabalho com a comunidade.

A competição global dos destinos turísticos é decorrente de dois fatores principais, o primeiro a informação mais acessível pelos novos meios de comunicação iniciados pela TV a Cabo até a Internet, e o segundo pela facilidade dos deslocamentos promovida pelos avanços dos meios de transporte quanto a maior velocidade e aos menores custos.

A segmentação de mercados segue a ruptura da padronização que aconteceu a partir da década de 90, onde os pacotes massivos característicos do movimento turístico de grandes fluxos da década de 80 dão lugar a grupos menores, com perfis bem delimitados e desejosos de atendimento personalizado. Como consumidores os turistas passam a exercer maior exigência quanto aos seus direitos, conscientes de um código que os defendem, o cliente-turista deseja excelência e requer qualidade. Agrega-se a isso que os meios de comunicação facilitam o acesso a muitos dados caracterizando uma demanda mais bem informada quanto aos destinos e facilidades de viagem.

A interação do desenvolvimento turístico com a comunidade autóctone há muito ganhara pauta nas discussões da sociologia, porém somente na atualidade é que o conceito ganha força e destaque nos planos turísticos. O envolvimento da comunidade com o turismo, tem sido apontado como fator primordial para o desenvolvimento da atividade além de possível alavanca para a sustentação e crescimento econômico. Atividades como as do agroturismo podem possibilitar sustento às famílias sem o êxodo rural, antes pelo contrário com a fixação de residência, e tão pouco abandono da atividade original, sendo essa um motivo de incremento para a renda familiar, sob o aspecto econômico e também de resgate e fortalecimento de identidade sob o aspecto psicossocial.

Ansarah (2002) propõem que as seguintes práticas educacionais deveriam fazer parte da formação do profissional em turismo:

- a) Vivência na elaboração de planos de desenvolvimento turístico municipal
- b) Vivência na elaboração e operacionalização em semanas de turismo
- c) Vivência na elaboração de trabalhos de conclusão de curso
- d) Vivência na elaboração de trabalhos de análise interdisciplinar (monografia)
- e) Vivência em estágios profissionalizantes

Nessa proposta a questão da interdisciplinaridade é um elo fundamental para a prática educativa, promovendo um movimento de aproximação com a realidade. Para Dencker (2002: 21):

A criação de um espaço ecológico que permita a participação de todos – docentes e discentes – em um trabalho de equipe envolvendo atividades e experiências de ensino e aprendizagem, irá, sem dúvida alguma, contribuir para a formação de alunos conscientes de sua realidade enquanto cidadãos e de profissionais dotados de uma visão crítica, reflexiva e criativa capazes de atuar em consonância com as exigências do mundo globalizado e demandas da sociedade pós-industrial, dentro de padrões de cooperação, solidariedade e respeito.

Especificamente com relação aos cursos de graduação, ou cursos de nível superior, observa-se o fortalecimento das seguintes tendências:

- a) Cursos seqüenciais;
- b) Cursos de tecnólogo superior;
- c) Graduação especializada de acordo com a segmentação do turismo;
- d) Educação Superior à Distância

Os cursos seqüências são uma modalidade de ensino superior, que têm como pré-requisito o ensino médio, com a função de ser uma alternativa para o indivíduo que não deseja ou não precisa de uma graduação plena. Podem ser de Complementação ou de Formação Específica, de destinação individual ou coletiva. Esses cursos podem ser aproveitados na graduação, mas não habilitam ao acesso nos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* – mestrado e doutorado – conforme artigo 44 da Lei de Diretrizes e Bases, LDB (Lei 9.394/96). Ao portador de diploma de curso seqüencial, é possível o ingresso em cursos de especialização *lato sensu*.

Os Cursos Tecnológicos são uma graduação de curta duração, que tem como pré-requisito o ensino médio, e visam atender a demanda de quem não pode ou não quer dispensar 4 ou 5 anos para cursar a uma graduação convencional. Nesta modalidade é possível ao egresso dar seguimento aos estudos na Graduação, Especialização, programas de Mestrado e Doutorado (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Parecer/CES nº 436/01).

A graduação especializada visa dar um diferencial na oferta dos cursos, adequando a realidade, potencialidade e necessidade da região onde o curso está estabelecido, como no caso dos cursos de graduação em Turismo e Lazer, Turismo ênfase em Hotelaria, Turismo habilitação em Gastronomia.

A Educação Superior à Distância é “é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação” - Lei 9.394/96 (LDB), Decreto 2.494, de 10.02.1998, Portaria MEC Nº 301/98. Das novas tendências essa é talvez a que está no presente com menor grau de desenvolvimento, ainda que apresente grande potencialidade para um futuro próximo.

Essa nova tipologia de cursos em nível de graduação pode por um lado promover uma significativa melhora na qualificação dos profissionais que atuam no segmento de turismo e hotelaria, seja pela especialização ou complementação de

um curso seqüencial ou uma graduação especializada, seja pela curta duração de um curso superior tecnológico ou pela facilidade de auto-organização do tempo de um estudante em um programa de ensino à distância.

Por outro lado a graduação tradicional em turismo passa a ser de certa forma ameaçada por estas novas propostas uma vez que os cursos seqüências formarão o que se poderia chamar de “mão-de-obra especializada” em curto prazo, como na formação do agente de viagens ou do organizador de eventos. Se atualmente com cursos regulares de quatro anos há um número de bacharéis egressos que o mercado quase que não absorve, possivelmente haja um excedente ainda maior de trabalhadores advindos desses cursos.

Especificamente aos bacharéis em turismo e aos cursos de graduação outra forma de ameaça é o curso de tecnólogo superior, pois o tecnólogo, com uma formação mais específica e em menor tempo de duração, estará habilitado inclusive para continuar os estudos em nível de pós-graduação stricto sensu. Com isso a única qualificação exclusiva ao Bacharel em Turismo seria a realização de Parecer Técnico de projetos e empreendimentos turísticos.

Cabe então ao ensino do turismo promover uma visão empreendedora da atividade, estimular a construção de competências coerentes com a realidade do desenvolvimento turístico no Brasil respeitando as características regionais e consoantes às tendências globais, ou seja, o pensar globalmente e agir no âmbito local.

4 O ENSINO E O PAPEL DO EDUCADOR

Na história da humanidade, quando descobertas ou invenções “revolucionárias” se tornaram conhecidas provocaram gradualmente mudanças, em certos casos extremos, como o que as Revoluções Industriais – a primeira pela máquina a vapor de água e a segunda pela eletricidade – incitaram no modo de produção, na estrutura social, ou mesmo na forma de perceber o mundo. A dinâmica do mundo contemporâneo, frente à era da informação, tem provocado mudanças na sociedade, nas relações humanas, no mercado de trabalho, enfim, na relação do indivíduo com o entorno ambiental. O ser humano é dotado de uma grande capacidade de adaptação, possível de ser observada – de forma simplista – por exemplo, na adequação da vida humana em climas adversos tanto nas geleiras do Alasca, quanto no deserto do Saara.

No contexto atual, mais do que a adaptação ao clima de um determinado local, é mister atender aos desafios de autonomia e consciência, o tornar-se cidadão. Tais desafios de autonomia e consciência envolvem o domínio da vida contemporânea com necessidades emocionais – no âmbito psicológico – necessidades sócio-culturais e políticas, para a compreensão de um mundo globalizado e repleto de contradições, configurando, a partir dessas necessidades, praticamente em um requisito para sobrevivência econômica, social, cultural e emocional³. Ser autônomo é ter consciência de si mesmo, e essa condição é base fundamental para o exercício da cidadania. Em um artigo intitulado “O Sentido da Autonomia no Processo de Globalização”, Soares e Pereira (1998) afirmam que “somente indivíduos autônomos conseguem manejar ferramentas dinâmicas, como o conhecimento, a criatividade, a tomada de decisão e a comunicação”, nesse sentido acrescenta-se à educação formal um novo panorama para a educação e uma revisão do papel das instituições de ensino.

No tocante a uma nova consciência, alguns autores têm proposto seus conceitos acerca do que seria a visão de mundo na atualidade e apontam um novo paradigma baseado na visão ecológica, no sentido de ser holística - do grego holos que significa totalidade, uma compreensão da realidade em função de totalidades

³ SOARES, Holgonsi. A importância da autonomia. Artigo Publicado no jornal "A Razão" de Santa Maria, RS, em 25.06.98

integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores. Guattari (1990, p.8) levanta o questionamento sobre a maneira de viver sobre a Terra: “O que está em questão é a maneira de viver daqui por diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico”. O autor propõe uma consciência ecosófica, sob uma articulação ético-política. A palavra ecosofia, criada por Guattari seria um neologismo que deriva do grego oikos, que significa casa e sophia que significa saber, e que apresentaria três registros: o meio ambiente natural, o social e a subjetividade humana.

A intenção de Guattari é despertar para uma leitura do mundo sob outra perspectiva, onde o oikos se une ao sophia, resultando em um “saber sobre a casa”⁴, ao invés de ligar-se ao logos que significa estudo, ou o estudar a casa da ecologia, é ampliar a visão da ecologia do logos para o saber do sophia, e também a “casa” não apenas como uma porção territorial ou um espaço vazio, senão como um lugar habitado e que envolve múltiplas relações entre seus habitantes e esse lugar, o mundo onde o ser humano habita e com o qual se relaciona. Nesse sentido há um encontro com as idéias de Capra (1988) de um novo paradigma quanto à transferência da visão mecanicista cartesiana para a visão holística da realidade, no que diz respeito a um mundo globalmente interligado onde fenômenos biológicos, psicológicos, sociais e ambientais são todos interdependentes. Em síntese é a emergente necessidade do indivíduo aprender a ser no mundo e com o mundo.

Buscando desenvolver propostas para facilitar o aprendizado do ser no e com o mundo é que surge a inspiração para novos conceitos na educação, visando determinar habilidades necessárias ao desenvolvimento humano, como o caso das competências. Machado (2002) sugere a análise do parentesco semântico entre os termos competência e competitividade, uma vez que ambos têm origem comum no verbo competir (com+petere), que em latim significa “esforçar-se junto com” e mais tarde passaria a significar “disputar junto com”, e de certa forma observa-se que no mundo dos negócios da economia globalizada competir é palavra de ordem. O sociólogo suíço, Philippe Perrenoud define competências como “a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos — como saberes, habilidades e informações — para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”,

⁴ “A ‘casa’, aqui, é um espaço habitado, onde atores individuais e coletivos competem em buscas independentes, cujos interesses são, via de norma, conflitantes.” FIALHO

ou seja, essa proposta gira em torno da necessidade de se preparar o ser humano para a vida na sociedade atual. Perrenoud (2000) destaca, de forma genérica, oito grandes grupos de competências que considera fundamentais para autonomia das pessoas⁵:

“saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades; saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo; saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica; saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança; saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático; saber gerenciar e superar conflitos; saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las; saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais”.

Em outras palavras, construir competências, significa a capacidade de mobilizar conhecimentos conectando habilidades e gerando atitudes. Como parte da mesma teia que se constrói à luz das teorias educacionais contemporâneas, Morin (2001) apresenta os “Sete saberes necessários à educação do futuro”, que a escola teria a missão de ensinar:

- a) As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão, onde a cegueira da transmissão de conhecimentos não se ocupa em fazer conhecer o que é conhecer;
- b) Os princípios do conhecimento pertinente, promover o conhecimento capaz de apreender problemas globais, estimulando a contextualização e evitando a fragmentação;
- c) Ensinar a condição humana, a unidade complexa da natureza humana é desintegrada por meio das disciplinas;
- d) Ensinar a identidade terrena, o reconhecimento da identidade como um dos principais objetos da educação;
- e) Enfrentar incertezas, incluir o ensino das incertezas;

⁵ Em entrevista concedida **Paola Gentile e Roberta Bencini** da Revista Nova Escola. http://www.uol.com.br/novaescola/ed/135_set00/html/perre_portugues.DOC

- f) Ensinar a compreensão, esta é meio e fim da comunicação humana;
- g) A ética do gênero humano, conduzir a “antropo-ética”, a condição humana que é ser indivíduo/sociedade/espécie.

Fialho (2001) ao propor os desafios para a Escola do Futuro, nas propostas para o século XXI faz uso da seguinte comparação entre a Unesco, Morin e sua própria proposta:

UNESCO	ESCOLA DO FUTURO	MORIN
Aprender a Aprender	Biodiversidade	Cegueira Paradigmática
		Ensino das Incertezas
Aprender a Fazer	Tecnologia	Conhecimento pertinente
Aprender a Viver Juntos	Desenvolvimento Sustentável	Identidade Terrena
		Ensino da Condição Humana
Aprender a Ser	Ética	Ensino da Compreensão Humana
		Ética do Gênero Humano
Aprender a Sentir	Humanização	Ética do Gênero Humano Ensino da Condição Humana

Tabela 5: Desafios da Educação

É também no sentido de como agir sobre as situações que Goleman (1995) definiu como inteligência emocional e afirma, que “a inteligência acadêmica pouco tem a ver com a vida emocional. As pessoas mais brilhantes podem se afogar nos recifes de paixões e dos impulsos desenfreados; pessoas de alto QI podem ser pilotos incompetentes de sua vida particular” (GOLEMAN, 1995, p. 46).

Sob essa perspectiva, há um abismo entre a realidade da expectativa do mercado, da família, da sociedade, e o ensino promovido pela educação formal com ênfase nos conteúdos, ou acúmulo de conhecimentos, em detrimento do desenvolvimento pessoal: “A maior contribuição que a educação pode dar ao desenvolvimento de uma criança é ajuda-la a escolher uma profissão onde possa melhor utilizar os seus talentos, onde ela será feliz e competente”. (GOLEMAN,

1995:50). Tal afirmação vai ao encontro das idéias de Perrenoud, principalmente quanto ao enfoque que a educação deveria dar à preparação para a vida.

Ao abordar a “Natureza da Inteligência Emocional”, (GOLEMAN, 1995, p.56) apóia a teoria do psicólogo Peter Salovey ao apresentar as aptidões concernentes à inteligência emocional em cinco domínios principais que seriam:

- a) Conhecer as próprias emoções: autoconsciência, reconhecer um sentimento quando ele ocorre;
- b) Lidar com emoções: autocontrole emocional, lidar com os sentimentos para que sejam apropriados;
- c) Motivar-se: capacidade de entrar em estado de “fluxo”;
- d) Reconhecer emoções nos outros: a empatia; e
- e) Lidar com relacionamentos: a arte de se relacionar, lidar com os sentimentos dos outros.

Esses domínios demonstram que as emoções fazem referência a sentimentos, e esses são determinados muitas vezes pelo processo cognitivo, pelos pensamentos. “Piaget nos ensina que cognição e emoção são faces de uma mesma moeda” (FIALHO, 2001:57). Enquanto o cérebro opera sobre impulsos elétricos, a mente opera sobre símbolos. A sensação é uma resposta específica a um estímulo sensorial particular, e a percepção é um conjunto de mecanismos de codificação e coordenação das diferentes sensações, visando um significado. Para Reuchlin (apud FIALHO 2001) “a percepção é uma construção, um conjunto de informações selecionadas e estruturadas, em função da experiência anterior, das necessidades e das intenções do organismo implicado ativamente numa determinada situação”.

É interessante perceber o encontro das idéias na visão quanto ao ser no mundo, da sociologia européia de Perrenoud com a psicologia americana de Goleman e Salovey, que levam a uma verdadeira identificação – talvez ligadas por um elo de nova compreensão da realidade – das competências com as aptidões da inteligência emocional:

- a) a autoconsciência e o saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;

- b) o autocontrole e o saber gerenciar e superar conflitos, e também o saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;
- c) motivar-se e o saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente (ou em grupo – aqui um cruzamento com o lidar com relacionamentos);
- d) empatia e o saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança; saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;
- e) e por fim a arte de relacionar-se com o saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las; saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais.

De certa forma pode-se observar que tais teorias corroboram com as inteligências interpessoal e intrapessoal da teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner, uma vez que a inteligência interpessoal “inclui a capacidade de discernir e responder adequadamente ao humor, temperamento, motivação e desejo de outras pessoas”, enquanto que a inteligência intrapessoal “inclui o contato com os próprios sentimentos e a capacidade de discrimina-los e usa-los para orientar o comportamento”, Goleman (1995, p. 52).

As atividades mentais são atributos da consciência que, envolvem capacidades como raciocínio, compreensão e resolução de problemas. Fialho (2001:59) considera duas produções das atividades mentais: Externas e internas. As atividades externas têm um resultado comportamental direto, como os gestos, enquanto as atividades internas permanecem no sistema cognitivo sob forma de informações memorizadas.

Rubem Alves compara o conhecimento a uma ferramenta, e diz que se em casa as ferramentas ficam guardadas em uma caixa até que sejam necessárias para o uso, da mesma forma os conhecimentos ficam guardados, porém se algum saber não tem utilidade acaba sendo “jogado fora”, ou seja, é esquecido. Observa-se nas escolas que desde as séries iniciais até o ensino superior é dado ênfase aos conteúdos, a quantidade e qualidade de informações repassadas aos alunos, ainda que por vezes através de aulas “maquiadas” com dinâmicas de ensino ou diversidade de técnicas didáticas. O que o educador Paulo Freire chamaria de uma

educação bancária, em que os professores depositam conteúdos nos alunos, onde o grau de qualidade do ensino é provido através da quantidade de informação repassada aos alunos. “Educação, como é praticada, se torna em uma indústria de formação de marionetes. No dizer de Foucault, o objetivo é o de internalizar esses signos de tal forma que nem percebamos o quanto de nosso comportamento é subordinado e não livre” (FIALHO, 2001). Não seria o caso de desvincular os conteúdos do conhecimento senão utiliza-los de forma mais produtiva.

Fialho (2001) sugere que em psicologia cognitiva a noção de representações é sinônimo de compreensão, e define representações como construções circunstanciais feitas num contexto particular e com fins específicos, finalizadas pela tarefa. Segundo o autor, os conhecimentos são construções, mas permanentes e independentes da tarefa a realizar. O que diferenciam representação e conhecimento é que estes necessitam ser ativados para eficiência, no caso das representações elas são imediatamente eficientes.

“Não há nada que tenha ocupado tanto o meu pensamento quanto à educação. Não acredito que exista coisa mais importante para a vida dos indivíduos e do país que a educação. A democracia só é possível se o povo for educado. Mas ser educado não significa ter diploma superior. Significa ter a capacidade de pensar. Diplomas somente atestam que aqueles que os têm são portadores de um certo tipo de conhecimento. Mas ser portador de um certo tipo de conhecimento não é saber pensar. É ter arquivos cheios de informações”. Rubem Alves

Uma vez que o conhecimento é multidisciplinar, onde cada uma das disciplinas envolvidas usa seus próprios conceitos e métodos, o aspecto da interdisciplinaridade, que examina um determinado problema simultaneamente de diferentes lados, capacitando a uma compreensão holística, retoma força na discussão no que diz respeito a uma construção integral do sujeito. É necessário que cada área do conhecimento, ou cada segmento de formação e informação, desenvolva suas competências e identifique os conteúdos fundamentais que venham ao encontro das necessidades e expectativas tanto do aluno, quanto da comunidade global em relação ao saber que lhe é próprio.

Na verdade, buscar uma lista universal de competências, implica em ignorar o sentido original do conceito e padroniza-la quase que banalizando seu real significado. Mais adequado e em conformidade com o sentido das competências é a análise do contexto local no âmbito social, cultural, político, econômico e natural, bem como seus múltiplos relacionamentos com o ambiente global. É preciso que sejam identificadas as competências desejáveis e a partir delas estruturados os saberes básicos de cada área do conhecimento. Identificar tais competências requer uma análise do momento ambiental em evidência bem como seus reflexos e conseqüências, pois seria irreal acreditar que há uma receita metódica para listar saberes, atitudes, habilidades que determinarão o sucesso ou fracasso do ser humano em relação a adversidades ou oportunidades do seu meio.

Desenvolver uma competência requer entre outras coisas que haja tempo para viver experiências e analisa-las, clima no ambiente e interesse no crescimento individual. A demanda temporal para o desenvolvimento é particular, absolutamente pessoal, e configura em um processo onde não cabem acelerações uma vez que cada um constrói o self⁶ em seu próprio tempo. Criar situações que desafiem a busca pela resolução de problemas propicia um ambiente motivador ao aprendiz por descoberta, bem como o professor enquanto facilitador do processo de aprendizagem, atuando como orientador e mediador do aprendizado, da construção do conhecimento pelo aluno. Para Fialho (2001): “É preciso que o processo educativo não transmita certezas, seja agradável e significativo, privilegie a expressão e a comunicação de todos os participantes, promova o encontro, a convivência e a cooperação”.

Os desafios da atual sociedade em mutação e rica em complexidade clamam para que o ensino seja mais contextualizado, não apenas utilitário, para que as ferramentas intelectuais possam efetivamente apoiar o desempenho humano. Ser no mundo e com o mundo exige mais do que o saber-fazer, uma evolução para o saber integral – articular, mediar, sentir, expressar – uma verdadeira postura pró-ativa para enfrentar limites próprios e obstáculos.

⁶Self é o processo desenvolvido pelo indivíduo em interação com seus semelhantes e através do qual se torna capaz de tratar a si mesmo como objeto, isto é, observar-se, considerando seu próprio comportamento do ponto de vista alheio. MAY (1987)

4.1 Algumas Bases da Nova Educação

Ainda que sejam promovidos por novos “conspiradores”⁷, os conceitos anteriormente apresentados têm claros fundamentos em educadores de diversas épocas que contribuíram com o alicerce para uma nova educação. A seguir serão destacados, de forma bem resumida, cinco desses “mestres” que se dedicaram à abstração reflexiva, a “pensar seus pensamentos sobre a educação”. Iniciando com um triângulo invisível entre Suíça, França e Rússia, no intervalo de dois anos três grandes conspiradores vieram à luz do mundo, e na seqüência outros dois mais contemporâneos.

Aos sete anos de idade o suíço Jean Piaget já se interessava por estudos científicos. Filho de uma família rica e culta, ele se formou Biólogo, estudou Filosofia e doutorou-se em Ciências Naturais aos vinte e dois anos. O primeiro dos mais de sessenta livros de sua autoria escritos em oitenta e quatro anos de vida, foi lançado no ano de 1923, “A linguagem e o Pensamento na Criança”. Parte do legado de Piaget para a educação está na observação de que é na relação com o meio que a criança se desenvolve, construindo e reconstruindo suas hipóteses sobre o mundo que a cerca. Jean Piaget também alerta que o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento das crianças.

No sul da França, em 1896, nascia Célestin Freinet. Após participar de combates na 1ª Grande Guerra Mundial iniciou-se na docência no ano de 1920 acreditando que a educação deveria proporcionar ao aluno a realização de um trabalho real, onde a cooperação é fundamental assim como considerar a realidade em que os alunos estão inseridos. Faleceu em 1966.

Foi na década de 60 que as obras do russo Lev Vygotsky chegaram ao Ocidente, ainda que para o Brasil o acesso só aconteceu 20 anos mais tarde. A tuberculose o levou em 1934 a morte precocemente com 37 anos, mesmo assim Vygotsky legou a idéia de que o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá sobretudo pela interação social, e que além disso, a pessoa só aprende quando as informações fazem sentido para ela. É a ferramenta do saber que se não pode ser usada acaba sendo lançada fora.

⁷ O termo conspirador foi usado por Marilyn Ferguson no livro *A Conspiração Aquariana* (1980), ao se referir a pessoas que romperam com alguns elementos chave do pensamento ocidental trabalhando no sentido de provocar uma mudança radical.

Fora do “triângulo invisível” entre Suíça, França e Rússia, dois anos antes de Piaget lançar seu primeiro livro nascia no Brasil, mais precisamente no Recife Paulo Freire. Foi durante o exílio no Chile, após o golpe de 64 que ele escreveu o livro “Pedagogia do Oprimido”, que o tornou conhecido. Freire foi secretário da Educação na capital paulista no período de 1989 a 1991, cidade onde o advogado pernambucano apaixonado pela educação morreu no ano de 1997. Ele contribuiu com um método de alfabetização voltado para adultos utilizando silabação e palavras geradoras. O protesto de Paulo Freire era no sentido de pôr fim à educação bancária, em que o professor deposita em seus alunos os conhecimentos que possui.

O psicólogo americano Howard Gardner é professor de Cognição e Educação e integrante de um grupo de pesquisa em cognição humana da Universidade de Harvard, o Projeto Zero. Gardner enfatiza que a escola deve valorizar as diferentes habilidades dos alunos, as múltiplas inteligências. Sugere ainda que é preciso levar os alunos a resolver problemas e não meramente executar tarefas.

Pensador	Pensamento
Jean Piaget	<p>é na relação com o meio que a criança se desenvolve, construindo e reconstruindo suas hipóteses sobre o mundo que a cerca.</p> <p>o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento das crianças.</p>
Célestin Freinet	<p>a educação deve proporcionar ao aluno a realização de um trabalho real, onde a cooperação é fundamental.</p> <p>considerar a realidade em que os alunos estão inseridos.</p>
Lev Vygotsky	<p>o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá sobretudo pela interação social.</p> <p>a pessoa só aprende quando as informações fazem sentido para ela.</p>
Paulo Freire	<p>pôr fim à educação bancária, em que o professor deposita em seus alunos os conhecimentos que possui.</p>
Howard Gardner	<p>a escola deve valorizar as diferentes habilidades dos alunos, as múltiplas inteligências.</p> <p>é preciso levar os alunos a resolver problemas e não meramente executar tarefas.</p>

Tabela 6: Pensadores e Pensamentos

4.2 Papel do educador: despertando águias

"Era uma vez uma águia, que foi criada em um galinheiro, e foi aprendendo o jeito galináceo de ser, de pensar, de ciscar a terra, de comer milhos, de dormir em poleiros... e na medida em que ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado - é sempre assim; todo condicionamento exige um esquecimento - E ela desaprendeu: os cumes das montanhas, os vôos nas nuvens, o frio das alturas, a vista se perdendo no horizonte, o delicioso sentimento de dignidade e liberdade... Como não havia ninguém que lhe falasse destas coisas, e todas as galinhas cacarejassem, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com 'perturbação hormonal', tudo grande demais, aquele bico curvo... Um dia apareceu um homem que nas montanhas vira o vôo das águias... Que é que você faz aqui? - ele perguntou. Este é o meu lugar, ela respondeu. Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milhos, ciscam o chão, botam ovos e finalmente viram canja; nada se perde, utilidade total... Mas você não é galinha, ele disse. É águia. De jeito nenhum. Águia voa alto. Eu nem sequer voar sei. Pra dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens. É mais seguro ir andando, passo a passo... E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até que o homem, não agüentando ver aquela coisa triste, uma águia transformada em galinha, agarrou a águia a força, e a levou até o alto de uma montanha. A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão; jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado a memórias que ainda moravam em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranqüila dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado. E finalmente compreendeu que seu nome não era galinha, mas águia". Autor desconhecido.

Ainda que possa parecer estranho iniciar uma reflexão sobre a educação utilizando uma fábula de "uma águia que virou galinha e depois voltou a ser águia", é justamente das entrelinhas que aflora o papel que a escola têm desempenhado na formação do ser humano assim como o papel que o educador, o facilitador, pode (e deve!) desempenhar no exercício de sua vocação.

A cruel atitude do granjeiro que um dia encontra uma águia, ainda bebê, e a leva ao seu galinheiro para ser criada junto com as galinhas, ilustra a crueldade do

que Rubem Alves chamaria da deformação que a escola causa no indivíduo. O condicionamento que a criança passa para se adaptar aos padrões da escola é o processo pedagógico que adentra a biologia a uma episteme - uma forma de ver, pensar e explicar o mundo (FIALHO, 2001) -, assim como a águia aprendeu a dormir em poleiros, comer milhos, ciscar idéias...

É a nova visão de mundo que provoca reflexões e releituras, o ideal do sujeito que chega para dizer a águia que ela é águia e não galinha, é a surpresa de perceber que o adestramento escolar atingiu tais níveis de sucesso que o indivíduo passa a crer que não é a sua própria essência. É a perda da consciência de si mesmo, da sua autoconsciência, do *self*. Mas é também no sujeito, que vê a águia como o que ela é, que se apresenta o desafio da educação atual, ou melhor, do educador na atualidade. Provocar a águia no redescobrir-se, ainda que através do condicionamento as pessoas passem a vivenciar o que Platão chamaria de “mito das cavernas”⁸: “Altura me dá vertigens” disse a águia. Por isso a provocação não pára por aqui, passa do argumento para a ação, quase que atropelando a conformidade da compaixão. E o homem “jogou” a águia no abismo... Foi só diante do desafio, ou do risco de vida, que a águia lembrou que era águia e não galinha. É na mudança de atitude, não no discurso, por parte do educador que o aluno será verdadeiramente provocado a voltar a ser no mundo e com o mundo, e não mais para o mundo como ele acha que deve ser.

Do alto das montanhas é possível ver mais longe, o ângulo de visão se amplia, o sujeito que ajudou a águia a voltar a ser águia conhecia as montanhas.

4.2.1 Auxiliar a águia a deixar de ser galinha...

Se educar é facilitar o processo de aprendizagem o desafio da educação atual é exatamente de auxiliar os alunos condicionados como as “galinhas” do conto a voltarem a ser águias, simples? Nem tanto. Durante muito tempo o papel da educação tem sido o de adestramento, de enquadramento, quase que um papel de alienação. O condicionamento proposto pela educação tem sido centrado na

⁸ Platão fala de algumas pessoas que vivem numa caverna subterrânea, desde a sua infância. Seus pescoços e pernas estão presos. Portanto, elas não podem mover-se e só podem olhar para a frente. Assim, conseguem enxergar suas próprias sombras e as sombras de figuras projetadas, através de uma fogueira, na parede à sua frente. Para elas, a verdade seria literalmente apenas a sombra das imagens.

reprodução, na idéia mecânica de cópia, uma reprodução de conhecimentos, de comportamentos, de crenças e valores, de certa forma uma “lavagem cerebral”, ou melhor, uma paralisia mental.

Ainda na analogia do conto, assim como as galinhas se alimentam de restos, os alunos são cheios de conteúdos – restos dos professores, da televisão – galinhas têm olhos laterais e ficam ciscando o chão, como jovens com a visão limitada e idéias repetidas, a mecânica reprodução, as asas de uma galinha não têm nenhuma utilidade para voar, como a mente dos alunos condicionados. Ora se o mundo mudou o mercado de trabalho também está transformado e a diferença entre o perfil desejado e o real dos jovens é um abismo tão grande quanto àquele em que foi jogada a águia do conto. Poderia se chamar de “nó cultural” o conjunto de fatores que tem distanciado os jovens da compreensão do mundo, com uma parcela de “culpa” para os pais, outra para a escola, talvez outra para a própria sociedade, enfim, conjunto de fatores que justificariam o olhar passivo dos jovens-galinhas a ciscar o chão.

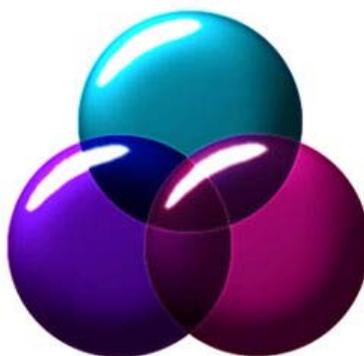
Por outro lado uma águia, que simboliza o sujeito autônomo, se alimenta de coisas vivas, busca seu próprio alimento e escolhe exatamente o que quer, como quando o conhecimento é um prazer. Os olhos da águia proporcionam uma visão de longo alcance que somada as suas asas que permitem vôos altos e para todos os lados, sustentam a idéia de autonomia, de liberdade – mente livre e consciente – o reflexo do que se espera ou deseja dos jovens alunos - e telespectadores - de hoje, responsáveis pela construção do mundo de daqui a pouco.

“Enfim, não há como alterarmos a visão, arcaica e infantil, que temos de educação, sem antes preconizarmos uma alteração em nosso próprio sistema de pensar e agir, ou seja, na ideologia social que nos permeia. Precisamos, primeiramente, compreender estas três ecologias para, desta forma, consolidarmos uma ponte entre elas, e assim, construirmos uma verdadeira ecologia global”. FIALHO (2001)

Para compreender, ou seja, dar significado a essas três ecologias é importante saber que de acordo com Guattari (1990) a ecosofia social deve buscar o desenvolvimento de práticas para modificar as maneiras de ser na família, no ambiente profissional, na comunidade, deve “reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo”. Já a ecosofia mental, ou a subjetividade humana, tem o papel de

“reinventar a relação do sujeito com o corpo e com o fantasma” – inconsciente no sentido psicanalítico – para evitar a uniformização e libertar do conformismo da moda e outras manipulações. E ainda, a ecosofia do meio ambiente natural, que precisa ser repensada na relação dos grupos e do sujeito com esse meio, o equilíbrio depende da intervenção humana. No livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire afirma “que ensinar é uma forma de intervenção no mundo”.

Meio Ambiente



Subjetividade humana Social

Figura 3: Ecosofia

Adaptado de Guattari (1990) *apud* Fialho (2001)

A educação deve possibilitar o desenvolvimento da autonomia, trabalhando o ser humano integralmente para que ele possa não só atender aos requisitos do mercado, mas também atuar como cidadão no mundo globalizado. Somente indivíduos autônomos conseguem manejar ferramentas dinâmicas, como o conhecimento, a criatividade, a tomada de decisão e a comunicação. Soares, 1998.

Ser autônomo é ter consciência de si mesmo, e essa condição é base fundamental para o exercício da cidadania, para o ser no mundo e com o mundo. Frente aos desafios atuais para o desenvolvimento humano, emerge do mundo empresarial uma terminologia dotada de novo conceito, o de competências: “O objetivo agora não é só passar conteúdos, mas preparar — todos — para a vida na sociedade moderna” Philippe Perrenoud⁹.

O principal objetivo da abordagem das competências na educação é o de “ensinar aos alunos o que eles precisam aprender para ser cidadãos que saibam analisar, decidir, planejar, expor suas idéias e ouvir as dos outros”. Em outras

⁹ sociólogo suíço, doutor em Sociologia e Antropologia, professor da Universidade de Genebra e especialista em práticas pedagógicas e instituições de ensino

palavras, essa abordagem da educação visa preparar cidadãos para uma participação ativa sobre a sociedade em que vivem.

Nesse sentido, pode-se definir como competência a capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles, mobilizando os conhecimentos apropriados para atuação em determinada situação.

4.2.2 Quebrar barreiras nos professores para libertar também os alunos

A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos de futebol - sem negar a importância de todo esse instrumental -, tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e à importância do professor. Chalita, 2001

No processo de mudança da visão do ensino tradicional para o enfoque no desenvolvimento de competências, surge além da perspectiva de transformação dos alunos, o desafio para os educadores como agentes motivadores desse processo. Assim sendo, o professor em primeiro lugar terá de identificar em si mesmo as próprias competências, para então mobilizá-las a prática profissional e social, uma vez que essas não se limitam ao emprego trabalhista, antes ao exercício da cidadania. A capacidade de mediar situações passa a ocupar posição de destaque entre as qualidades desejáveis do professor, aliando a mediação outros recursos cognitivos como o da observação, o aprendizado e transcendendo à inovação.

Existem dois modos de construção de conhecimentos que Fialho (2001:66) referenciam como os que garantem a evolução do sistema cognitivo e contribuem para a aprendizagem, um é a partir das informações simbólicas veiculadas em terceira pessoa, e outro é a construção pela ação, aprendizagem em primeira pessoa.

É através desse tipo de abordagem do ensino que o aprendizado por instrução cede lugar ao aprendizado por descoberta. Desafiar os alunos para a busca do conhecimento e contextualização da aprendizagem, incentivar atitudes

empreendedoras, são alguns dos objetivos educacionais almejados pelas competências, para tal é mister que os educadores quebrem com a própria rigidez de acomodação dos planos de ensino norteados pelos conteúdos programáticos e que o saber passe a ter mais sabor, exatamente no sentido de um gosto de novidade.

Para Freire (1997):

O homem e a mulher são os únicos seres capazes de aprender com alegria e esperança, na convicção de que a mudança é possível. Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e a aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina. Educar é como viver exige a consciência do inacabado porque a 'História em que me faço com os outros... é um tempo de possibilidades e não de determinismo'.

De acordo com Fialho (2001), o processo educacional é parte fundamental da adaptação do ser humano à cultura, historicamente a educação tem sido voltada para a preparação dos indivíduos visando o exercício profissional do trabalho. Em virtude da revisão do processo educacional incitada pela Lei de Diretrizes e Bases, a formação profissional para o turismo ganhou atenção e o documento que expressa o "Modelo de Enquadramento das Propostas de Diretrizes Curriculares", defende que a formação técnica e teórica determinará o sucesso do profissional do turismo, e destaca a necessidade de "aprender a aprender" e outras características, ou aptidões da Inteligência Emocional¹⁰ como:

- a) autoconfiança, sensibilidade;
- b) determinação;
- c) organização pessoal e no trabalho;
- d) habilidade de trabalho em equipe e facilidade de adaptação a novos contextos;
- e) criatividade;
- f) espírito inovador;

¹⁰ Para Goleman (1995), Inteligência Emocional significa o conjunto das aptidões que dependem da ligação entre sentimento, caráter e instintos morais, como por exemplo: a capacidade de criar motivações para si e de persistir em um objetivo; controlar impulsos e saber aguardar a satisfação de seus desejos; impedir que a ansiedade interfira no raciocínio; ser empático e autoconfiante.

- g) liderança, decisão, confiabilidade e habilidade comunicativa;
- h) capacidade de síntese, de crítica, de inovação e de reflexão;
- h) atualização tecnológica e domínio de idiomas.

É preciso levar em conta ainda que uma aprendizagem significativa não se relaciona apenas a aspectos cognitivos dos sujeitos envolvidos no processo, mas está também intimamente relacionada com suas referências pessoais, sociais e afetivas. Nesse sentido, afeto e cognição, razão e emoção se compõem em uma perfeita interação para atualizar e reforçar, romper e ajustar, desejar ou repelir novas relações, novos significados na rede de conceitos de quem aprende. Smole, 2001.

4.3 Educadores competentes

Se o atual mundo do trabalho exige transformação na postura dos profissionais não é possível que no ensino a atitude seja de tráfegar na contra-mão da evolução da sociedade insistindo em modelos educacionais que centralizam na figura do professor o saber absoluto e a responsabilidade por depositar informações nos alunos, ou seja, o modelo educacional rotulado por Paulo Freire de educação bancária.

“A psicologia ‘cognitiva’ investiga como os indivíduos conhecem ou obtém conhecimento para guiar suas decisões e realizar ações mais eficazes”, Fialho (2001:178). Considerando essa abordagem cognitivista e acrescentando aos estudos sobre a andragogia¹¹, identifica-se que o aprendiz adulto possui características específicas como:

- a) Precisam conhecer: necessitam saber porquê aprender determinado assunto antes de se começar o trabalho;
- b) opinião própria: precisam proteger suas próprias opiniões, sua habilidade de se responsabilizarem por seus próprios atos e decisões;

¹¹ **Andragogia**, a arte e ciência de auxiliar os adultos no aprendizado, primeiramente implementada por Malcom Knowles em 1968.

c) experiência de vida: têm acumulado experiências de vida valiosas diferentes tanto em quantidade quanto em qualidade;

d) prontidão para aprender: tornam-se prontos para o aprendizado somente quando julgam que está na hora de aprender, de modo que possa auxiliá-lo a encarar os desafios reais do dia-a-dia;

e) orientação para o aprendizado: vem da necessidade de usar, de modo significativo, a informação para fazer suas vidas mais fáceis ou mais produtivas fazendo com que o foco seja direcionado ao problema ou tarefa;

f) motivação para o aprendizado: deriva das forças internas uma vez que a maioria dos adultos normais querem crescer.

Para a visão cognitivista um conhecimento se constrói a partir dos conhecimentos anteriores (FIALHO, 2001:175).

É comum nos cursos de graduação que jovens ingressem ainda adolescente e que seu “amadurecimento” para a fase adulta seja construído no decorrer do curso, assim como em alguns casos pessoas já “maduras” encontram oportunidade de voltar a estudar. Ao educador cabe mediar relacionamentos tão complexos e motivações tão distintas na rica heterogeneidade das turmas.

Dos espaços de aprendizagem, no espaço da academia (da escola) o processo de aprendizagem é diferente do de casa. Um dos elementos que diferencia é a resistência em aprender, porque na academia a aprendizagem não é espontânea, e é difícil. A academia é um espaço que traz um mundo de formalidade. A informalidade está na família, amigos, etc. A academia não é a casa, nem prolongamento da casa, é sim um espaço público e político de construção de conhecimento e de cultura, de valores e ética.

O movimento de resistência constitui o indivíduo como ser humano, como aluno. Existem dois movimentos de resistência:

a) Resistência saudável: socializar os nós de resistência para não omitir. Socializar ajuda o outro a crescer, faz assumir o saber.

b) Resistência Improdutiva: o nó de resistência fica velado, omitido – ainda que tenha sido diagnosticado – é quando o processo de construção do grupo é minado, aqui começa o processo de separação do grupo.

Há um processo de adaptação, o grupo precisa estar sempre em um processo de construção. A função do educador é ir percebendo e desmascarando as resistências – elas são parte do processo de aprendizagem – oportunizando o diálogo de forma dosada e planejada. É necessário diagnosticar o por que de determinados comportamentos, como as saídas da sala de aula. Impor disciplina não vai trazer a aprendizagem, a disciplina precisa ser conquistada. O comportamento de resistência é desvelado pelo professor na construção da aula.

A efetiva construção do conhecimento depende do grupo, da inquietação e da mediação. O educador não é igual ao educando, mas é também parte do grupo. Cabe a ele ler a necessidade do educando, do grupo e instrumentalizar. Não há grupo sem coordenação, cabe ao docente assumir o papel de coordenador-professor, assumir a gestão do grupo.



Figura 4: Quatro elementos naturais no comportamento de grupos.
Fonte: Kelly & Allison (1996) *apud* Fialho (2001).

A vida no grupo possibilita comportamentos como troca, compartilhamento, interação e evolução, o desafio do gestor do grupo é harmonizar os opostos desses relacionamentos, entre a competição e a colaboração, entre a informação limitada e a aberta e rica, entre a interação superficial e a profunda, entre a evolução individual e a coordenada. “O sujeito precisa barrar o outro para que possa ocupar um lugar, seu lugar”, Fialho (2001:24).

Perrenoud (2000) desenvolveu um elenco de competências dos educadores identificando as qualidades profissionais que o professor deve ter para ajudar os alunos a desenvolver competências:

Tabela 7: 10 Novas Competências para Ensinar	
1. Organizar e dirigir as situações de aprendizagem	<p>Conhecer os conteúdos e sua tradução em objetivos de aprendizagem</p> <p>Trabalhar a partir das representações dos alunos,</p> <p>Trabalhar a partir dos erros e obstáculos à aprendizagem</p> <p>Construir e planejar dispositivos e seqüências didáticas</p> <p>Envolver os alunos em pesquisas e projetos de conhecimento</p>
2. Administrar a progressão das aprendizagens	<p>Conceber situações-problemas adequadas as possibilidades dos alunos</p> <p>Adquirir uma visão longitudinal dos objetivos do ensino</p> <p>Estabelecer vínculos com as teorias subjacentes às atividades</p> <p>Observar e avaliar os alunos nas situações de aprendizagem</p> <p>Fazer balanços periódicos de competências e tomar decisões de progressão</p>
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	<p>Administrar a heterogeneidade no interior do grupo classe (turma)</p> <p>Superar barreiras, ampliar a gestão da classe</p> <p>Praticar o apoio integrado, trabalhar com os alunos com dificuldade</p> <p>Desenvolver a cooperação e algumas formas de ensino mútuo</p>
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho	<p>Suscitar o desejo de aprender, explicitar a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolver a capacidade de auto-avaliação no educando</p> <p>Instituir e fazer funcionar um conselho de alunos (Conselho de Classe ou de escola) e negociar com os alunos diversos tipos de regras e contratos</p> <p>Oferecer atividades de formação optativas, para que o aluno componha livremente parte de sua formação</p> <p>Favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno</p>
5. Trabalhar em equipe	<p>Elaborar um projeto de equipe, representações comuns</p> <p>Coordenar um grupo de trabalho, conduzir reuniões</p> <p>Formar e renovar uma equipe pedagógica</p> <p>Confrontar e analisar situações complexas, práticas e problemas profissionais</p> <p>Administrar crises ou conflitos interpessoais</p>
6. Participar da gestão da escola	<p>Elaborar e negociar um projeto da instituição</p> <p>Administrar os recursos da escola</p> <p>Coordenar e estimular uma escola com todos os seus parceiros</p> <p>Organizar e fazer evoluir a participação dos alunos na instituição</p>
7. Informar e envolver os pais	<p>Coordenar as reuniões de informação e de debate</p> <p>Conduzir as entrevistas</p> <p>Envolver os pais na valorização da construção de saberes</p>
8. Utilizar novas tecnologias	<p>Utilizar os programas de edição de textos</p> <p>Explorar as potencialidades didáticas de programas com relação aos objetivos dos vários domínios do ensino</p> <p>Comunicar-se à distância por meio da telemática.</p> <p>Utilizar as ferramentas de multimídia no ensino.</p>
9. Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão	<p>Prevenir a violência na instituição e na cidade</p> <p>Lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais</p> <p>Participar na definição de regras de vida comum: a disciplina, as sanções e a apreciação da conduta</p> <p>Analisar a relação pedagógica, a autoridade e a comunicação em classe</p> <p>Desenvolver sentimentos de responsabilidade, solidariedade, e justiça</p>
10. Administrar sua própria formação contínua	<p>Saber explicitar suas práticas</p> <p>Fazer o próprio balanço de competências e programa pessoal de formação contínua; acolher e participar da formação dos colegas</p> <p>Negociar um projeto de formação comum com os colegas</p> <p>Envolver-se no domínio de um setor do ensino ou do sistema educativo.</p>

A proposta de Perrenoud (2000) aponta para um caminho onde a formação, ou em certos casos a reciclagem, dos educadores deve ter como referencial um consenso amplo apoiado em competências, tratando os conhecimentos como recursos, onde é preciso que as competências profissionais estejam além do domínio acadêmico dos saberes a ensinar e que as dimensões transversais da profissão docente sejam honradas, considerando toda realidade das práticas em sua diversidade na vida cotidiana de professores e de alunos.

Há a oportunidade de explorar as novas vias abertas pela pesquisa em educação, para que guiem o desenvolvimento profissional no âmbito da formação contínua e que o referencial seja um instrumento muito claro para sustentar a concepção e a gestão de planos e dispositivos de formação tanto quanto de avaliação de competências efetivas de estudantes ou professores formados. Perrenoud (1999b) ainda idealiza que a dimensão reflexiva deve ser inscrita na própria concepção das competências, juntamente com a participação crítica e a interrogação ética, para que haja o desenvolvimento de um discernimento profissional.

À medida que o professor ensina também aprende. Considerando as competências que o educador deve desenvolver para ensinar e os saberes que precisam ser despertados e construídos pelo educando, segundo a visão de Perrenoud pode-se fazer o seguinte relacionamento (tabela 8):

1. Organizar e dirigir as situações de aprendizagem	
2. Administrar a progressão das aprendizagens	Saber identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	Saber gerenciar e superar conflitos;
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho	Saber formar e conduzir projetos e desenvolver estratégias, individualmente ou em grupo – lidar com relacionamentos;
5. Trabalhar em equipe	Saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica;
6. Participar da gestão da escola	Saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva do tipo democrático;
7. Informar e envolver os pais	Saber cooperar, agir em sinergia, participar de uma atividade coletiva e partilhar liderança;
8. Utilizar novas tecnologias	Saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las;
9. Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão	Saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais.
10. Administrar sua própria formação contínua	

A primeira competência docente é aquela que envolve toda a reflexão e a prática pedagógica, é a que está envolvendo todas as demais. A coluna da esquerda apresenta o que o professor precisa identificar e construir em si mesmo para que o aluno tenha as condições necessárias ao seu pleno desenvolvimento, se o professor desenvolver a competência de administrar a progressão das aprendizagens, ele possibilitará ao aluno desenvolver a capacidade de identificar, avaliar e valorizar suas possibilidades, seus direitos, seus limites e suas necessidades.

Ao conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação, administrando a heterogeneidade do grupo, praticando apoio e desenvolvendo a cooperação, ampliando a gestão da classe e superando barreiras, o educador dá suporte para que o educando gerencie e supere conflitos. Para que o aluno apreenda o saber formar e conduzir projetos e o desenvolvimento de estratégias, o educador precisa envolvê-lo em sua aprendizagem e em seu trabalho. O favorecimento da definição de um projeto pessoal e a oportunidade para a auto-avaliação são elementos para apropriação desse saber.

Um professor que tenha desenvolvido a competência para trabalhar em equipe, administrando crises e conflitos interpessoais, havendo confrontado e analisado situações complexas, práticas e problemas profissionais, tem condições para mediar o saber analisar situações, relações e campos de força de forma sistêmica. O saber construir e estimular organizações e sistemas de ação coletiva democráticos, precisa do suporte da participação na gestão da instituição de ensino.

Ao desenvolver a competência de informar e envolver a família na valorização da construção dos saberes o docente instrumentaliza o estudante ao cooperar, partilhar a liderança. Mesmo na educação de adultos, a participação da família pode dar suporte para superar conflitos de relacionamento. O saber conviver com regras, servir-se delas e elaborá-las pode ser mediado a partir da utilização de novas tecnologias, pelo professor que tenha condições para exploração das potencialidades didáticas das ferramentas de multimídia.

O saber construir normas negociadas de convivência que superem as diferenças culturais, passa pela apropriação de valores e princípios éticos. A competência docente de enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão requer que o professor desenvolva sentimentos de responsabilidade, solidariedade e justiça, prevenindo a violência, lutando contra os preconceitos, analisando a relação pedagógica e a autoridade.

Assim toda competência do educador está diretamente relacionada à possibilidade de construção dos saberes dos educandos, até administrar sua própria educação contínua, pois não existe estagnação de uma carreira em um mundo tão dinâmico, deixar de prosseguir é retroceder. Aprender e conhecer são marcas humanas que envolvem tensão e conflito. Quando o novo conteúdo chega no velho começa a resistência, é preciso trabalhar com o desequilíbrio, com a instalação do conflito. A mudança de mentalidade acontece de dentro para fora, no dia-a-dia, de acordo com as escolhas pessoais e experiências.

A capacidade de mediar situações passa a ocupar posição de destaque entre as qualidades desejáveis do professor, aliando a mediação outros recursos cognitivos como a observação, o aprendizado e transcendendo à inovação, para tanto é mister que os educadores quebrem com a própria rigidez de acomodação dos planos de ensino norteados pelos conteúdos programáticos e que o saber passe a ter mais sabor, exatamente no sentido de um gosto de novidade. Etimologicamente a palavra sábio quer dizer “eu degusto” (ALVES, 2001).

O papel do professor como mediador é o de fazer boas perguntas, instigar a curiosidade, despertar para a investigação, para a pesquisa, ou seja, formar pessoas para pesquisa, investigação e interpretação. O professor mediador deve criar vínculos pedagógicos, provocar desafios para que o aluno encontre novas respostas, dar visibilidade daquilo que ele não sabe e precisa desenvolver de conhecimento, ajudar no sentido de perder o medo da participação. É preciso sensibilidade para perceber, para observar a realidade – uma observação atenta. É necessário desenvolver a capacidade crítica – quanto mais se sabe, mais se vê. O professor lida com o ser humano, por isso a sensibilidade para este relacionamento requer foco, concentração, atenção.

É através desse tipo de abordagem do ensino que o aprendizado por instrução cede lugar ao aprendizado por descoberta. Desafiar os alunos para a busca do conhecimento e contextualização da aprendizagem, incentivar atitudes empreendedoras, são alguns dos objetivos educacionais almejados pelas competências, para tal é mister que os educadores cessem com a castração da criatividade e com a ênfase na reprodução.

Nesse contexto cabe ao educador no processo educacional desempenhar seu papel de professor como um facilitador do processo de aprendizagem, como mediador na descoberta e construção do conhecimento pelos alunos (FIALHO,

2001:171). A abordagem cognitivista dá ênfase a investigação científica e ao processo cognitivo, a capacidade do aluno de integrar e processar informações. De acordo com Fialho (2001:178), os processos pelos quais é realizada a aprendizagem são o ponto fundamental, e não o produto da aprendizagem.

Uma vez que o conhecimento é multidisciplinar, e que cada uma das disciplinas envolvidas usa seus próprios conceitos e métodos, o aspecto da interdisciplinaridade, examinando um determinado problema simultaneamente de diferentes lados, capacita a uma compreensão holística e retoma força na discussão sobre a construção integral do sujeito. O ensino deverá proporcionar o desenvolvimento dos mecanismos intelectuais que permitam ao aluno construir o conhecimento, isto é, aprender.

5 COMPETÊNCIAS PARA ENSINAR TURISMO

A evidência de oportunidades para empreender em carreiras e negócios através do setor de viagens e turismo fez com que a procura pelos cursos de formação específica, obtivesse um grande crescimento acompanhado de um considerável aumento da oferta, em especial na graduação em turismo.

O crescimento da oferta dos cursos superiores de turismo trouxe à tona a discussão acerca da absorção desses profissionais pelo mercado, ao mesmo tempo em que se identifica a carência de pessoas qualificadas para docência em cursos de nível técnico e principalmente superior, além de toda gama de treinamentos exigida pela abertura de novos empreendimentos no setor. Tal percepção tem motivado um esforço por parte das instituições de ensino para as primeiras experiências no sentido de preparar educadores para o turismo.

A realocação de trabalhadores, atingidos pelo desemprego industrial, para alternativa de inserção no setor de serviços, sobretudo no turismo, exige uma formação profissional, com especial ênfase no desenvolvimento das relações interpessoais, uma vez que a segmentação do mercado turístico, acentuou nos clientes a expectativa de personalização.

Hoy en día, la competencia, tanto interna como a nivel internacional entre los centros educativos y en general la internacionalización de la enseñanza superior adentrada em uma nueva era de modernas tecnologías educativas y desafíos diversos exigen respuestas adecuadas en todas las esferas, incluyendo la educación de educadores. OMT, 1995:188.

No documento Educando Educadores em Turismo, a OMT (1995) destaca dois enfoques básicos para a qualidade da educação em turismo: o instrumental, que se preocupa com os produtos educativos; e o ético, que se preocupa com os processos educativos. Esses enfoques - o instrumental e o ético - podem coexistir e ser complementares. Para a abordagem cognitivista os processos pelos quais é realizada a aprendizagem são o ponto fundamental, e não o produto da aprendizagem.

A nova abordagem do ensino do turismo proposta pelas Diretrizes Curriculares Nacionais reforça a necessidade de uma educação voltada para formação holística e com especial atenção aos relacionamentos humanos. A proposta das Diretrizes Curriculares vem sendo discutida desde 1996 pelas associações diretamente ligadas à formação educacional do bacharel em turismo (ABBTUR – Associação Brasileira dos Bacharéis em Turismo - e ABDETH – Associação Brasileira de Dirigentes de Escolas de Turismo e Hotelaria) e vários segmentos da sociedade e do mercado.

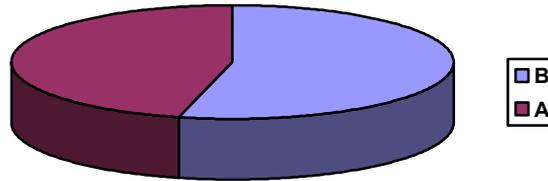
A sociedade e o próprio mercado de trabalho esperam que os profissionais em turismo tenham habilidades e competências, que não podem ser ensinadas, mas podem ser desenvolvidas. Construir competências no turismo significa preparar o indivíduo para participação ativa no meio social onde vive. Para Trigo, (apud LAGE e MILONE, 2000:246):

a questão é que um curso de turismo que não tenha professores formados em turismo e/ou hotelaria ou docentes com experiência razoável em alguma empresa séria do 'trade' turístico corre o risco de 'enrolar' os alunos e resvalar para a picaretagem. Pode ser ainda pior se esses professores forem defasados já em sua própria área de conhecimento.

A pouca quantidade na oferta de Pós Graduação em programas de mestrado e doutorado em turismo faz com que sejam poucos os docentes com titulação adequada ao ensino superior, Ansarah (2002) lista nominalmente somente doze bacharéis em turismo que haviam concluído o doutorado até o ano 2001.

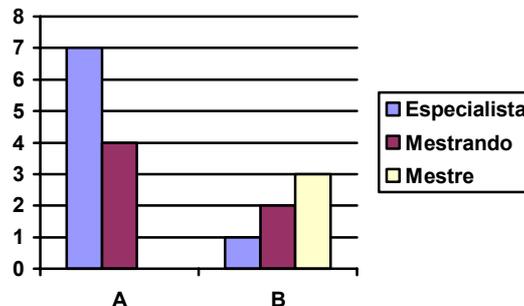
Em uma pesquisa realizada em duas Instituições de Ensino Superior (IES) da região sul do Brasil - a IES A iniciou no ano de 2000 e a IES B iniciou no ano de 1995 - foram encontrados os seguintes resultados:

a) A formação como Bacharel em Turismo representa 34% do quadro de professores da IES B e 29,2% dos professores da IES A.



Quadro 7: Docentes com Formação em Turismo

b) Dos Bacharéis em Turismo da IES B, 03 têm titulação de mestre e 02 estão com Pós Graduação *Stricto Sensu* no mestrado em andamento sendo que dos bacharéis da IES A 04 estão em capacitação no mestrado. No Pós Graduação *Lato Sensu*, todos bacharéis da IES A tem o título de especialista.



Quadro 8: Bacharéis em Turismo com Titulação ou em Capacitação

c) Todos os Bacharéis em Turismo da IES A possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo, sendo que 01 com experiência acadêmica superior a cinco anos. Dos Bacharéis em Turismo da IES B 02 possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo, e 02 com experiência acadêmica igual ou superior a cinco anos, sendo 01 com atuação no ensino médio.

Trigo (2002), levanta a existência de três cursos de mestrado em turismo no Brasil: Universidade de São Paulo (USP, SP), Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI, SC) e Universidade de Caxias do Sul (UCS, RS). Em nível de doutorado há um programa na USP e outro na UNIVALI. Além das carências no saber fazer, ou dos saberes a serem ensinados, nos poucos cursos ofertados é raro que disciplinas que desenvolvam os saberes para ensinar façam parte dos currículos.

Como a licenciatura já não é oferecida na graduação em turismo o educador no turismo tende a reproduzir experiências e modelos de seus antigos professores, mas sem a devida reflexão ou consciência da ação pedagógica. Assim como nos esquemas, segundo a noção de Piaget, as ações se repetem da mesma maneira em situações comparáveis.

Perrenoud (2001: 162) considera que “a ação pedagógica é constantemente controlada pelo habitus”, esse “habitus é constituído pelo conjunto de nossos esquemas de percepção, de avaliação, de pensamento, e de ação”. Os esquemas permitem adaptar as ações a cada situação, dependendo do grau de adaptação, se menor ou maior, está a proporção do enriquecimento e da diversificação do habitus. Constantemente ação pedagógica é controlada pelo habitus, mesmo o professor principiante ao buscar empregar técnicas e métodos, tem a intervenção do habitus na operação dos procedimentos e esquemas de ação.

Para os docentes que os saberes a serem ensinados pertencem a outras áreas de conhecimento, uma vez que o turismo é multidisciplinar, onde há a formação nos saberes para ensinar, o foco da problemática acerca do ensino no turismo está na falta de conhecimento quanto ao estudo do próprio turismo, e o grande desafio é o desenvolvimento da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Esses professores, muitas vezes, chegam a formar cinquenta por cento, ou mais, do quadro docente dos cursos de graduação que tem como objetivo desenvolver competências e habilidades para o turismo e não para suas próprias áreas de conhecimento.

Perrenoud et al (2001:213) comenta que na inteligência artificial são considerados de forma diferente a base do conhecimento e o motor de inferência: “é inútil acumular saberes enciclopédicos se não há um operador que permita extrair daí os elementos pertinentes em uma dada situação”. A capacidade de mobilizar os conhecimentos e adequar a uma realidade complexa é pedra angular na profissão docente.

Para Dencker (2002) o exercício da interdisciplinaridade requer profundas mudanças na vida acadêmica, que passam pela formulação integrada e revisão dos currículos, proporcionando abertura de espaços para a iniciação científica, a pesquisa e a extensão.

5.1 O elenco de competências para ensinar turismo

Especificamente para a formação superior em turismo considerando todas as questões anteriormente expostas, lembrando que ensinar é uma ação intencional, fica evidente a necessidade do educador atuar como:

a) orientador dos alunos em atividades de pesquisa, seja em campo ou na revisão bibliográfica;

b) incentivador da atitude de compartilhar informações com os colegas através de apresentações de trabalhos, seminários, etc.;

c) moderador nos acordos para desenvolver os relacionamentos interpessoais através do trabalho em equipes;

d) apresentador de situações e mediador no estudo de casos baseados em experiências de sucesso e também nos exemplos problemáticos, de empresas ou cidades onde a atividade turística tenha sido implantada;

e) mediador da auto-avaliação e análise crítica quanto aos erros e acertos das experiências individualmente e coletivamente vivenciadas;

f) orientador nos trabalhos de laboratórios que possibilitem vivenciar a experiência profissional diretamente monitorada;

g) promotor do contato direto dos acadêmicos com a comunidade dos núcleos receptores de turismo e com os próprios turistas, para que cada aluno construa sua compreensão dando significado ao fenômeno turístico.

Bélaire (PAQUAY e PERRENOUD, 2001) organiza em cinco campos o conjunto das competências que o professor deveria dominar:

a) Competências relativas à vida da classe;

b) competências necessárias às relações com os alunos;

c) competências ligadas às disciplinas ensinadas;

d) competências exigidas em relação à sociedade;

e) competências inerentes a sua pessoa.

O primeiro campo de competências, as relativas à vida da classe, diz respeito às rotinas metodológicas como organização do tempo e do horário, escolha das atividades, exploração dos recursos de apoio didático e adaptação ao “clima” do grupo. Nas relações com os alunos são necessárias competências para observação e mediação adequada na diferenciação do ensino aos diversos estilos de aprendizagem. É preciso abrir espaço para o “aprender a sentir”, como propõe Fialho (2001): “Emoções são fundadoras de comportamentos individuais e grupais, como os evidenciados dentro das diferentes culturas”.

As competências ligadas às disciplinas incluem a apropriação dos saberes eruditos e a integração aos saberes ensináveis, a partir da experiência do aluno e através da interdisciplinaridade. O quarto grupo de competências se refere a relação com a sociedade, onde a pesquisa e a extensão ganham espaço juntamente com as discussões profissionais e a formação continuada. O quinto e último conjunto de competências seria relacionado à reflexão sobre a própria ação e conduta docente, o questionamento contínuo e cotidiano do professor.

Ao procurar visualizar o perfil ideal do professor Perrenoud (2002) defende as características no duplo registro da cidadania e da construção de competências:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> pessoa confiável; | <input type="checkbox"/> organizador de uma |
| <input type="checkbox"/> mediador intercultural; | pedagogia construtivista; |
| <input type="checkbox"/> mediador de uma | <input type="checkbox"/> garantia do sentido dos |
| comunidade educativa; | saberes; |
| <input type="checkbox"/> garantia da Lei; | <input type="checkbox"/> criador de situações de |
| <input type="checkbox"/> organizador de uma vida | aprendizagem; |
| democrática; | <input type="checkbox"/> administrador da |
| <input type="checkbox"/> transmissor cultural; | heterogeneidade; |
| <input type="checkbox"/> intelectual. | <input type="checkbox"/> regulador dos processos e |
| | percursos de formação. |

Os desafios de autonomia e consciência são apresentados igualmente a professores e estudantes para o efetivo o exercício da cidadania, nesse sentido os princípios éticos devem exercer o mesmo peso no perfil do professor que as competências da profissão docente. Essas características do docente são essenciais

para que se desenvolva a formação de um profissional apto a atuar no dinâmico mercado turístico com responsabilidade pelos impactos da atividade nas esferas da sociedade, da política, da economia, da cultura e do meio ambiente natural.

O trabalho tem sido, ao longo da história, a forma convencional de obter o sustento diário e uma forma de integração do indivíduo na sociedade. O cenário internacional tem demonstrado um ambiente organizacional tão competitivo e dinâmico que provoca uma instabilidade irremediável aos empregos, profissões surgem e desaparecem, ganham e perdem espaço e status social com uma rapidez compatível à velocidade tecnológica.

Abordar carreira pressupõe abordar a sociedade e a cultura, uma vez que a carreira é dependente das oportunidades profissionais proporcionadas pela sociedade, portanto é preciso que a graduação em turismo oportunize a formação de profissionais que atendam ao perfil de empreendedorismo e empregabilidade, emergentes na atualidade.

Considerando a necessidade de professores habilitados para uma intervenção capaz de despertar competências nos alunos, os educadores em turismo devem desenvolver:

CONJUNTO DE COMPETÊNCIAS	AÇÃO PEDAGÓGICA
Competências relativas à vida da classe;	<ul style="list-style-type: none"> ❑ incentivador da atitude de compartilhar informações com os colegas através de apresentações; ❑ orientador nos trabalhos de laboratórios que possibilitem a vivenciar a experiência profissional diretamente monitorada; ❑ orientador dos alunos em atividades de pesquisa, seja em campo ou na revisão bibliográfica;
competências necessárias às relações com os alunos;	<ul style="list-style-type: none"> ❑ moderador nos acordos para desenvolver os relacionamentos interpessoais através do trabalho em equipes; ❑ mediador da auto-avaliação e análise crítica quanto aos erros e acertos das experiências individualmente e coletivamente vivenciadas;
competências ligadas às disciplinas ensinadas;	<ul style="list-style-type: none"> ❑ apresentador de situações e mediador no estudo de casos baseados em experiências de sucesso e também nos exemplos problemáticos, de empresas ou cidades onde a atividade turística tenha sido

	implantada;
competências exigidas em relação à sociedade;	<ul style="list-style-type: none"> ❑ promotor do contato direto dos acadêmicos com a comunidade dos núcleos receptores de turismo e com os próprios turistas, para que cada aluno construa sua compreensão dando significado ao fenômeno turístico.
competências inerentes a sua pessoa	<ul style="list-style-type: none"> ❑ Observador de seqüências cotidianas para conscientização acerca da ação pedagógica; ❑ Construtor de um pensamento profissional; ❑ Gestor da própria carreira; ❑ Agente de interação com outros profissionais para a construção própria de esquemas de ação e modelos de ensino.

Tabela 9: Competências e a Ação Pedagógica

O educador competente deve levar em conta as características as características do aprendiz adulto, como identifica a andragogia, quanto a que:

- a) precisam conhecer;
- b) tem opinião própria;
- c) tem experiência de vida;
- d) prontidão para aprender;
- e) orientação para o aprendizado; e a
- f) motivação para o aprendizado.

Essas características não podem ser perdidas de vista para o planejamento e desenvolvimento das situações de aprendizagem coerentes ao público, assim como deve ser contemplado nos objetivos das disciplinas proporcionar o desenvolvimento das habilidades e competências dos alunos.

Enquanto o ensino tradicional fundamenta o papel do professor como fonte principal de informações, a abordagem cognitivista tem uma perspectiva de que o ensino deve ser organizado de forma que contribua para o desenvolvimento de mecanismos intelectuais, aquisição de novos conceitos, estabelecimento de relações, levantamento de hipóteses e apresentação de soluções (Fialho, 2001:178).

O conjunto de habilidades e competências que o acadêmico de turismo precisará desenvolver passa a ser o alvo do professor, no sentido de identificar as estratégias que criem as oportunidades para que competências sejam construídas.

Por envolver a mudança na ação pedagógica do docente é que as competências se constituem em desafios.

Usando como base para essa reflexão oito do elenco de dez competências proposto por Perrenoud (2000) e o conjunto das habilidades e competências proposto nas DCN para a graduação em turismo, e buscando identificar as competências que o professor deverá ter desenvolvido para a construção da aprendizagem dos estudantes, é possível o seguinte relacionamento:

Competências para Ensinar (Perrenoud)	Diretrizes Curriculares Nacionais: Competências e Habilidades para os Cursos de Graduação em Turismo
Administrar a progressão das aprendizagens	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais; <input type="checkbox"/> domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos. <input type="checkbox"/> conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética;
Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social; <input type="checkbox"/> integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares interagindo criativamente nos diferentes contextos organizacionais e sociais; <input type="checkbox"/> profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas para o êxito de qualquer evento turístico;
Trabalhar em equipe	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados; <input type="checkbox"/> classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e de outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão; <input type="checkbox"/> compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;
Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;

Organizar e dirigir as situações de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo; <input type="checkbox"/> domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana; <input type="checkbox"/> domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;
Participar da gestão da escola	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;
Utilizar novas tecnologias	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos; <input type="checkbox"/> domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;
Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo; <input type="checkbox"/> adequada aplicação da legislação pertinente;

Tabela 10: Competências para Ensinar e as Diretrizes Curriculares Nacionais

O desafio de construir competências no turismo passa necessariamente pela redefinição do papel desempenhado pelo professor tanto em sala de aula, quanto acompanhando os alunos fora da instituição, participando em todo o processo educacional – o ideal que seja desde a concepção dos cursos e disciplinas.

5.2 A construção do educador competente

A conclusão é de que o ensino no turismo deve atingir dimensão tanto teórica como prática e que o docente somente poderá aprofundar-se nos conhecimentos e direcionar o ensino quando tiver domínio do conteúdo e vivenciar a prática de turismo, realizando visita in loco, antes da abordagem em sala de aula ou em visita técnica com os alunos para a aplicação da teoria na prática. (...) para que tal situação ocorra, é preciso que o docente mantenha-se atualizado no que concerne à teoria, adequando-a a prática. Ansarah, 2002:29

Passa a ser fundamental que o docente do turismo desenvolva suas habilidades como orientador e mediador nas experiências, pesquisas e descobertas dos alunos durante o processo de construção do conhecimento. Esse saber para ensinar, é o que Perrenoud (2001) aponta como alternativa na formação docente quanto ao domínio dos saberes acerca da “psicologia da aprendizagem, na

abordagem psicanalítica e psicossociológica das relações educativas e dos grupos”. É preciso que o docente atue em conjunto com a Instituição de Ensino no sentido de promover oportunidades para um ensino mais contextualizado e baseado na experiência prática fundamentada nos estudos, evitando a formação de “cátedras” onde a transmissão de conhecimentos é o padrão.

Para a OMT (1995:196) o desenvolvimento profissional do docente universitário em turismo é multidimensional, formado por:

- a) Desenvolvimento pedagógico
- b) Conhecimento e compreensão de si mesmo
- c) Desenvolvimento cognitivo
- d) Desenvolvimento teórico
- e) Desenvolvimento profissional
- f) Desenvolvimento da carreira

Dessas seis dimensões metade está mais voltada para o educador como indivíduo, enquanto a outra metade para a prática da ação pedagógica propriamente dita. O desenvolvimento pedagógico é a dimensão que melhora o ensino mediante atividades centradas em determinadas áreas de instrução ou gestão da turma. O desenvolvimento cognitivo é a dimensão do desenvolvimento profissional do docente que olha para a aquisição de conhecimentos e melhora das estratégias de processamento das informações. Desenvolvimento profissional através da pesquisa.

O conhecimento e compreensão de si mesmo são parte da dimensão que visa a garantia de uma auto-imagem equilibrada e atualizada de si mesmo. Outra dimensão é a do desenvolvimento teórico, baseado na reflexão sobre a prática docente. E a dimensão do desenvolvimento da carreira, mediante a adoção de novos hábitos docentes.

Para a OMT (1995) os elementos formativos do desenvolvimento profissional do educador em turismo são:

- a) Interação: fatores sociais, organizacionais e culturais em interação com os fatores pessoais e psicopedagógicos;
- b) Compreensão: integração em plano global, conceituação de por quê, onde, quando e como;

- c) Continuidade: um processo de desenvolvimento que requer o reforço contínuo;
- d) Potência: relevância prática, necessária contextualização do conteúdo em função da realidade pessoal e profissional vivida;
- e) Participação: nas fases de planejamento da atividade de desenvolvimento profissional;
- f) Coerência: entre o conteúdo e a proposta metodológica;
- g) Atividade: prática em todo programa de aperfeiçoamento;
- h) Flexibilidade: estrutura e conteúdo, incluindo diferentes alternativas e cursos de ação, em função do interesse ou necessidades.

Para formar docentes profissionais, Perrenoud et al (2001:220) acreditam que a construção de competências se dá a partir de uma experiência prática, onde há o confronto com situações complexas, seguidas de um feedback.

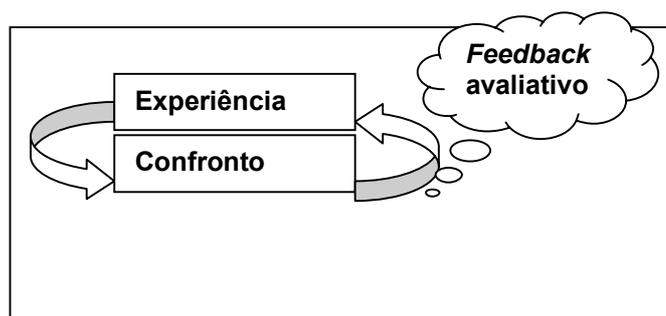


Figura 5: Cognição na Aprendizagem Docente

Esta deve ser a base de formação dos educadores: experimentação planejada, confronto com a complexidade do real e reflexão crítica. Nesse sentido a formação de docentes para o turismo deve oportunizar o apoio para a reflexão sobre a prática de ensino, e também:

- a) A observação de seqüências cotidianas para conscientização acerca da ação pedagógica;
- b) a construção de um pensamento profissional;

- c) a interação com outros profissionais para a construção própria de esquemas de ação e modelos de ensino;
- d) a gestão da própria carreira.

Thurler (2002:102) apresenta a dinâmica da Exploração Colaborativa para como estratégia para o desenvolvimento profissional dos professores. A exploração começa após a formação do grupo com o relato das práticas docentes individuais, compartilhamento das visões do futuro e definição de uma problemática, que pode ser disciplinar ou de um domínio pedagógico. A partir dessa problemática são definidos objetivos e estratégias. A primeira fase é a de experimentação, onde as experiências são discutidas e analisadas, neste momento o confronto crítico e a contribuição teórica possibilitam ampliar e aprofundar as representações. O que Fialho (2001:25) descreve como o “ser humano enquanto consciente da sua individualidade, porém sujeito do discurso do Outro”. O resultado desta fase leva a uma revisão para o planejamento da etapa seguinte.

Ao final de um exercício de Exploração Colaborativa, é possível que os educadores avaliem o efeito para os alunos e para si mesmos no desenvolvimento profissional, pois “buscamos pelas situações em que esperamos encontrar respostas às nossas ansiedades” (FIALHO, 2001:41). O engajamento neste modelo de dinâmica tem uma conduta que vai muito além das técnicas e métodos de ensino, pois demanda de uma reflexão e de um desenvolvimento individual para a construção no grupo, estimulando a criatividade para a resolução de problemas.

Ainda que a informação teórica da aprendizagem por instrução seja imprescindível para formação de educadores competentes no turismo, a aprendizagem por descoberta a partir da ação, mas impreterivelmente permeada por uma abstração reflexiva compartilhada pelos pares, é que promoverá o efetivo significado, a verdadeira compreensão e apropriação do conhecimento, possibilitando mobiliza-los na interação educacional.

CONCLUSÃO

O conjunto das relações provenientes do deslocamento temporário do ser humano com retorno ao local de partida, define a idéia central do turismo, enquanto atividade realizada por pessoas e para pessoas, que abrange as macro-dimensões: social, econômica, cultural, política e do meio ambiente natural.

Na complexa configuração do mundo contemporâneo, um conjunto de fatores molda a dinâmica das viagens, entre eles dois dos que mais se destacam são as tecnologias e as comunicações, onde a primeira que têm fomentado facilidades nos meios de transportes uma vez que a velocidade otimiza em tempo percorrido entre dois pontos, e a segunda por uma maior disseminação de informações promovendo a aproximação virtual que motiva o desejo da visita real.

O segmento de viagens e turismo, que por sua ligação direta inclui a hospitalidade, o lazer e a gastronomia, apresenta-se para um futuro promissor e precisa de urgente atenção. Para que a atividade turística confirme as tendências promissoras é necessário que todos os agentes envolvidos assumam o compromisso com princípios éticos, como o respeito ao meio ambiente natural e a justiça social.

Os profissionais do turismo trabalham em um setor dinâmico e com excelentes perspectivas do mercado futuro da atividade econômica mundial, isto representa uma oportunidade de desenvolver todo o potencial individual do ser humano, obtendo satisfação com o trabalho. Por estar ancorado na prestação de serviços é estabelecida uma relação pessoal entre o cliente e o prestador desse serviço, que constitui o componente mais valorizado no atendimento.

A educação formal no turismo brasileiro é relativamente recente, com a notável expansão do setor terciário na década de 90, e o enxugamento quantitativo do número de trabalhadores nos demais setores da economia, o turismo despontou como um dos segmentos de maior prosperidade, evidenciado pela mídia, o que atraiu a atenção de estudantes, empresários e instituições de ensino.

As oportunidades de carreiras e negócios no turismo motivaram um significativo aumento quantitativo na oferta de cursos de graduação. A carência de professores adequados ao perfil ideal para a formação profissional em turismo, com

experiência profissional não acadêmica e titulação (mestrado e/ou doutorado), é uma das maiores dificuldades encontradas pelas Instituições de Ensino Superior.

Ao mesmo tempo em que se identifica a carência de pessoas qualificadas para docência em cursos de nível técnico e superior, além de toda gama de treinamentos exigida pela abertura de novos empreendimentos no setor, o crescimento da oferta dos cursos superiores de turismo trouxe à tona a discussão acerca da absorção desses profissionais pelo mercado.

A era da informação, tem provocado mudanças na sociedade, nas relações humanas, no mercado de trabalho, enfim, na relação do indivíduo com o entorno ambiental. Mais do que uma simples adaptação é mister atender aos desafios de autonomia e consciência, o tornar-se cidadão, onde tais desafios envolvem o domínio da vida contemporânea.

É emergente a necessidade do indivíduo aprender a ser no mundo e com o mundo. As competências, que significam a capacidade de mobilizar conhecimentos conectando habilidades e gerando atitudes, propõe preparar o ser humano para a vida na sociedade atual.

O conhecimento é uma ferramenta cognitiva, e precisa ser tratado pela educação formal como tal. Uma vez que, sejam identificadas as competências desejáveis, será possível a partir delas estruturar os saberes básicos de cada área do conhecimento. Para que seja possível ao indivíduo desenvolver uma competência é preciso que, entre outras coisas, haja tempo para viver experiências, refletir sobre a experiência, trocar informações com os pares e analisa-las, deve haver um clima apropriado a essas trocas no ambiente e o interesse no crescimento individual. As situações que desafiam a busca pela resolução de problemas propiciam um ambiente motivador ao aprendizado por descoberta, onde o professor atua como facilitador no processo de aprendizagem, como um orientador e mediador da construção do conhecimento pelo aluno, do verdadeiro aprendizado.

A formação básica do Bacharel em turismo deve conter aspectos teóricos, práticos e éticos, visando desenvolver competências. Cabe ao ensino do turismo promover uma visão empreendedora da atividade, estimular a construção de competências coerentes com a realidade do desenvolvimento turístico no Brasil respeitando as características regionais e consoantes às tendências globais, ou seja, o pensar globalmente e agir no âmbito local.

A contextualização do ensino configura em um desafio frente a complexa sociedade atual, um ensino não apenas utilitário, mas onde as ferramentas intelectuais apoiem efetivamente o desempenho humano. A consciência de si mesmo é um fundamento da autonomia e condição básica para o exercício da cidadania, para o ser no mundo e com o mundo.

Na mudança de visão do ensino tradicional para o enfoque na construção de competências, há o desafio para os educadores como agentes motivadores desse processo de transformação dos alunos. É uma mudança de atitude, de ação pedagógica do educador pode provocar no aluno um posicionamento quanto a ser. A mediação passa a ocupar uma posição de destaque entre as habilidades do professor, além da mediação e outros recursos cognitivos como o da observação, o aprendizado e a inovação.

No momento em que os professores quebrarem com a própria rigidez dos conteúdos programáticos estanques em planos de ensino e passarem a desafiar seu grupo de alunos para a busca do conhecimento, para contextualização da aprendizagem, o saber terá mais sabor, no sentido de um gosto de novidade.

Cabe ao docente a identificação das competências para ensinar, para então desenvolvê-las e mobilizá-las na ação pedagógica da prática profissional e também na atuação social, no efetivo exercício da cidadania. Uma vez que aprender e conhecer são marcas humanas, a mudança de mentalidade só pode acontecer de dentro para fora, no cotidiano e de acordo com as escolhas pessoais, com base nas experiências e reflexões que envolvem tensão e conflito.

Os princípios éticos devem exercer o mesmo peso no perfil do professor que as competências da profissão docente. Autonomia e consciência são essenciais para que o educador atue no desenvolvimento da formação de um profissional apto a atuar em um mercado dinâmico como é o turismo, com séria responsabilidade pelos impactos dessa atividade no âmbito da sociedade, da política, da economia, da cultura e do meio ambiente natural.

As habilidades e competências do Bacharel em Turismo, almejadas pela sociedade e mercado de trabalho, não podem ser ensinadas no modelo de educação tradicional, mas podem ser desenvolvidas através da orientação e mediação nas experiências, pesquisas e descobertas dos acadêmicos no processo de construção do conhecimento. Para tanto é fundamental que o docente do turismo desenvolva competências para atuar como:

- a) orientador dos alunos em atividades de pesquisa, seja em campo ou na revisão bibliográfica;
- b) incentivador da atitude de compartilhar informações com os colegas através de apresentações de trabalhos, seminários, etc.;
- c) moderador nos acordos para desenvolver os relacionamentos interpessoais através do trabalho em equipes;
- d) apresentador de situações e mediador no estudo de casos baseados em experiências de sucesso e também nos exemplos problemáticos, de empresas ou cidades onde a atividade turística tenha sido implantada;
- e) mediador da auto-avaliação e análise crítica quanto aos erros e acertos das experiências individualmente e coletivamente vivenciadas;
- f) orientador nos trabalhos de laboratórios que possibilitem vivenciar a experiência profissional diretamente monitorada;
- g) promotor do contato direto dos acadêmicos com a comunidade dos núcleos receptores de turismo e com os próprios turistas, para que cada aluno construa sua compreensão dando significado ao fenômeno turístico.

Para formar educadores profissionais para o ensino no turismo um processo de formação é mais adequado à construção das habilidades e competências do que um modelo educacional de transmissão de conhecimentos, portanto deve haver:

- a) a experimentação planejada;
- b) o confronto com a complexidade do real; e
- c) a reflexão crítica.

Nesse sentido a formação de docentes para o turismo deve oportunizar o apoio para a reflexão sobre a prática de ensino, e também: a observação de seqüências cotidianas para conscientização acerca da ação pedagógica; a construção de um pensamento profissional; a interação com outros profissionais para a construção dos seus esquemas de ação e modelos de ensino; e a gestão da própria carreira.

A informação teórica da aprendizagem por instrução é imprescindível para formação de educadores competentes no turismo, mas a aprendizagem por

descoberta a partir da ação, permeada por uma abstração reflexiva compartilhada pelos pares, é que promoverá o efetivo significado, a verdadeira compreensão e apropriação do conhecimento, possibilitando mobiliza-los na interação educacional.

Ainda que estudos como Educando Educadores em Turismo, o realizado pela Organização Mundial do Turismo, levantem questões pertinentes sobre a educação no turismo, há espaço para pesquisas e propostas visando construir educadores competentes para o ensino no turismo do Brasil.

O desenvolvimento desse trabalho sobre as Competências para Ensinar Turismo teve início nos primeiros contatos com as disciplinas do mestrado, foi um processo de construção pessoal, de reflexão sobre a prática pedagógica que era realizada, identificação de teorias, de pensadores e pensamentos, de tentativas de aplicação, de profundos confrontos, para a descoberta de uma identidade profissional. Esse é o resultado parcial de um compromisso assumido na colação de grau:

Prometo, como bacharel em turismo, dedicar-me à pesquisa e ao desenvolvimento sustentável do turismo, empenhar-me pelo engrandecimento do fenômeno turístico, no Brasil e no Mundo; preservar o turismo como instrumento de paz, bem-estar e entendimento entre os povos; e zelar pelos valores éticos da profissão.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A casa – a escola.** [http://www.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/r_alves/id090301.htm]
- ALVES, Rubem. **Primeira lição para os educadores.** Disponível em: http://www.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/r_alves/id200301.htm. Acesso em: 07/04/01.
- ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Formação e capacitação profissional em turismo e hotelaria.** São Paulo: Aleph, 2002.
- ARBACHE, Jorge Saba. **O mercado de trabalho na atividade econômica do turismo no Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização do turismo.** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento.** Campinas, SP: Papyrus, 2000.
- BARRETTO, Margarita. **Produção científica no turismo.** Palestra proferida no IV Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades, Porto Alegre em agosto de 2002.
- BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo.** SENAC, 1998.
- BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo.** São Paulo: Aleph, 2002.
- BISSOLI, Maria Ângela Marques Ambrizi. **Estágio em turismo e hotelaria.** São Paulo: Aleph, 2002.
- BORDENAVE, Juan Díaz. PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem.** Vozes, 1988.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1988.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: análise e organização.** Porto Alegre: Sulina, 1975.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante do século XX**. Caxias do Sul, RS: UCS, 1986.

CHANLAT, Jean François. **Quais carreiras e para qual sociedade? (I)** RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 6, p. 67-75, Nov./Dez. 1995.

CHANLAT, Jean François. **Quais carreiras e para qual sociedade? (II)** RAE – Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 36, n. 1, p. 13-20, Jan./Fev./Mar. 1996

Cognitive Design Associates. **Uma teoria altamente relevante sobre o aprendizado adulto**. Extraído do site da Cognitive Design Associates. Acesso em: 07/05/98.

COLOMBINI, Luís. **Acorda moçada**. Revista Você S.A. edição de dezembro, 1998. [<http://www2.uol.com.br/vocesa/edi6/trainee.html>]

COOPER, Chris. SHEPHERD, Rebecca. WESTLAKE, John. **Educando educadores em turismo: manual de educação em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Roca, 2001.

DA RE, Castorina B. Zimmer. **Diretrizes curriculares nacionais: Competências e habilidades do técnico e do bacharel em turismo**. 1999. Monografia (Curso de Pós Graduação em Administração de Turismo), INPG, Florianópolis.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. Futura, 1998.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior**. São Paulo: Aleph, 2002.

DEPRESBITERIS, Léa. **Concepções atuais de educação profissional**. SENAI/DN, 1999. (Série SENAI Formação de Formadores).

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados. 1999.

DRUCKER, Peter. **As novas realidades**. Pioneira, 1991.

DUTRA, Joel Souza. **Administração de carreira: uma proposta para repensar a gestão de pessoas**. São Paulo: Altas, 1996.

EMBRATUR. A indústria do turismo no Brasil: perfil e tendências. EMBRATUR.1996.

FAURE, Edgar. **Aprender a ser**. Alianza Universidad Unesco, Madrid, 1972

FERGUSON, Marilyn. **A conspiração aquariana**. São Paulo: Record, 1991.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Introdução ao estudo da consciência**. Curitiba: Genesis, 1998.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Sistemas de educação à distância**. INTERNET

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Ergonomia cognitiva**. Anotações das aulas ministradas no 1º trimestre de 2001 no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **Introdução ao estudo da consciência**. Anotações das aulas ministradas no 3º trimestre de 2000 no Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da UFSC. Florianópolis.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GAGNÉ, Robert. **The conditions of learning**. ASTD-USA, 1996

GARCIA, Manuel Enriquez. **Absorção de mão-de-obra, escolaridade e salários na hotelaria brasileira**. Turismo em Análise. São Paulo: ECA-USP, 1996, v 7, n.1, p.26-35.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HANDY, Charles. **The age of unreason**. Havard, 1989.

<http://www.uol.com.br/vestibuol/links/universidades.htm>, em 05/04/02 às 23:00.

ISA, Isabel García. MARINÉ, Fernando Bayón. **Gestión de recursos humanos: manual para técnicos en empresas turísticas**. Madrid: Síntesis, 1995.

- KNOWLES, Malcolm. **L'apprenat adulte**. Ed. d'organisation. Paris, 1990.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- KRIPPENDORF, Jost. **Cartão vermelho ao turismo? 10 princípios e desafios para um desenvolvimento sustentável do turismo no século 21**. Palestra proferida no II Fórum Social Mundial em Porto Alegre, janeiro de 2002.
- KUAZAQUI, Edmir. **Marketing Turístico e de Hospitalidade**. São Paulo: Makron Books, 2000.
- LAGE, Beatriz. MILONE, Paulo. **Economia do Turismo**. Papirus, 1996.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Instituto Piaget, Lisboa, 1994
- LUDOJOSKI, Roque. **Andragogia - educación del adulto**. Ed. Guadalupe, 1986
- MACHADO, Nilson José. **Disciplinas e competências na educação profissional**. USP, [s.d.]
- MARTINS, Hélio Tadeu. **Gestão de carreiras na era do conhecimento: abordagem conceitual e resultados de pesquisa**. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2001. 204p.
- MATIAS, Marlene. **Turismo: formação e profissionalização (30 anos de história)**. Barueri: Manole, 2002.
- MAY, Rollo. **O homem a procura de si mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MESQUITA, Peri. **Piaget e Vygotski: um diálogo inacabado**. Curitiba: Champagnat, 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO, Secretaria de Educação Superior, Departamento de Políticas do Ensino Superior, Comissão de Especialistas de ensino de Administração – CEEAD - **Modelo de enquadramento das propostas de diretrizes curriculares**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/Turismo-DC.rtf>. Acesso em: 09/04/01.
- MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.
- MONTEJANO, Jordi M. **Estructura del mercado turístico**. Madrid: Síntesis, 1996.

- MONTEJANO, Jordi M. **Psicosociología del turismo**. Madrid: Síntesis, 1996.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MUCCHIELLI, Roger. **A formação de Adultos**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- NERI, Carlos, e outros, **Textos, tramas y dígitos**. La última frontera. UBA, 1997
- OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. Florianópolis, SC: Terceiro Milênio, 1998.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.
- OMT. Organizacion Mundial del Turismo. **Código de ética mundial para o turismo**. Assembléia Geral da Organização Mundial do turismo: Santiago do Chile, 1999.
- OMT. Organizacion Mundial del Turismo. **El turismo después del 11 de septiembre de 2001: análisis, medidas correctoras y perspectivas**. Informe Especial, Número 18. Comité para la Reactivación del Turismo (Primera reunión). Londres, 2001.
- OMT. Organizacion Mundial del Turismo. **Reunión del Comité para la Reactivación del Turismo de la OMT**. Informe especial número 19. Comité para la Reactivación del Turismo en la Región Mediterránea, primer seminario. Madrid, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Educando educadores en turismo**. Espanha: Instituto de Turismo, empresa y sociedad. Universidad Politécnica de Valencia, 1995.
- PAQUAY, Léopold. PERRENOUD, Phillipe (Org.). **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PATRUCCO, Luis Gustavo. **Turismo após 11 de setembro**. Palestra proferida no XXIII Congresso Brasileiro de Turismo em Foz do Iguaçu, maio de 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Construindo competências**. Revista Nova Escola, set. 2000. Entrevista concedida a Paola Gentile e Roberta Bencini da Revista Nova Escola. Disponível em: http://www.uol.com.br/novaescola/ed/135_set00/html/perre_portugues.DOC. Acesso em: 21/03/01.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica**. Revista Brasileira de Educação, Set-Dez 1999, n° 12, pp. 5-21. Disponível em: http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_1999/1999_34.html. Acesso em: 21/05/01.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

Revista Nova Escola Jan./Fev. 2001, n.139.

Revista Nova Escola Setembro de 2000, n. 135.

ROSSETTO, Liciane. **Andragogia no turismo**. 1997. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica das Organizações e do Desempenho Humano). Escola Superior de Administração e Gerência, UDESC, Florianópolis.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. REJOWSKI, Mirian. CACCIAMALI, Maria Cristina. **Cursos e programas de ensino em turismo: realidade de cinco cidades brasileiras**. Turismo em Análise. São Paulo:ECA-USP,1996, v 7, n.1, p.7-25.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo no Brasil: análise e tendências**. Barueri: Manole, 2002.

RUSCHMANN, Dóris. **Marketing turístico**. Papirus, 1991.

SARTOR, Lourdes Fellini. **Introdução ao turismo**. EDUCS, 197?

SENAC. **Turismo no Brasil: um guia para o guia**. SENAC, 2002.

SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. Best Seller, 1990.

SILVA Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Aprendizagem significativa: o lugar do conhecimento e da inteligência**. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/aprendiz/aprenderonline/Aprender/artigos/index.htm>>.

Acesso em 21/05/01.

SOARES, Holgonsi. **A importância da autonomia**. Jornal A Razão, Santa Maria (RS), em jun.1998.

SOARES, Holgonsi. PEREIRA, Maria Arleth. **O sentido da autonomia no processo de globalização**. Revista EDUCAÇÃO - Centro de Educação-Universidade Federal de Santa Maria (RS), V.22, N. 02, 1998.

SOUZA, Cláudio. **O inventor do turismo**. Revista ÍCARO BRASIL. Junho, 2000. <www.icarobrasil.com.br> Acesso em junho de 2000.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A importância dos cursos de turismo**. Brasilturis Jornal. 2ª quinzena de outubro de 2002. <www.brasilturisjornal.com.br> Acesso em 17/10/2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. São Paulo, SP: SENAC, 1998.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. Papyrus, 1992.

WTTC. World Travel & Tourism Council. Year 2001: **Tourism Satellite Accounting Research** - Latin America. London: WTTC, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A: DEMONSTRATIVO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO

Em 1996, segundo dados do Ministério da Educação e EMBRATUR, existiam 38 instituições de ensino do turismo no país, sendo que destas somente 36 constam no levantamento conforme quadro a seguir. Não foram inseridas instituições de ensino da região centro-oeste, ou instituições autorizadas como é o caso da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Florianópolis. Rejowski (1996) indica a existência de 32 cursos superiores de turismo e hotelaria no Brasil até o ano de 1994.

Região Sul		
Faculdade	Curso	Ano de Início
Universidade Federal do Paraná	Turismo	1978
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas Foz do Iguaçu	Turismo	1985
PUCRS	Turismo	1971
Universidade de Caxias do Sul	Turismo	1994
Universidade de Caxias do Sul	Técnico em Turismo	1978
Universidade de Caxias do Sul	Administração Hoteleira	1978
Universidade do Vale do Itajaí	Turismo e Hotelaria	1990
Universidade Luterana do Brasil	Turismo	1992

Região Sudeste		
Faculdade	Curso	Ano de Início
Centro de Aperfeiçoamento e Administração Hoteleira do SENAC	Curso Superior de tecnologia em Hotelaria	1989
CEATEL	Técnico em Hotelaria	1991
Anhembi/Morumbi	Turismo	1970 ou 1971
Ibero-Americana	Turismo	1972 ou 1973
Ibero-Americana	Administração Hoteleira	1995
UNIP – Universidade Paulista	Turismo	1990
Renascença	Hotelaria	1984
USP ECA	Turismo	1973
Capital	Turismo	1972
OSEC	Turismo	1976
AELIS – Associação Educacional do Litoral Santista	Turismo	1972 ou 1976

Faculdade da Cidade	Turismo	1982 ou 1974
Instituto A. Alonso	Turismo	1975
FNEL	Turismo	-
FTEPC Magno	Turismo	-
Estácio de Sá	Turismo	-
Estácio de Sá	Administração Hoteleira	-
Instituto Newton Paiva	Turismo	1986 ou 1980
Faculdade de Turismo de Guarapari	Ecoturismo	1990
PUC Campinas	Turismo	1977 ou 1974
FRCS São João do Rio Preto	Turismo	1995

Região Nordeste		
Faculdade	Curso	Ano de Início
CEFET-BA	Administração Hoteleira	1978
Faculdade de Turismo da Bahia	Administração Hoteleira	1994
Faculdade de Turismo da Bahia	Turismo	1993 ou 1984
UNIFOR Fortaleza	Turismo	1991
UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco	Turismo	1975
FACEX-RN	Turismo	1991
UNIPEC	Turismo	1990
Universidade Federal de Pernambuco	Turismo	1976
FACS Salvador	Turismo	1996
Universidade Federal do Maranhão	Técnico em Turismo	1987
Universidade Federal do Maranhão	Técnico em Hotelaria	1987

Região Norte		
Faculdade	Curso	Ano de Início
Universidade Federal do Pará	Turismo	-
Universidade Federal do Pará	Administração Hoteleira	-
Sociedade Educacional de Manaus	Turismo	1995

Fonte: Adaptados de “A Indústria do Turismo no Brasil: Perfil e Tendências”. EMBRATUR, 1996.

* Foram acrescentadas informações com base em Rejowski (1996).

Ainda que incompleto esse quadro oferece uma base para análise da carência na oferta de educação para o turismo até o ano de 1996, e destaca uma concentração dos cursos na região sudeste com aproximadamente 49% da oferta, seguida da região nordeste com cerca de 25%, a região sul com quase 19% e a região norte com aproximadamente 7% dos cursos de graduação. Na região centro oeste o documento da EMBRATUR não registra nenhum curso de graduação.

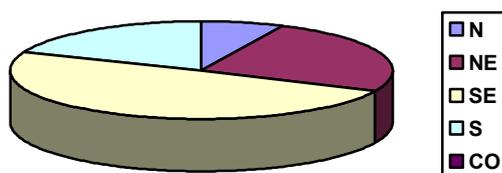


Gráfico demonstrativo da proporção percentual dos cursos até 1996, conforme informações da EMBRATUR.

Considerando o período de início dos cursos e as fases vivenciadas (ANSARAH, 2002), onde a década de 70 corresponderia ao período de criação, a década de 80 ao período de estagnação e a década de 90 de valorização, o estudo sobre a “Indústria” do Turismo no Brasil apresenta aproximadamente 35% dos cursos com início na fase de criação, 16% na fase de estagnação e 35 % na fase de valorização. Cerca de 14% não informam o ano de início.

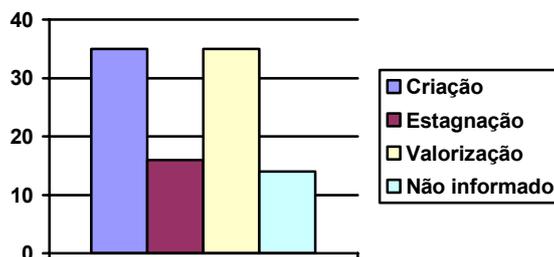


Gráfico demonstrativo da proporção percentual dos cursos conforme a década do início

O Ministério da Educação mantém em sua página na Internet um demonstrativo dos cursos superiores autorizados e reconhecidos no período de 1995 a 2000.

Data	IES	Município	UF	Modalidade	Curso	STATUS
Norte: RO 01, AM 03, AP 01, RR, PA, AC, TO.						
1998	Instituto Manauara de Ensino Superior	Manaus	AM	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 15/06/2003
1999	Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas	Manaus	AM	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 19/10/2005
1998	Faculdade de Turismo da Amazônia	Manaus	AM	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 23/12/2002
2000	Faculdade SEAMA	Macapá	AP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade São Lucas	Porto Velho	RO	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado

Nordeste: MA 01, PI 02, CE 01, RN 01, PB 02, PE 04, AL 02, SE 03, BA 09.						
1999	Faculdade de Alagoas	Maceió	AL	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Alagoana de Administração	Maceió	AL	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Santíssimo Sacramento	Alagoinhas	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Educação Montenegro	Ibicaraí	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Diplomata	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Salvador de Turismo	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 02/08/2005
1997	Centro de Educação Superior de Salvador	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1995	Faculdade de Turismo de Salvador	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1997	Faculdades Integradas da Bahia	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Tecnologia e Ciências	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Visconde de Cairu	Salvador	BA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Evolutivo	Fortaleza	CE	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Atenas Maranhense	São Luís	MA	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas	Campina Grande	PB	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Instituto Paraibano de Ensino Renovado	João Pessoa	PB	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Comunicação e Turismo de Olinda	Olinda	PE	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
Nordeste (continuação)						
1999	Faculdade Santa Helena	Recife	PE	Bacharelado Ênfase em Hotelaria	Turismo	Curso autorizado
2000	Universidade Federal de Pernambuco	Recife	PE	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 12/10/2005
2000	Faculdade Salesiana do Nordeste	Recife	PE	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade das Atividades Empresariais de Teresina	Teresina	PI	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Administração de Teresina	Teresina	PI	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Natal	RN	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 03/10/2003
1999	Universidade Tiradentes	Aracaju	SE	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 22/03/2005
1999	Universidade Tiradentes	Aracaju	SE	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 22/03/2005
1995	Faculdade de Turismo Mauro Passos	Aracaju	SE	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado

Centro-Oeste: MT 02, MS 05, GO 03 e DF 06						
1999	Faculdade CECAP do Lago Norte	Brasília	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Euro-Americana	Brasília	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Instituto de Educação Superior de Brasília	Brasília	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Instituto de Educação Superior de Brasília	Brasília	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Cenequista de Brasília	Ceilândia	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade da Terra de Brasília	Recanto das Emas	DF	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Caldas Novas	Caldas Novas	GO	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Alves Faria	Goiânia	GO	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Instituto Unificado de Ensino Superior Objetivo	Goiânia	GO	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Univesidade Católica Dom Bosco	Campo Grande	MS	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 13/04/2005
2000	Faculdade Vale do Aporé	Cassilândia	MS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1996	Faculdades Integradas de Coxim	Coxim	MS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Selvíria	Selvíria	MS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdades Integradas de Três Lagoas	Três Lagoas	MS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Afirmativo	Cuiabá	MT	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Ciências Jurídicas e Administrativas de Rondonópolis	Rondonópolis	MT	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado

Sudeste: MG 09, ES 06, RJ 04, SP 46						
2000	Faculdade de Administração da Serra	Serra	ES	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Centro de Ciências Sociais de Vila Velha	Vila Velha	ES	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 16/02/2005
2000	Faculdade Novo Milênio	Vila Velha	ES	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha	Vila Velha	ES	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Ciências e Educação do Espírito Santo	Vitória	ES	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Instituto de Ensino Superior e Formação Avançada de Vitória	Vitória	ES	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Administração de Empresas	Belo Horizonte	MG	Bacharelado	Turismo e Hotelaria	Curso autorizado
2000	Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte	Belo Horizonte	MG	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1997	Faculdade de Turismo	Formiga	MG	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Pitágoras de Turismo e Hotelaria de Montes Claros	Montes Claros	MG	Bacharelado	Turismo e Hotelaria	Curso autorizado
2000	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Poços de Caldas	MG	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 12/10/2004
2000	Faculdade da Cidade de Santa Luzia	Santa Luzia	MG	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1996	Faculdade de Turismo	Santos Dumont	MG	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Instituto de Ensino Superior "Presidente Tancredo de Almeida Neves"	São João Del Rei	MG	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Santa Marta	São Lourenço	MG	Bacharelado	Turismo e Hotelaria	Curso autorizado
2000	Faculdades Integradas de Jacarepaguá	Rio de Janeiro	RJ	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1997	Universidade Estácio de Sá	Rio de Janeiro	RJ	Bacharelado	Hotelaria	Curso reconhecido até

						20/11/2002
Sudeste (continuação)						
2000	Faculdade Paraíso	São Gonçalo	RJ	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Estácio de Sá de Vitória	Vitória	RJ	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Centro de Estudos de Administração em Turismo e Hotelaria	Águas de São Pedro	SP	Tecnólogo	Tecnologia em Hotelaria	Curso reconhecido até 15/07/2005
1999	Faculdade de Americana	Americana	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdades Integradas Toledo	Araçatuba	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale da Jurumirim	Avaré	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Sudoeste Paulista	Avaré	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Instituto de Ensino Superior do Oeste Paulista	Barretos	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Piratininga Bertioga	Bertioga	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1997	Centro de Estudos de Administração em Turismo e Hotelaria	Campos do Jordão	SP	Tecnólogo	Tecnologia em Hotelaria	Curso autorizado
1999	Faculdade Integradas Módulo	Caraguatuba	SP	Tecnólogo Habilitação em Agenciamento	Tecnologia em Turismo	Curso e habilitação autorizados
1999	Faculdade Integradas Módulo	Caraguatuba	SP	Tecnólogo Habilitação em Meios de Hospedagem	Tecnologia em Turismo	Curso e habilitação autorizados
1999	Faculdade Integradas Módulo	Caraguatuba	SP	Tecnólogo Habilitação em Eventos	Tecnologia em Turismo	Curso e habilitação autorizados
1999	Faculdade Casa Branca	Casa Branca	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Adélia Camargo Corrêa	Guarujá	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Universidade de Guarulhos	Guarulhos	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 23/08/2005
1999	Instituto de Ensino Superior de Itapira	Itapira	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Jaguariúna	Jaguariúna	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdades Integradas de Jales	Jales	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Instituto Superior de Ciências Aplicadas	Limeira	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Centro Universitário Salesiano de São Paulo	Lorena	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Integração - Zona Oeste	Osasco	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade de Ciências Gerenciais	Paraguaçu Paulista	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Bandeirantes	Ribeirão Preto	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Sant'Anna de Salto	Salto	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Sant'Anna de Salto	Salto	SP	XXXX	Hotelaria	Curso autorizado
2000	Instituto de Ensino Superior de Alphaville	Santana do Parnaíba	SP	Bacharelado Habilitação em Hotelaria	Turismo	Curso e habilitação autorizados
2000	Faculdade Octógono	Santo André	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Santo André	Santo André	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado

Sudeste (continuação)						
1999	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila	Santo André	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Universidade do Grande ABC	Santo André	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 22/10/2005
2000	Faculdade Anchieta	São Bernardo do Campo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Centro de Ensino Superior de São Carlos	São Carlos	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	União das Faculdades dos Grandes Lagos	São José do Rio Preto	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 22/03/2003
2000	Faculdade Marechal Rondon	São Manoel	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Universidade São Judas Tadeu	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 16/02/2003
1999	Faculdade de Belas Artes de São Paulo	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Independente Butantã	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Ciências Humanas São Paulo	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Brasília de São Paulo	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Centro Universitário Nove de Julho	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 25/12/2004
2000	Faculdade Interlagos de Educação e Cultura	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Integral Cantareira	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Educação e Cultura Montessori	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Universidade Bandeirante de São Paulo	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido em caráter especial
2000	Faculdade Magister	São Paulo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Taboão da Serra	Taboão da Serra	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Vinhedo	Vinhedo	SP	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado

Sul: PR 25, RS 12, SC 15						
2000	Faculdade de Apucarana	Apucarana	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Internacional de Curitiba	Curitiba	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Organização Paranaense de Ensino Técnico - OPET	Curitiba	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Dinâmica-ADEC	Foz do Iguaçu	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Novo Ateneu de Guarapuava	Guarapuava	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdades Integradas de Maringá	Maringá	PR	Bacharelado	Turismo e Hotelaria	Curso autorizado
1999	Faculdade Nobel	Maringá	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade União de Quedas do Iguaçu	Quedas do Iguaçu	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Faculdade Metropolitana de Curitiba - FAMEC	São José dos Pinhais	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu	São Miguel do Iguaçu	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Sul Brasil	Toledo	PR	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
	<i>Pontifícia Universidade Católica do Paraná</i>	<i>Curitiba</i>	<i>PR</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	
	<i>Universidade federal do Paraná</i>	<i>Curitiba</i>	<i>PR</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	
	<i>Universidade de Tuiuti Paraná</i> <i>Faculdades de Ciências</i>	<i>Curitiba</i>	<i>PR</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	

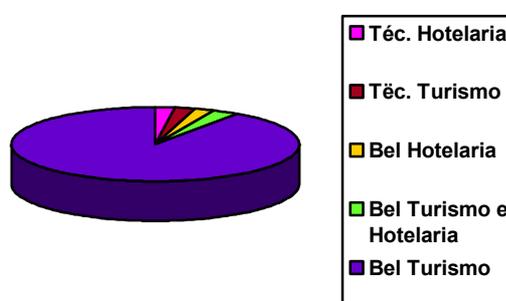
	Sociais Aplicadas					
Sul (continuação)						
	Centro Universitário Positivo – UNICENP	Curitiba	PR	Bacharelado	Turismo	
	Faculdades Integradas Curitiba	Curitiba	PR	Bacharelado	Turismo	
	Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE	Foz do Iguaçu	PR	Bacharelado	Turismo	
	Centro de Estudo Superior de Foz do Iguaçu – UNIGUAÇU	São Miguel	PR	Bacharelado	Turismo	
	Faculdades Nobel	Maringá	PR	Bacharelado	Turismo	
	Centro de Ensino Superior de Maringá	Maringá	PR	Bacharelado	Turismo	
	Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	PR	Bacharelado	Turismo	
	Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FEA	Campo Mourão	PR	Bacharelado	Turismo	
	Faculdades Mater Dei	Pato Branco	PR	Bacharelado	Turismo	
	Fundação Faculdade Municipal de Administração e Ciências Econômicas – FACE	União da Vitória	PR	Bacharelado	Turismo	
	Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL	Londrina	PR	Bacharelado	Turismo	
1998	Universidade de Caxias do Sul - UCS	Canela	RS	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 19/10/2003
2000	Faculdades Rio-Grandenses	Porto Alegre	RS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade de Administração do Instituto Metodista de Educação e Cultura	Porto Alegre	RS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1996	Universidade Luterana do Brasil	Torres	RS	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido
	Centro Universitário Franciscano - UNIFRA	Santa Maria	RS	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
	Universidade Federal de Pelotas – UFPEL	Pelotas	RS		Turismo	Curso Autorizado
	Universidade Católica de Pelotas – UCPEL	Pelotas	RS		Turismo	Curso Autorizado
	Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC	Santa Cruz do Sul	RS	Bacharelado	Turismo	
	Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ	Cruz Alta	RS	Bacharelado	Turismo	Curso Autorizado
	Centro Universitário FEEVALE	Novo Hamburgo	RS			
	Faculdade de Ciências Contábeis de Taquara – FACCAT	Taquara	RS	Bacharelado	Turismo	Curso Autorizado
	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões – URI	Santo Ângelo	RS	Bacharelado	Administração em Turismo	
1971	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	Bacharelado	Turismo	
2000	Instituto Blumenauense de Ensino Superior - FURB	Blumenau	SC	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Florianópolis ASSESC	Florianópolis	SC	Bacharelado	Hotelaria	Curso autorizado
1998	Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Florianópolis ASSESC	Florianópolis	SC	Bacharelado	Turismo	Curso reconhecido até 28/09/2001
1999	Escola Superior de Hotelaria – CESETH	Florianópolis	SC	Tecnólogo	Tecnologia em Hotelaria	Curso autorizado

2000	Faculdade de Ciências Sociais	Indaial	SC	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
1999	Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina	Joinville	SC	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
2000	Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina	São José	SC	Bacharelado	Turismo	Curso autorizado
	<i>Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI</i>	<i>Itajaí</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo e Hotelaria</i>	
	<i>Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI</i>	<i>São José</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo e Hotelaria</i>	
	<i>Centro de Educação Superior Fundação ESAG</i>	<i>Florianópolis</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Administração: habilitação turismo</i>	<i>Curso autorizado</i>
	<i>Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL</i>	<i>Florianópolis</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo Hotelaria Gastronomia</i>	<i>Cursos autorizados</i>
	<i>Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL</i>	<i>Araranguá</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	<i>Cursos autorizados</i>
	<i>Instituto Blumenauense de Ensino Superior – IBES</i>	<i>Blumenau</i>	<i>SC</i>		<i>Turismo</i>	
	<i>Sociedade Ligeana de Educação – SLE</i>	<i>Lages</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	
	<i>Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC</i>	<i>Joaçaba</i>	<i>SC</i>	<i>Bacharelado</i>	<i>Turismo</i>	

- falta: Ijuí

Quadro adaptado das informações disponíveis no www.mec.gov.br, consultado em 04/04/2002. Informações em itálico foram acrescentadas com base em Ansarah (2002)

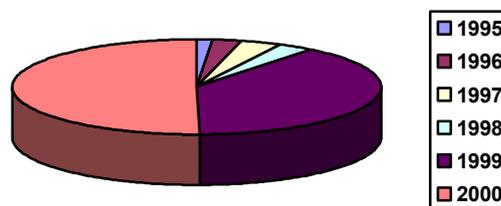
Quanto ao curso e modalidade foram encontrados nos registros do MEC três cursos de tecnólogo em hotelaria, três cursos de tecnólogo em turismo e também três cursos de bacharelado em hotelaria. O bacharelado em turismo registra cento e vinte cursos enquanto que em turismo e hotelaria são quatro cursos, totalizando cento e trinta e três cursos superiores de formação na área de turismo e hospitalidade lançados em 5 anos.



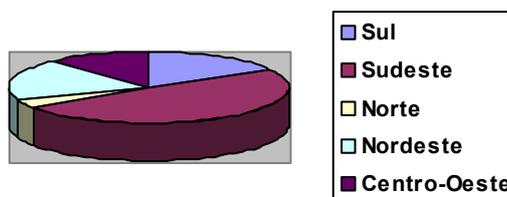
Quanto à data de autorização ou reconhecimento foram encontrados dois cursos no ano de 1995, três em 1996, cinco em 1997, quatro em 1998, cinquenta e dois em 1999 e sessenta e sete cursos no ano 2000. O total de cento e trinta e três

cursos superiores de turismo e hotelaria registrados em cinco anos fornece uma média de 26,6 novos cursos por ano.

Gráfico demonstrativo pela data de autorização ou reconhecimento:

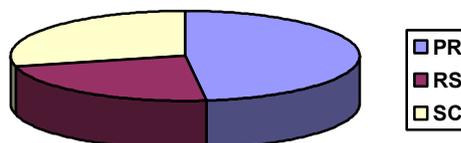


Demonstrativo da distribuição dos cursos por região:



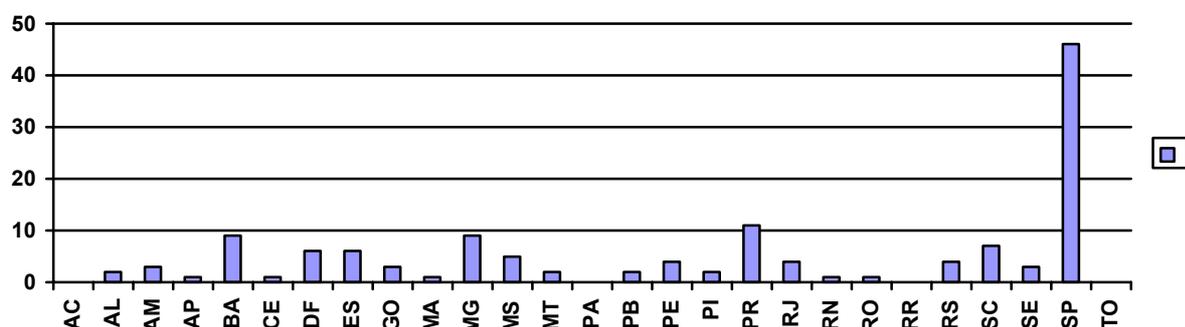
Conforme a planilha do MEC a Região Sul possui vinte e dois cursos sendo onze no Paraná, quatro no Rio Grande do Sul e sete em Santa Catarina. No levantamento realizado foram encontrados registros de cinquenta e dois cursos, vinte e cinco no Paraná, doze no Rio Grande do Sul e quinze em Santa Catarina.

Gráfico dos Cursos na Região Sul



O Sudeste conta com sessenta e cinco cursos, destes nove em Minas Gerais, seis no Espírito Santo, quatro no Rio de Janeiro e no estado de São Paulo são quarenta e seis cursos. No Centro-Oeste são dezesseis cursos sendo que o Mato Grosso está com dois, Mato Grosso do Sul cinco cursos, Goiás tem três e o Distrito Federal seis cursos autorizados ou reconhecidos entre os anos de 1995 e 2000.

Foram encontrados registros de vinte e cinco cursos na região Nordeste do Brasil, destes o Maranhão, Rio Grande do Norte e Ceará têm um curso em cada estado, o Piauí, a Paraíba e Alagoas contam com dois cursos em cada estado, o Sergipe tem três, Pernambuco quatro e Bahia nove cursos superiores. O Norte brasileiro tem um curso nos estados de Rondônia e também Amapá, enquanto que o Amazonas conta com três cursos. Os estados de Acre, Pará, Roraima e Tocantins não registram cursos superiores de turismo e hotelaria nos cinco anos que antecederam 2000, de acordo com os dados do MEC.



Pesquisa em todos os estados e em todos os tipos de instituição para o curso de Turismo:

1. Associação de Ensino de Santa Catarina
2. Associação de Ensino Superior do Piauí
3. Associação de Ensino Superior Unificado do Centro Leste
4. Associação Educacional Leonardo da Vinci
5. Associação Vitoriana de Ensino Superior
6. Centro de Ensino Superior de São Carlos
7. Centro de Estudos Superiores de Maceió
8. Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas
9. Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás
10. Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo
11. Centro Integrado de Ensino Superior do Amazonas
12. Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal
13. Centro Universitário Assunção
14. Centro Universitário Barão de Mauá
15. Centro Universitário Capital

16. Centro Universitário da Cidade
17. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas
18. Centro Universitário de Araraquara
19. Centro Universitário de Barra Mansa
20. Centro Universitário de Belo Horizonte
21. Centro Universitário de Brasília
22. Centro Universitário de Ciências Gerenciais da Una
23. Centro Universitário de Rio Preto
24. Centro Universitário de Vila Velha
25. Centro Universitário de Votuporanga
26. Centro Universitário do Maranhão
27. Centro Universitário do Norte Paulista
28. Centro Universitário Feevale
29. Centro Universitário Fieo
30. Centro Universitário Franciscano
31. Centro Universitário Fumec
32. Centro Universitário Ibero-americano
33. Centro Universitário Luterano de Palmas
34. Centro Universitário Monte Serrat
35. Centro Universitário Moura Lacerda
36. Centro Universitário Nilton Lins
37. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
38. Centro Universitário Nove de Julho
39. Centro Universitário Plínio Leite
40. Centro Universitário Positivo
41. Centro Universitário Salesiano de São Paulo
42. Centro Universitário Sant'anna
43. Faculdade Adélia Camargo Corrêa
44. Faculdade Afirmativo
45. Faculdade Alagoana de Administração
46. Faculdade Associada de Cotia
47. Faculdade Atenas Maranhense
48. Faculdade Brasília de São Paulo
49. Faculdade Cambury

50. Faculdade Cecap
51. Faculdade da Terra de Brasília
52. Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal de Garça
53. Faculdade de Americana
54. Faculdade de Belas Artes de São Paulo
55. Faculdade de Caldas Novas
56. Faculdade de Ciências Econômicas de Araçatuba
57. Faculdade de Ciências Gerenciais
58. Faculdade de Ciências Humanas de Mairiporã
59. Faculdade de Ciências Humanas de Olinda
60. Faculdade de Ciências Jurídicas e Administrativas de Rondonópolis
61. Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN
62. Faculdade de Jaguariúna
63. Faculdade de Tecnologia e Ciências
64. Faculdade de Turismo de Santos Dumont
65. Faculdade Estácio de Sá de Belo Horizonte
66. Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande
67. Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina
68. Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha
69. Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão
70. Faculdade European
71. Faculdade Evolutivo
72. Faculdade Independente Butantã
73. Faculdade Integração da Zona Oeste
74. Faculdade Integrada da Bahia
75. Faculdade Integrada do Ceará
76. Faculdade Integrada do Recife
77. Faculdade Machado de Assis
78. Faculdade Metropolitana de Curitiba
79. Faculdade Montessori
80. Faculdade Nobel
81. Faculdade Novo Milênio
82. Faculdade Octógono
83. Faculdade Opet

84. Faculdade Pinheirense
85. Faculdade Santa Marta
86. Faculdade Santíssimo Sacramento
87. Faculdade São Lucas
88. Faculdade Sudoeste Paulista
89. Faculdade Taboão da Serra
90. Faculdades Alves Faria
91. Faculdades Asper
92. Faculdades Bandeirantes
93. Faculdades COC
94. Faculdades de Guarapari
95. Faculdades Diplomata
96. Faculdades Domus
97. Faculdades Guarapuava
98. Faculdades Integradas Cândido Rondon
99. Faculdades Integradas Cantareira
100. Faculdades Integradas Curitiba
101. Faculdades Integradas da Upis
102. Faculdades Integradas de Jacarepaguá
103. Faculdades Integradas de Jales
104. Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul
105. Faculdades Integradas de São Paulo
106. Faculdades Integradas Hélio Alonso
107. Faculdades Integradas Módulo
108. Faculdades Integradas Olga Mettig
109. Faculdades Integradas Rui Barbosa
110. Faculdades Integradas Teresa D'ávila - Santo André
111. Faculdades Integradas Toledo
112. Faculdades Montenegro
113. Faculdades Objetivo - Brasília
114. Faculdades Objetivo - Goiânia
115. Faculdades Objetivo - Manaus
116. Faculdades Rio-grandenses
117. Faculdades Senac

118. Fefisa Faculdades Integradas
119. Fundação Educacional Comunitária Formiguense
120. Fundação Faculdade Municipal de Administração e Ciências
Econômicas
121. Fundação Visconde de Cairu
122. Instituto de Educação Superior de Brasília
123. Instituto de Educação Superior de João Pessoa
124. Instituto de Educação Superior Unyahna
125. Instituto de Ensino Superior da Funlec
126. Instituto de Ensino Superior de Itapira
127. Instituto de Ensino Superior do Pantanal
128. Instituto Mairiporã de Ensino Superior
129. Instituto Superior Luterano de Educação de Santa Catarina
130. Isca Faculdades
131. Pontifícia Universidade Católica de Campinas
132. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
133. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
134. Pontifícia Universidade Católica do Paraná
135. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
136. União das Faculdades dos Grandes Lagos
137. Unicentro Newton Paiva
138. Universidade Anhembi Morumbi
139. Universidade Bandeirante de São Paulo
140. Universidade Braz Cubas
141. Universidade Católica de Pernambuco
142. Universidade Católica de Petrópolis
143. Universidade Católica Dom Bosco
144. Universidade Cidade de São Paulo
145. Universidade Cruzeiro do Sul
146. Universidade de Caxias do Sul
147. Universidade de Cruz Alta
148. Universidade de Fortaleza
149. Universidade de Franca
150. Universidade de Marília

151. Universidade de Ribeirão Preto
152. Universidade de Santa Cruz do Sul
153. Universidade de Santo Amaro
154. Universidade de São Paulo
155. Universidade de Sorocaba
156. Universidade de Três Corações
157. Universidade de Uberaba
158. Universidade do Contestado
159. Universidade do Estado de Minas Gerais
160. Universidade do Grande ABC
161. Universidade do Sagrado Coração
162. Universidade do Sul de Santa Catarina
163. Universidade do Vale do Itajaí
164. Universidade do Vale do Paraíba
165. Universidade Estácio de Sá
166. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
167. Universidade Estadual de Ponta Grossa
168. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
169. Universidade Federal da Paraíba
170. Universidade Federal de Juiz de Fora
171. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
172. Universidade Federal de Ouro Preto
173. Universidade Federal de Pelotas
174. Universidade Federal de Pernambuco
175. Universidade Federal do Maranhão
176. Universidade Federal do Pará
177. Universidade Federal do Paraná
178. Universidade Federal do Rio Grande do Norte
179. Universidade Guarulhos
180. Universidade Ibirapuera
181. Universidade Luterana do Brasil
182. Universidade Metodista de Piracicaba
183. Universidade Metodista de São Paulo
184. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal

185. Universidade Paulista
186. Universidade Potiguar
187. Universidade Regional de Blumenau
188. Universidade Salvador
189. Universidade São Francisco
190. Universidade São Judas Tadeu
191. Universidade São Marcos
192. Universidade Tiradentes
193. Universidade Tuiuti do Paraná
194. Universidade Vale do Rio Doce
195. Universidade Veiga de Almeida

Pesquisa em todos os estados e em todas os tipos de instituição para o curso de Hotelaria:

1. Associação de Ensino de Santa Catarina
2. Castelli Escola Superior de Hotelaria
3. Centro de Ensino Superior de Maringá
4. Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas
5. Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás
6. Centro Universitário Campos Andrade
7. Centro Universitário Capital
8. Centro Universitário do Triângulo
9. Centro Universitário Fieo
10. Centro Universitário Monte Serrat
11. Escola Superior de Hotelaria
12. Faculdade de Apucarana
13. Faculdade de Ensino Superior de São Miguel do Iguaçu
14. Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais
15. Faculdade Drummond
16. Faculdades Integradas Hebraico Brasileiras Renascença
17. Faculdades Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista - IPA
18. Faculdades Rio-grandenses - FARGS
19. Faculdades Senac
20. Faculdades Unificadas de Foz do Iguaçu

21. Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão
22. Universidade de Caxias do Sul
23. Universidade de Mogi das Cruzes
24. Universidade de Sorocaba
25. Universidade do Estado da Bahia
26. Universidade do Grande ABC
27. Universidade do Oeste de Santa Catarina
28. Universidade do Oeste Paulista
29. Universidade do Vale do Itajaí
30. Universidade Estácio de Sá
31. Universidade Estadual do Oeste do Paraná
32. Universidade Federal de Pernambuco
33. Universidade Federal do Maranhão
34. Universidade Ibirapuera
35. Universidade Norte do Paraná
36. Universidade Paranaense
37. Universidade Potiguar
38. Universidade Salgado de Oliveira
39. Universidade São Francisco
40. Universidade São Marcos

Referência:

<http://www.uol.com.br/vestibuol/links/universidades.htm>, em 05/04/02 às 23:00.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional X situação brasileira. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

EMBRATUR. **A indústria do turismo no Brasil**: perfil e tendências. EMBRATUR, 1996.

ANSARAH, Marília. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.

APÊNDICE B: PERFIL DOS DOCENTES EM TURISMO DO INSTITUTO PORTO ALEGRE DA IGREJA METODISTA - IPA.

O Curso de Turismo ênfase Hotelaria da Faculdade de Administração do Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista – IPA - teve seu funcionamento autorizado no primeiro semestre do ano 2000, e realizou o primeiro processo seletivo para o segundo semestre do mesmo ano. A estrutura curricular está organizada ao longo de oito semestres com carga horária total de 3.000 horas, incluindo o estágio curricular supervisionado.

A missão do curso, conforme descrito no documento de Autorização é:

Fornecer uma sólida formação técnica e ampla formação cultural (vertical e horizontal): profissional qualificado, crítico, polivalente e criativo, capaz de operacionalizar, com valores cada vez mais diferenciados, a atividade profissional de Bacharel em Turismo, através de uma formação ao mesmo tempo generalista – no sentido tanto de conhecimentos específicos como de ampla visão do mundo, e de conhecimentos de áreas afins.

A visão para a formação de lideranças, através da gestão de negócios é evidenciada pelo objetivo geral do curso:

Formar profissionais para área do Turismo, com ênfase em Hotelaria, com visão global, multidisciplinar, crítica, prática e científica. Ou seja, instrumentalizados o suficiente para, em suas respectivas áreas de competência, serem capazes de atuar no mercado de turismo, tendo como foco principal à prestação dos serviços de atendimento a hotéis ou similares e de operacionalização de equipamentos turísticos, incluindo agências e operadoras de viagens, restaurantes e afins, bem como de áreas de entretenimento, animação e promoção, como também saberem avaliar e solucionar os principais problemas dos referidos segmentos, visando seus desenvolvimentos sustentáveis e rentáveis, vendo-os como fenômenos econômicos e sociais. Ou seja, habilitar profissionais capazes de manifestar uma consciência de efetiva cidadania, com sólidos princípios éticos em sua atuação no mercado, no trato com as populações receptoras e com relação ao ambiente natural e cultural dos locais visitados, assim como de internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional.

A composição do quadro docente do curso passou por algumas modificações desde o primeiro processo seletivo, motivado principalmente pelas adequações necessárias ao Projeto Pedagógico e ao Currículo do Curso. Para a descrição dos docentes do curso que segue será utilizado o quadro docente do 2º semestre de 2002.

Titulação: Tabela Resumo de Docentes

Titulação	Quantidade	% do Total
Graduação	1	4,0%
Especialização	10	41,5%
Mestrado	11	46,0%
Doutorado	2	8,5%
Total	24	100%

Valores com arredondamento.

Docentes em Capacitação

Titulação	Quantidade	% do Total
Mestrando	6	25,0%
Doutorando	4	17,0%
Total	10	42,0%

Valores com arredondamento.

Docentes com Formação em Turismo:

Titulação	Quantidade	% do Total
Graduação	07	29,2%
Especialização	03	12,5%
Mestrado (em curso)	01	4,2%
Doutorado	00	

Valores com arredondamento.

Os professores com formação em turismo do total de 24 profissionais que compõem o quadro docente são 07 bacharéis, o que corresponde à cerca de 30% dos educadores, todos egressos da mesma Instituição de Ensino Superior (Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul - PUCRS).

Todos os bacharéis em turismo têm Pós Graduação Lato Sensu, sendo que 03 em Produção e Gestão do Turismo (42,85% dos bacharéis em turismo, 12,5% do

quadro docente), e os outros 04 em áreas diversas: 01 em Administração Hoteleira, 01 MBA Executivo em Marketing, 01 em Gestão em Serviços e 01 em Gestão Estratégica das Organizações e do Desempenho Humano.

Dos 07 Bacharéis em Turismo 04 estão com Pós Graduação Stricto Sensu em programas de mestrado em andamento sendo, 01 em turismo (14,28% dos bacharéis em turismo, 4,16% do quadro docente), 02 em Engenharia de Produção (28,57% dos bacharéis em turismo) e 01 em Ciências Empresariais (14,28% dos bacharéis em turismo). No período pesquisado mais 02 bacharéis (28,57%) estavam em processo seletivo para mestrado em turismo na Universidade de Caxias do Sul - UCS.

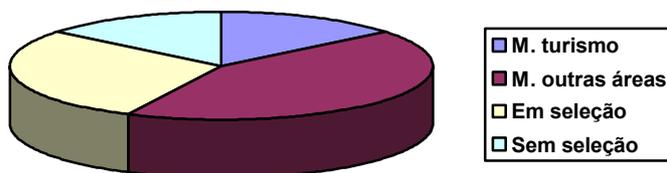


Gráfico: Bacharéis em Turismo em Capacitação

Todos os Bacharéis em Turismo possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo. Dos bacharéis 01 com experiência acadêmica superior a cinco anos.

Quadro as disciplinas de Formação Básica, Instrumental, Profissional e Complementar e respectiva carga horária

DISCIPLINAS	Carga Horária	ÁREAS
Filosofia	30	FORMAÇÃO BÁSICA
Noções de Direito	60	
Psicologia Geracional	30	
Geografia do Brasil	60	
História do Brasil	60	
Sociologia I e II	60	
Economia Geral do Turismo	60	
História da Cultura	60	
SUBTOTAL FORMAÇÃO BÁSICA	420	
Estatística	30	
Contabilidade I e II	60	
Língua Estrangeira: Inglês I, II, III e IV	120	
Língua Estrangeira: Espanhol I, II, III e IV	120	
SUBTOTAL FORMAÇÃO INSTRUMENTAL	330	
Introdução à Administração	60	FORMAÇÃO PROFISSIONAL
Fundamentos de Turismo e Hotelaria	60	
Comunicação e Expressão	60	
Comunicação e Relações Humanas	60	
Administração de Alimentos e Bebidas I e II	120	
Ordenamento e Uso Sustentável de Espaços Turísticos	30	
Cerimonial e Protocolo	30	
Projetos Experimentais I e II	120	
Agência de Viagens e Transportadoras	60	
Mercadologia para o Turismo e Hotelaria	60	
Turismo Ecológico	30	
Tópicos Emergentes de Turismo e Hotelaria	60	
Controles Gerenciais e Análise Financeira	60	
Gestão da Informação em Turismo	60	
Gestão de Processos Empresariais de Turismo	60	
Planejamento e Organização do Turismo	60	
Gestão da Informação em Hotelaria	60	
Gestão de Processos Empresariais de Hotelaria	60	
Planejamento de Hotéis	60	
Planejamento Estratégico de Negócios	60	
Qualidade e Produtividade	60	
Organização de Eventos	60	
SUBTOTAL FORMAÇÃO PROFISSIONAL	1350	
Estudos da Realidade Brasileira	30	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
Ética Profissional	30	
Cultura Religiosa	30	
Geografia Universal	60	
Saúde, Recreação e Lazer	60	
História Universal	60	
Patrimônio Turístico Cultural	60	
Metodologia e Técnicas de Pesquisa I e II	90	
Técnica Publicitária	60	
Dinâmica de Grupo no Turismo e na Hotelaria	30	
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) *	90	
SUBTOTAL FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	600	
Estágio Supervisionado	300	ESTÁGIO
Subtotal	300	
TOTAL GERAL	3000	

Quadro resumo com o total de horas das disciplinas de Formação Básica, Instrumental, Profissional e Complementar

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA	PERCENTUAIS
Formação Básica	420	14%
Instrumental	330	11%
Profissional	1350	45%
Complementar	600	20%
Estágio Supervisionado	300	10%
TOTAL	3000	100%

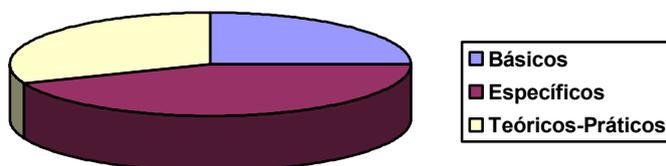


Gráfico demonstrativo da organização curricular dos conteúdos: Conteúdos Básicos 25%; Conteúdos Específicos 44% e Conteúdos Teórico-Práticos 31%.

Das disciplinas de Formação Profissional que correspondem a 45% da carga horária total, 60% são ministradas por Bacharéis em Turismo e 40% por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 57,15% são doutores e 42,85% doutorandos.

As disciplinas de Formação Complementar correspondem a 20% da carga horária total, dessas 36% são ministradas por Bacharéis em Turismo, e 64% por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 14% doutores e 14% doutorandos, 43% mestres e 29% mestrandos.

Para atingir o objetivo de formar profissionais com visão prática e instrumentalizados o projeto do curso prevê para o 1º semestre de 2003 a implantação de quatro laboratórios: Eventos, Agência de Viagens, Hospedagem e Alimentos e Bebidas. Todos laboratórios com projeto desenvolvido por bacharéis em turismo com experiência profissional de atuação no mesmo setor do projeto. Desses profissionais, dois estão em fase de conclusão do mestrado e outros dois participando de processo seletivo.

Considerações sobre o levantamento de dados:

O Curso Superior de Turismo ênfase Hotelaria do IPA foi lançado dentro do período de expansão quantitativa da oferta de cursos de graduação na área. O quadro docente está dentro do perfil de outros cursos de graduação autorizados no mesmo período, com destaque para o número de professores bacharéis em turismo em processo de capacitação para titulação no mestrado. No geral nota-se a procura por titulação em mestrado e doutorado, com 42% dos docentes em programas de capacitação.

O perfil do egresso está em consonância com a proposta das Diretrizes Curriculares Nacionais no que se refere às habilidades e competências, sendo que o currículo reflete a transição do elenco de disciplinas dos Currículos Mínimos para a indicação dos Conteúdos Curriculares (Básicos, Específicos e Teórico-Práticos), a distribuição dos conteúdos está organizada de forma harmônica nos três eixos de formação.

A adequação do curso a realidade regional e a ênfase em hotelaria, confirmam a quebra com a uniformidade dos antigos Currículos Mínimos e o novo paradigma proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais no que se refere a privilegiar “competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais”. A realidade regional e a ênfase em hotelaria são reflexos do aumento quantitativo de meios de hospedagem, em especial redes internacionais, que se estabeleceram na Grande Porto Alegre nos últimos dez anos.

APÊNDICE C: PERFIL DOS DOCENTES EM TURISMO DA ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE SANTA CATARINA - ASSESC

O Curso de Turismo da Escola Superior de Turismo e Hotelaria da Associação de Ensino de Santa Catarina – ASSESC - teve seu funcionamento autorizado em dezembro de 1994, e realizou o primeiro processo seletivo para o primeiro semestre do ano de 1995. A estrutura curricular é anual e está organizada ao longo de quatro anos com carga horária total de 2.952 horas, incluindo o estágio curricular supervisionado. O curso foi reconhecido no ano de 1998 com renovação do reconhecimento prevista para o segundo semestre de 2002.

A grade curricular foi alterada em 1998 passando de 3 anos para 4 anos letivos, e modificando algumas disciplinas, para que as disciplinas de formação básica tivessem o caráter de aplicação direta a formação tornando-se mais específicas. Algumas disciplinas tiveram adequação de carga horária e outras foram incluídas por sugestão da comissão do MEC responsável pelo reconhecimento do curso.

O projeto do curso faz menção ao Parecer nº 35/71 propondo a formação em nível superior de profissionais capacitados para o planejamento e a organização do Turismo, os objetivos do curso estão assim expressos:

(...) analisar, dentro de uma metodologia própria, o significado do desenvolvimento do Turismo como agente sócio-econômico de transformação, bem como o seu impacto frente à própria estrutura cultural da sociedade regional e local.

A visão para uma Educação Holística é norteadora da Mantenedora e enunciada no projeto, como uma visão ampla e sistêmica, onde os dirigentes pretendem:

(...) que o Curso de turismo não se limite apenas a formar profissionais licenciados, mas que contribua igualmente para o aprimoramento da cidadania, ou mais precisamente, para o aprimoramento de cidadãos responsáveis, possibilitando que os mesmos, mediante reflexões, percebam que são partes componentes de um universo, onde o equilíbrio e a interação de um conjunto são essenciais dentro de uma perspectiva de mudança constante e permanente.

(...) formar profissionais competentes para exercer atribuições de consultoria aos municípios catarinenses através das respectivas secretarias municipais de Turismo.

A composição do quadro docente do curso passou por muitas modificações desde o primeiro processo seletivo, tendo permanecido dois professores desde o ano de início do curso (1995) e mais um professor que ingressou por ocasião do início de sua disciplina em 1997. Para a descrição dos docentes do curso que segue foi utilizado o quadro docente do 2º semestre de 2002.

Titulação: Tabela Resumo de Docentes

Titulação	Quantidade	% do Total
Graduação	05	24%
Especialização	05	24%
Mestrado	11	52%
Doutorado	00	-
Total	21	100%

Valores com arredondamento.

Docentes em Capacitação

Titulação	Quantidade	% do Total
Mestrando	4	19%
Doutorando	2	10%
Total	6	29%

Valores com arredondamento.

Docentes com Formação em Turismo:

Titulação	Quantidade	% do Total
Graduação	07	34%
Especialização	00	-
Mestrado (em curso)	01	5%
Doutorado	00	-

Valores com arredondamento.

Os professores com formação em turismo do total de 21 profissionais que compõem o quadro docente são 07 bacharéis, o que corresponde à cerca de 34% dos educadores, sendo que 05 dos bacharéis egressos da própria Instituição de Ensino Superior, 01 de outra instituição do sul do país e 01 de outro país (Chile).

Dos 07 Bacharéis em Turismo 03, possuem o título de mestre (42,8% dos bacharéis), sendo um em Lingüística, um em Engenharia de Produção e um em Engenharia Ambiental. Estão em Pós Graduação Stricto Sensu em programas de mestrado em andamento 02 bacharéis sendo 01 em turismo (14,3%% dos bacharéis em turismo, 4,8% do quadro docente) e 01 em Engenharia de Produção (14,3% dos bacharéis em turismo).

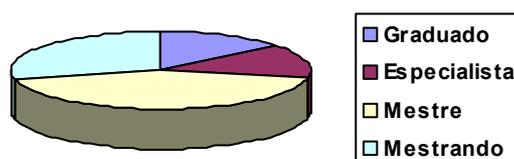


Gráfico: Titulação dos Bacharéis em Turismo

Dos Bacharéis em Turismo 02 possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo, e 02 com experiência acadêmica igual ou superior a cinco anos.

Quadro as disciplinas de Formação Básica, Instrumental, Profissional e Complementar e respectiva carga horária

DISCIPLINAS	Carga Horária	ÁREAS
Comunicação e Expressão	72	FORMAÇÃO BÁSICA
História do Brasil	72	
História da Cultura	144	
SUBTOTAL FORMAÇÃO BÁSICA	288	
Estatística aplicada ao Turismo	72	Formação instrumental
Inglês Instrumental I e II	144	
Espanhol Instrumental	72	
SUBTOTAL FORMAÇÃO INSTRUMENTAL	288	
Introdução à Administração de Empresas	72	FORMAÇÃO PROFISSIONAL
Teoria Geral do Turismo	144	
Administração Hoteleira	72	
Gestão de Recursos Humanos no Turismo	72	
Marketing Aplicado ao Turismo	144	
Planejamento e Organização de Eventos	72	
Planejamento e Organização do Turismo I	72	
Laboratório de Eventos	72	
Sistemas de Informação em Turismo	72	
Agência de Viagens e Transportes	72	
Ecoturismo	72	
Gestão de Empresas Turísticas	72	

Turismo Internacional	72	
Seminários Vivenciais em Turismo	72	
Planejamento e Organização do Turismo III	144	
SUBTOTAL FORMAÇÃO PROFISSIONAL	1296	
Estudos da Realidade Brasileira	72	FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
Direito e Legislação Aplicada	72	
Geografia do Brasil aplicada ao Turismo	108	
Geografia Mundial do Turismo	72	
Economia aplicada ao Turismo	72	
Sociologia do Turismo	72	
Planejamento Local e Regional	72	
Metodologia da Pesquisa Científica	36	
Técnica Publicitária e Promocional	72	
Trabalho de Avaliação Interdisciplinar (TCC) *	72	
SUBTOTAL FORMAÇÃO COMPLEMENTAR	720	
Estágio Supervisionado	360	ESTÁGIO
Subtotal	360	
TOTAL GERAL	2952	

Quadro resumo com o total de horas das disciplinas de Formação Básica, Instrumental, Profissional e Complementar

DISCIPLINAS	CARGA HORÁRIA	PERCENTUAIS
Formação Básica	288	10%
Instrumental	288	10%
Profissional	1296	44%
Complementar	720	24%
Estágio Supervisionado	360	12%
TOTAL	2952	100%

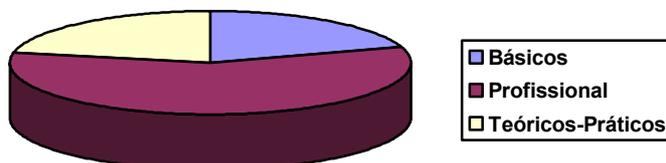


Gráfico demonstrativo da organização curricular dos conteúdos: Conteúdos Básicos 20%; Conteúdos Profissionais 58% e Conteúdos Teórico-Práticos 22%.

Das disciplinas de Formação Profissional que correspondem a 44% da carga horária total, 74% são ministradas por Bacharéis em Turismo e 26% por profissionais de outras áreas de conhecimento, sendo todos mestres.

As disciplinas de Formação Complementar correspondem a 24% da carga horária total, todas são ministradas por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 10% doutorandos, 50% mestres, 20% mestrandos e 20% especialistas.

Para atender aos conteúdos Teórico-práticos o curso conta com: Laboratório de Agência de Viagens, Laboratório de Eventos, Hotel Escola e Sistema Galileu no Laboratório de Informática em 15 máquinas. Todos laboratórios orientados e supervisionados por professores bacharéis em turismo, com experiência profissional de atuação no mesmo setor do projeto.

Considerações sobre o levantamento de dados:

O Curso Superior de Turismo da ASSESC foi lançado dentro do período de valorização dos cursos de graduação na área. O quadro docente está dentro do perfil da maior parte dos demais cursos de graduação autorizados no mesmo período, porém um volume considerável de instituições que lançaram seus cursos de turismo na década de 90 investiram ou buscaram parcerias para melhorar a titulação de seu quadro docente.

É possível destacar o número de professores bacharéis em turismo, em especial os egressos da própria instituição onde os que ainda não possuem título de mestre estão em processo de capacitação para titulação no mestrado. No geral nota a procura por titulação em mestrado e doutorado é razoável com 29% dos docentes em programas de capacitação.

O perfil do egresso está em consonância com a potencialidade turística do estado de Santa Catarina no que se refere ao planejamento e a organização do turismo, sendo que algumas das habilidades e competências arroladas nas Diretrizes Curriculares Nacionais são contempladas. O currículo atual reflete a transição do elenco de disciplinas dos Currículos Mínimos para a indicação dos Conteúdos Curriculares (Básicos, Específicos e Teórico-Práticos), a distribuição dos conteúdos está enfatizando o eixo de Conteúdos de Formação Profissional.

A adequação do curso a realidade regional e a ênfase ao planejamento, confirmam a quebra com a uniformidade dos antigos Currículos Mínimos e o novo paradigma proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais no que se refere a privilegiar “competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais”.

APÊNDICE D: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CURSOS

ANALISADOS

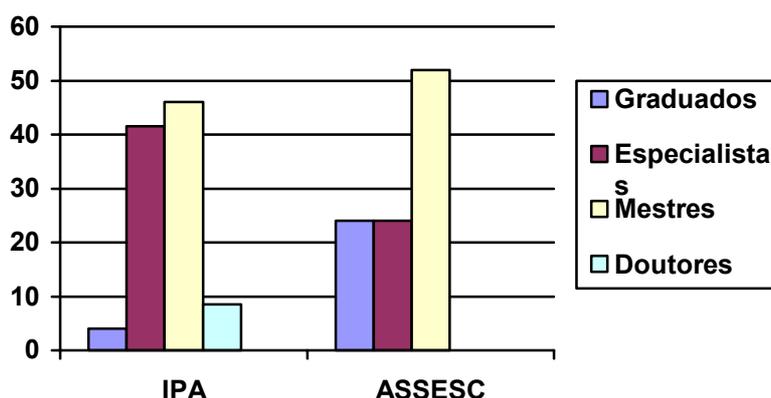
Os Cursos de Turismo do Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista – IPA – e da Associação de Ensino de Santa Catarina – ASSESC - foram concebidos e tiveram seus inícios em fases subseqüentes da educação superior em turismo no Brasil, enquanto o curso da ASSESC foi lançado na fase denominada por Ansarah (2002) de valorização, o curso do IPA foi lançado na fase de aumento quantitativo.

O perfil desejado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais - de formar de um profissional para atuar em mercados competitivos e em constante transformação, de quem as cujas opções geram impactos sociais, econômicos e no meio ambiente natural - é contemplado nos dois cursos no que se refere ao propósito e a organização curricular, ainda que a ASSESC priorize o Planejamento e a Organização do Turismo, voltado para a consultoria na área pública e o IPA priorize a Gestão de Negócios em especial nas empresas hoteleiras.

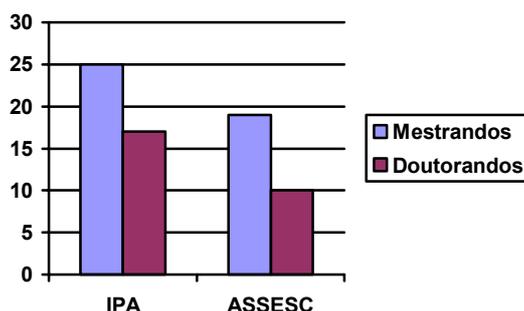
O projeto da ASSESC enfatiza a atuação em uma ambiente em constante transformação, enquanto que o projeto do IPA enfatiza a competitividade. No que se refere a uma formação ao mesmo tempo generalista e especializada, nos dois cursos a organização curricular oportuniza atender a esta orientação, ainda que possa parecer dúvida.

Ambos priorizam uma visão global e integrada. As idéias de cidadania, ética e responsabilidade social estão presentes nos objetivos dos dois cursos, ainda que de certa forma implícitas em algumas afirmações, de forma mais reflexiva no documento da ASSESC e mais técnicas no documento do IPA.

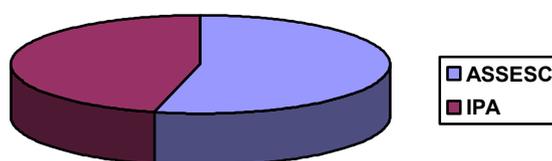
Nas duas Instituições de Ensino a composição do quadro docente foi alterada desde o início do curso. O percentual de professores que apresenta somente graduação é maior na ASSESC representando 24% do docente, enquanto no IPA este percentual é de 4%, o volume de especialistas no IPA é de 41,5% e de 24% da ASSESC, os mestres totalizam 52% dos docentes da ASSESC e 46% do IPA, e somente o IPA conta com doutores em seu quadro docente, representando 8,5% do total de professores.



Os docentes em programas de capacitação representam 42% dos professores do IPA e 29% dos professores da ASSESC, sendo que 25% dos professores do IPA estão com mestrado em andamento e 19% da ASSESC. No doutorado são 17% dos professores do IPA e 10% dos professores da ASSESC.



A formação como Bacharel em Turismo representa 34% do quadro de professores da ASSESC e 29,2% dos professores do IPA.



Docentes com Formação em Turismo

Dos Bacharéis em Turismo da ASSESC 03 têm titulação de mestre e 02 estão com Pós Graduação *Stricto Sensu* no mestrado em andamento sendo que dos bacharéis do IPA 04 estão em capacitação no mestrado. No Pós Graduação *Lato Sensu*, todos bacharéis do IPA tem o título de especialista.

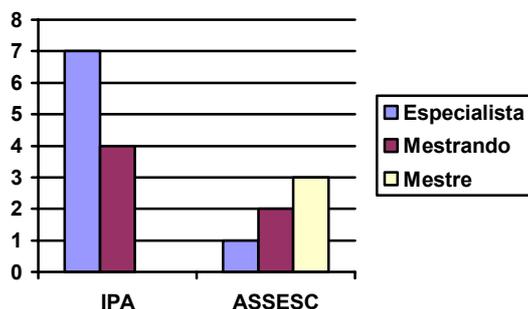
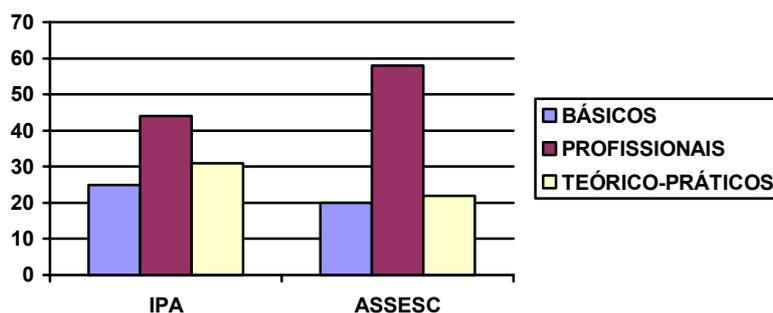


Gráfico: Bacharéis em Turismo com Titulação ou em Capacitação

Todos os Bacharéis em Turismo do IPA possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo, sendo que 01 com experiência acadêmica superior a cinco anos. Dos Bacharéis em Turismo da ASSESC 02 possuem mais de cinco anos de experiência profissional não acadêmica em turismo, e 02 com experiência acadêmica igual ou superior a cinco anos, sendo 01 com atuação no ensino médio.

A composição curricular da grade de disciplinas está dividida em: formação básica representa 14% no IPA e 10% na ASSESC, a formação instrumental é 11% da grade curricular do IPA e 10% da grade da ASSESC, disciplinas de formação profissional são 45% do currículo do IPA e 44% do currículo da ASSESC, a formação complementar é 20% do currículo do IPA e 24% do currículo da ASSESC e o estágio corresponde a 10% no IPA e 12% na ASSESC. O resultado é relativamente equilibrado, os índices que apresentam maior diferença estão nas disciplinas que na ASSESC seriam de formação básica, mas que por receberem um direcionamento de aplicação passaram a constituir disciplinas de formação complementar.

Considerando o critério de organização curricular das DCN com três eixos, sendo Conteúdos Básicos, Conteúdos Profissionais e Conteúdos Teórico-Práticos, tem-se o seguinte:



Das disciplinas de Formação Profissional que correspondem a 45% da carga horária total do IPA, 60% são ministradas por Bacharéis em Turismo e 40% por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 57,15% são doutores e 42,85% doutorandos. Das disciplinas de Formação Profissional que correspondem a 44% da carga horária total da ASSESC, 74% são ministradas por Bacharéis em Turismo e 26% por profissionais de outras áreas de conhecimento, sendo todos mestres.

As disciplinas de Formação Complementar correspondem a 20% da carga horária total do IPA, dessas 36% são ministradas por Bacharéis em Turismo, e 64% por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 14% doutores e 14% doutorandos, 43% mestres e 29% mestrandos. As disciplinas de Formação Complementar correspondem a 24% da carga horária total da ASSESC, todas são ministradas por profissionais de outras áreas de conhecimento, dos quais 10% doutorandos, 50% mestres, 20% mestrandos e 20% especialistas.

Para viabilização dos Conteúdos Teórico-Práticos, enquanto o IPA tem projetos para laboratórios a ASSESC já os oferece em funcionamento, tanto para os projetos do IPA quanto para os laboratórios já existentes na ASSESC são Bacharéis em Turismo com experiência profissional os responsáveis pela orientação e supervisão das atividades.